



**Uma estrela
em forma de flor**

Arthur Bernardes de Oliveira

Uma estrela em forma de flor

Arthur Bernardes de Oliveira

2014

UMA ESTRELA EM FORMA DE FLOR

Arthur Bernardes de Oliveira

Data da publicação: 28 de julho de 2014

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro
REVISÃO: Astolfo Olegário de Oliveira Filho
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430
Fone: (43) 3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Observação: A foto da capa foi feita no dia do casamento do autor, em 28 de julho de 1957.

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

O45e

Oliveira, Arthur Bernardes de, 1931-.
Uma estrela em forma de flor / Arthur Bernardes de Oliveira ; revisão de Astolfo O. de Oliveira Filho ; capa Cláudia Rezende Barbeiro . - Londrina, PR : EVOC, 2014.
186 p.

1. Espiritismo. 2. Oliveira, Arthur Bernardes de, 1931- memórias. 3. Literatura espírita. I. Astolfo O. de Oliveira Filho. II. Barbeiro, Cláudia Rezende. III. Título.

CDD 133.9
19.ed.

Sumário

Explicação preliminar,	5
Dedicatória,	7
À guisa de prefácio,	8
Abrindo a sessão,	10
I - Vaivém incessante,	12
II - A primeira visão,	14
III - O primeiro vexame,	16
IV - A armadilha está pronta!,	18
V - Mas o bote falhou,	20
VI - O baile e a cerveja,	22
VII - Na dança do fogo,	24
VIII - Nem homem, nem fera,	26
IX - Singelo detalhe,	28
X - Aqui me defino,	31
XI - Vem ver a família,	33
XII - Entenda-se o termo,	41
XIII - Retrato de santa,	44
XIV - O pai é o exemplo,	57
XV - O escândalo e a fé,	62
XVI - O emprego e o Estado,	66
XVII - Nasci pra ser livre!,	73
XVIII - O impulso e a flor,	76
XIX - Não vi nada mais!,	79
XX - Guarani e os fantasmas,	82
XXI - Jarbinhas na cena,	89
XXII - O resto que humilha,	93
XXIII - Enfim, me casei!,	95
XXIV - Na lua de mel,	100
XXV - Um pouco de mim,	105
XXVI - Zé Teixeira, o ator,	112

- XXVII – Luiz e Borela, 118
XXVIII - Seca-bofe, o cruel, 127
XXIX - Na noite primeira, 130
XXX - Na casa marrom, 134
XXXI - Ricardo, o notável, 138
XXXII - Denise, a teimosa, 145
XXXIII - Ronaldo, o caçula, 149
XXXIV - Um médico chora, 152
XXXV - O "coitado" da Lila, 156
XXXVI - O soneto e o poeta, 161
XXXVII - A carta que não seguiu, 165
XXXVIII - Ama teus inimigos, 169
XXXIX - Retrato três por quatro, 172
XL - Peço paz para mim, 174
XLI - Boa noite, afinal!, 176
Apêndice, 177
1 - Minha mãe, 178
2 - Meu pai, 180
3 - Uma história para minhas netas, 184

Explicação preliminar

Este novo lançamento da EVOC – Editora Virtual O Consolador, de autoria de Arthur Bernardes de Oliveira, membro do Conselho Editorial da revista “O Consolador”, radicado na cidade de Guarani (MG), é uma linda história de amor e, ao mesmo tempo, um livro de memórias em que o autor relembra seus primeiros passos no campo da divulgação espírita e narra em detalhes como conheceu a jovem Elizabeth, com quem se casou em julho de 1957.

Escrito quando o autor morava na cidade de Santa Rita de Caldas (MG), o livro foi concluído há exatamente 50 anos, em 28 de julho de 1964, dia em que Arthur Bernardes de Oliveira comemorava 33 anos de idade.

Na obra, inédita até esta data, o autor traça o perfil de seus pais, Astolfo Olegário de Oliveira e Anita Borela de Oliveira, de seus irmãos e de inúmeros amigos, e menciona alguns fatos importantes do movimento espírita de sua cidade natal, a pequena Porto de Santo Antônio, hoje Astolfo Dutra (MG).

Só a leitura do capítulo XIII – Retrato de santa –, em que fala sobre a vida e a obra de sua mãe, vale pelo livro todo. Nesse capítulo, o autor lembra também um dos momentos mais comoventes desta obra, que foi a desencarnação de Anita Borela de Oliveira.

Na abertura do livro, explicando por que o escreveu, o autor fez este importante registro: “Estou fazendo hoje trinta e três anos de nascimento e sete anos de casado. É a primeira vez que passo essas datas sozinho. Minha mulher e meus filhos estão em Guarani,

onde, há quarenta dias, matam a saudade dos pais, parentes e amigos. Não puderam voltar antes, apesar de quererem e eu cá fiquei só. Enquanto espero, resolvi prestar uma homenagem a quem me tem feito tão feliz. Daí estas páginas. São todas para ela. Páginas íntimas até.”

A capa do livro foi gentilmente concebida e elaborada pela artista plástica Cláudia Rezende Barbeiro, que aproveitou, para compô-la, uma foto do casamento de Arthur e Elizabeth, a “estrela em forma de flor” que Deus lhe deu para esposa.

A Direção da EVOC

Londrina, 28 de julho de 2014

Dedicatória

À Elizabeth, estrela em forma de flor que Deus me deu para esposa.

Gratidão à família:

Anita Borela de Oliveira
Astolfo Olegário de Oliveira
Marília de Dirceu de Oliveira Faria
Amaury de Oliveira
Edna de Oliveira
Marly de Oliveira
Ayres de Oliveira
Anita de Oliveira
Eunice de Oliveira
Icléa de Oliveira
Astolfo Olegário de Oliveira Filho
Ali de Oliveira

Carinho especialíssimo:

Ao irmão Amaury de Oliveira e aos filhos Ricardo, Denise e Ronaldo.

À guisa de prefácio

Leitor amigo.

No dia que a nossa EVOC lançou ao mundo o livro “Uma estrela em forma de flor”, de Arthur Bernardes de Oliveira, comecei a lê-lo e vi-me absolutamente cativo da envolvente prosa que nele desfila.⁽¹⁾

Dizer que cativou-me o texto é pouco: apaixonei-me pela narração, de forma que adentrei na noite e fui até a página 74, vencido pelo sono e por meu estado de saúde, em tratamento pós-cirúrgico.

Desde então não me saíam da memória os ditos, os feitos, os fatos, as pessoas, as horas, as singularidades da vida tão simples e rica da sua família, sob a pena mágica de alguém que os descreveu com o coração.

Romântico por natureza, entendi e mentalmente vivenciei muitas das peripécias e das emoções do Arthur, o que é até normal para aqueles que aos oitenta anos, como eu, Deus permite lembranças...

E a especialidade da saudade é justamente fabricar lembranças...

É que eu também nasci e vivi até os 14 anos numa cidadezinha. Fiquei órfão de pai aos dois anos, eu caçula, e mais 6 irmãos, o mais velho com dezesseis...

Mas, o que me encantou foi o jeito tão gostoso de escrever do Arthur, que tem sabor inconfundível de verdade para quem lê.

⁽¹⁾ Esta obra estava incompleta quando foi editada no dia 28 de julho e assim divulgada na internet. Dias depois, sanada a falha, o livro foi reeditado e incorporou em seu texto, a título de prefácio, os comentários feitos pelo conhecido e consagrado escritor Eurípedes Kühl.

Meu tratamento médico impediu-me de continuar a leitura. Hoje completei-a e as emoções se redobram.

Não sei o que mais falou alto em minha alma, nesse belo livro, por sinal uma narração da Vida, real, pujante, bela e maravilhosa: se a forma como Arthur fala do pai, da mãe, dos irmãos/irmãs, mas principalmente de sua esposa — amor que iluminou-lhe a vida.

Tudo muito belo, tudo muito profundo, com a simplicidade das almas que respeitam a Deus, ao próximo e à Natureza.

Paro por aqui, porque já tomei muito do seu tempo.

Fique com Deus.

Eurípedes Kühl

Ribeirão Preto, 10 de agosto de 2014

Abrindo a sessão

Estou fazendo hoje trinta e três anos de nascimento e sete anos de casado. É a primeira vez que passo essas datas sozinho. Minha mulher e meus filhos estão em Guarani, onde, há quarenta dias, matam a saudade dos pais, parentes e amigos. Não puderam voltar antes, apesar de quererem e eu cá fiquei só.

Enquanto espero, resolvi prestar uma homenagem a quem me tem feito tão feliz. Daí estas páginas. São todas para ela. Páginas íntimas até.

Conheço todas, ou, pelo menos, quase todas as minhas deficiências. Principalmente as do estilo. Minha pena não anda, arrasta-se. O cérebro não raciocina, confunde-se. A frase não agrada, cansa. Mas, para ela, eu sou "o" escritor. E vai adorar estas coisas. Ela e meu pai. Vejo-o como a vaca de Homero a lamber sua cria.

Além da história, tentei um gesto de gratidão aos irmãos. Fica clara, em especial, minha predileção pelo Amaury, nosso caro Dico, a melhor pessoa que conheci nesta vida.

Creio que ele também gostará destas páginas.

Provavelmente o Ayres as achará o máximo, para não fugir ao exagero. O Astolfinho vai sorrir desconfiado. Aquele rapaz adora sorrir. As manas, creio, não verão muita graça nisso. E o Zé Teixeira (Zé Pretinho), invejoso como é, vai censurar muita coisa. No fundo, no fundo, é por não poder fazer o que eu fiz.

Os amigos, se as lessem, provavelmente gostariam do que disse sobre eles. Os que não nos conhecem as achariam desconexas, sem gosto.

Não importa. Não foi para eles que eu disse essas coisas.

Basta-me o consolo de saber que atingi o que quis. Deliciar minha esposa e dar-lhe subsídios para as histórias que conta aos meus filhos. E cumprir um dever. O de mostrar que também sei ser grato.

Arthur Bernardes de Oliveira

Santa Rita de Caldas, 28 de julho de 1964

I – Vaivém incessante

Em 1955, eu já era um moço cansado. Cansado e insatisfeito. Sentia-me um ser à procura de alguma coisa. É provável que eu não soubesse bem, então, a coisa que eu procurava.

Saído do colégio de Cataguases, no segundo ano do curso clássico em 1950, enfrentei o Rio de Janeiro para concluir o curso e cumprir um contrato como jogador de futebol do América F. C.

Já pelos tropeços da carreira, já pelos apertos na grande cidade, o ano de 1951 foi de muito desgaste. Não tive outra alternativa senão voltar para Astolfo Dutra em 1952, com uma aliança no dedo.

De Astolfo Dutra para Garça, no Estado de São Paulo, depois de um ano de algumas decepções.

Em Garça tentaria, ainda como profissional de futebol, refazer meus planos e recuperar energias para iniciar a reconstrução de minha vida.

Amigado com uma prostituta, de quem guardo as melhores recordações, vi escoar mais um ano, 1953, sem se confirmarem as esperanças que eu tanto acalentara.

O ano seguinte me leva de volta a Astolfo Dutra. Estava fundado o Ginásio Municipal Astolfo Dutra e, como professor, talvez pudesse estabilizar-me afinal.

O ginásio fora um conto do vigário Ernane Rodrigues.

Os aborrecimentos que o nefasto estabelecimento nos trouxe, sabemos bem Deus, o Sr. Jarbas e eu.

Chegara o fim do ano de 1954 e apesar da colocação estadual, que fazia pressupor um princípio de estabilidade, eu, na verdade, continuava instável.

Minha diversão eram os livros e confesso que em nenhuma outra fase da vida pude aprender tanto.

A entrada de 1955 se deu como tantas outras: melancolicamente. Mal poderia eu supor que aquele ano iria definir, realmente, o rumo de minha vida.

II – A primeira visão

Em 13 de maio de 1955, acompanhei uma caravana de espíritas à cidade de Guarani.

Íamos abrir, com a palestra do Astolfo Olegário, mais uma semana da mocidade espírita daquela terra.

Antes da reunião (nós chegáramos bem cedo, a fim de passar lá o dia todo) Laerte me fala de uma poesia apresentada no programa "Balança, mas não cai", sobre as mães, e que fizera muito sucesso. Tratava-se de "Homenagem ao Dia das Mães", de Ghiaroni, lida pelo radioator Paulo Gracindo, na sexta-feira última.

Pedi-lhe a cópia e ambos fomos aproveitar uma máquina de escrever de D. Elza Baesso, líder do movimento espírita de Guarani.

Ao entrarmos, fui apresentado ligeiramente a uma mocinha, filha da casa, na sala de visitas. Lembro-me como se fosse hoje. Estava vestida com uma roupa modesta, de listinhas suaves. Vestido caseiro.

Confesso que não a achei bonita, mas uma coisa a marcou lá dentro de mim, gostando daquela apresentação.

Fomos para o armazém, onde estaria a máquina, e lá voltei a ver aquela menina, rapidamente, já que ela nos fora levar o caderno em que estava copiada a poesia que queríamos.

Depois... não me lembro de mais nada. Sei que voltamos para casa, depois de um dia feliz, levando conosco a boa impressão produzida pela palestra do Sr. Astolfo e a satisfação das boas horas passadas com aquela gente amiga.

De nada mais me lembro daquele domingo distante. Lembro-me, no entanto, muito bem, do que se passou, ainda em Guarani, quinze dias depois.

III – O primeiro vexame

Meu pai fizera em Guarani propaganda de minha “habilidade” oratória! Eu estava começando a falar nas reuniões espíritas e não podia, como reconheço não poder até hoje, assumir compromissos de palestras espíritas com ninguém.

Mas ele tanto falou que não houve outro jeito para os diretores espíritas de Guarani senão me convidarem para falar lá também.

O Lilito (Miguel Guércio Filho) estava iniciando, com muito entusiasmo, carreira de fotógrafo amador. Grande amigo meu, e aluno bastante amigo do professor, quis acompanhar-me, de máquina a tiracolo, até lá, a fim de tirar daquela cidade algumas fotos.

A mocinha do vestido caseiro, na presidência dos trabalhos, estava linda.

Não sei se conseguiria reproduzir o que vi. Sempre fui péssimo observador. Principalmente no que se refere à roupa. Mas eu me lembro de um casaco curto, branco. A saia, parece-me que era preta. O cabelo, rabo-de-cavalo. Não vi mais nada. Apenas aquele rabo-de-cavalo bailando à minha frente.

Nem sei o que, afinal, andei falando por lá. Provavelmente terei decepcionado, já que me assentei muito antes do que deveria, em face do que eu havia preparado para falar.

Tinha programado falar sobre a educação do jovem, em face das infelicidades sociais. Ou melhor: a influência da educação na construção da felicidade.

A ideia surgira da leitura de um livrinho interessante de Arthur Riedel.

Esse professor fundara a célebre escola do “Hei de Vencer” (título do livrinho) cujos ensinamentos, ressaltados os exageros, produziam bons resultados.

Lembro-me de que a minha participação naquela tarde fora desnorteadora, pelo que deduzi das palavras de tia Elza:

“O Arthur falou tão pouco que nossa reunião acabará mais cedo. Na esperança de que ele preenchesse o horário, não tínhamos organizado outros números para o programa”.

Lá fora, a buzina insistente do carro do Chiquinho (Francisco Defilippo) insistia em dizer que eu estava demorando.

Cá dentro, aquele imenso rabo-de-cavalo bailando na minha frente e confundindo as minhas ideias.

IV – A armadilha está pronta!

Terminada a reunião, na qual ouvira uma prece muito longa do seu Juca, e uma fala muito curta de minha mãe (espírito), pela D. Cotinha, saí suando do centro.

Não sei se os ouvidos estavam suando também. Não tive tempo para reparar nisso. Mas senti que estavam todos desafogados. Finalmente eu tinha parado de falar.

Os moços, mais rápidos, deixaram a casa e rumaram para o cinema ou para as namoradas. Os velhos, aos poucos, calmos, se levantavam vagarosamente das cadeiras e respiravam aliviados.

Entrei no carro, mas senti que estava amarrado. Fios de cabelo envolviam-me todo o corpo. Uma mecha mais grossa, tipo trança, enforcava o pescoço.

No dia seguinte, acordei mais tranquilo. Até pude pensar um pouco sobre o vexame da véspera. Censurara meu pai pela propaganda indevida, censurara o Chiquinho pela buzina insistente, censurara ter aceitado o convite, tão fora de tempo ainda, censurara por fim aquele imenso rabo-de-cavalo que puseram na mesa, justamente ao meu lado.

Levantei-me decidido a uma coisa: Vou namorar aquela moça!

No domingo seguinte, creio que 15 de junho, voltei a Guarani. Estava disputando o campeonato regional por um dos times de lá, o Guarani F. C.

Ao me dirigir para a mesa a fim de assinar a súmula do jogo, passei pela moça e com uma indiferença mal disfarçada cumprimentei-a educadamente.

E, pensei cá comigo, está dado o primeiro passo.

Joguei, jogamos, todos jogaram. Voltei, voltamos, todos voltaram. Só que não me senti muito perto da vitória.

Passei a achar que a minha técnica estava ultrapassada. Só que eu já não poderia aprender técnica nova. Foi aí que surgiu a ideia. No domingo seguinte, minto, dois domingos depois, dia 7 de julho, haveria um grande baile no Clube dos Repentinos.

A armadilha estava pronta. Bastava o bote.

V - Mas o bote falhou

Mas o bote redundou no mais desastroso fracasso.

E é bom que se analise bem o que isso representava. Porque outra coisa não tenho feito, nesta vida, senão colecionar fracassos.

Eu provaria, facilmente, isso, não fosse fugir ao espírito dessa brincadeira narrada. Mas vale a sinceridade da afirmação: – Tenho sido, pelo menos fui, durante muito tempo, o mais completo colecionador de fracassos pessoais, nestas terras das Alterosas.

Mas continuemos.

Aluguei um carro, vesti o meu terno, o único, o solitário, nem muito bom, nem muito novo, mas com a grande vantagem de ser o único.

Aqui eu interrompo para uma divagação importante.

Vesti meu primeiro terno quando terminei o curso ginasial, em 1948. Estava com 17 anos. O primeiro sapato também não fazia muito tempo. Basta dizer que o calçado que me levou ao colégio em 1945 era uma chuteira velha, dada não sei por quem.

É tão importante isso que o primeiro depois foi substituído pelo único. Quando, em 1953, fui estabelecer-me em Garça, meu mano Amaury, acho que acanhado com a apresentação do irmão, e com o frio da terra, mandou-me fazer dois ternos. Para não fugir à predestinação, só um serviu. O outro ficou curto demais.

De lá para cá, não sei se por capricho ou por preguiça, o certo é que não me importei mais com roupa.

Basta dizer que, estando hoje em melhor situação do que antes, os dois ternos que tenho me foram dados: um pelo Ayres, outro pelo Simonini.

Mas vesti o meu terno, e lá fomos, Jadinha (Jáder Pacheco) e eu, rumo ao baile de Guarani. Estava absolutamente certo de que o pássaro estaria na mão. Daqule rabo, alguns fios voltariam comigo, presos na palma de minha mão.

Entramos e fomos para uma mesa lá no fundo do salão, à direita de quem entra. Parece-me que era a última mesa. Atrás de nós, apenas a porta que conduz as garotas para o reservado que foi feito para os retoques de maquilagem, mas que elas transformaram em sala de fumar.

VI – O baile e a cerveja

O garçom nos viera anunciar que, sem saber por quê, a geladeira tinha parado de funcionar e que as bebidas, portanto, não estavam geladas.

A noite estava fria e resolvemos arriscar a cerveja quente mesmo. Nada mais desagradável... Aquela coisa choca engrossando na garganta e deixando um pigarro que até hoje não desapareceu.

A mão no copo e os olhos na sala. Eu tinha dezesseis olhos cravados no salão. Com os dois do colega, que sabia do meu plano, eram dezoito olhos à procura de alguém.

A orquestra tocava um bolero. Mais outro. Outro mais. E a turma dançando. E a noite passando. E eu sem ver nada.

Carminha (Maria Carmem, futura cunhada) não perdia uma volta, mas e a irmã? João Velho me tinha dito que ambas não perdiam os bailes. Que dançavam por instinto e vocação. Mas a irmã não veio!

Finalmente a orquestra parou. Os pares se separaram e o salão ficou vazio.

Foi aí que o choque me pegou. Lá no canto oposto, em diagonal com a minha mesa estava ela. Mas não estava só.

Iniciara justamente naquele dia o namoro agourento. E o cabra não dançava. E ambos, compenetrados, do canto da sala, dominando o mundo e o tempo.

– Garçom, outra cerveja!

E bebemos a noite inteira. Cerveja quente, mas que ficou gostosa.

Na volta para casa, lembro-me bem do Jadinha sorrindo e gozando sem parar. E perguntava, para ele mesmo responder, em meio a gargalhadas:

– Que fomos fazer em Guarani?

– Beber cerveja quente. Pra isso não precisávamos ter ido a baile, e a baile fora. Bastava o bar do Zoroastro.

E eu mudo, também sorrindo, tecia novos planos para o assalto final.

VII – Na dança do fogo

A nossa Semana Espírita de 1955 começaria no dia 14 de julho, isto é, exatamente sete dias depois da cerveja quente de Guarani.

Já ouvira, pela Lila, que de Guarani viriam umas mocinhas ajudar na programação noturna. E que passariam conosco toda a semana. E que chegariam no domingo. E que entre elas estava Elizabeth.

Pensei cá comigo: aqui acertaremos as contas.

Eu tinha contra mim sete dias de namoro. Mas tinha a meu favor sete dias de reuniões. O negócio era matar nos meus sete dias a influência dos outros sete.

E isso foi fácil.

No domingo inicial, dia 14, uma brincadeira no nosso clube. Lá estivemos e eu comecei o meu jogo. Na segunda já estávamos namorando.

É bem verdade que houve por parte de algumas venerandas irmãs uma intromissão um pouco perturbadora. Definiam-me como um embrulhão e, embora de mim gostassem, temiam pelo namoro.

De meu lado o poeta Sebastião Lasneau e sua esposa D. Olívia.

E mais que todos a minha decidida vontade de construir uma vida.

Foram dias e noites de agradáveis recordações.

Lembra-me muito o Armando Falconi com a sua clarineta. No fundo do palco, ele fez a proposta:

– Se eu agradecer, vocês serão felizes. Se eu tocar mal, o namoro de vocês não dará certo.

E tocou como nunca. Depois ele mesmo me confessou que pusera na execução toda a perícia e a alma do artista.

Supersticioso, temia que por imperícia dele morresse tão cedo uma afeição tão fortemente nascida.

Lamento não ter a minha memória fixado com nitidez todas aquelas horas – as nossas primeiras horas –, as horas decisivas que serviriam para selar, definitivamente, o rumo dos nossos destinos.

É que, para provar uma vez mais a validade da sabedoria popular, nós só nos lembramos das horas em que sofremos. As boas horas, as horas felizes, quase não deixam marcas na nossa lembrança.

VIII – Nem homem, nem fera

Terminara a reunião da terça-feira. Deviam ser dez horas da noite. Todos pegaram o caminho de casa.

Descemos juntos para o repouso final. Elizabeth estava hospedada na casa da Lila e nós tínhamos seguramente um quilômetro de caminhada.

Mãos unidas timidamente, ameaçados pelos olhares bisbilhoteiros de sempre, lá íamos descendo a rua, esquecidos de tudo.

Lembro-me de que eu era apenas silêncio. Nada dizia, porque só uma coisa pensava. Agarrá-la freneticamente e apertá-la estupidamente, apertá-la até que seu corpo entrasse para dentro do meu e se misturassem as células, e o sangue, e as almas.

Os passos surdos marcavam na poeira da estrada a agitação dos meus sentimentos.

Era aquele corpo o que, na agitação de minhas noites indormidas, eu idealizara para mim. Aqueles seios, aqueles olhos, aquela boca, aqueles cabelos, aquelas pernas que eu sonhara possuir um dia.

Até hoje não sei o que segurou meu impulso. Às vezes, assaltava-me um súbito desejo de agarrá-la e com ela fugir, correndo de todos, para, no silêncio de nossa solidão, afogarmo-nos um nos carinhos do outro e, beijando, morrer.

– Chegamos!

– Interessante, disse eu, nem tinha notado.

E realmente não tinha notado que já atravessáramos o fundão e tínhamos os pés na entrada da porta.

Eu era um possesso.

Ela, na ingenuidade de seus dezessete anos, nem parou para nos despedirmos. Deu boa-noite e sumiu pela casa adentro.

E eu, fervendo de desejos, me deixei arrastar até minha casa.

Foi a noite mais intranquila que já passei.

O sono não vinha. Porque em mim só havia uma presença, que a tudo afugentava. A daquele corpo, que eu quis beijar, apertar, triturar, amassar, e que não pude.

Rolei na cama até a madrugada. Uma legião de serpentes me enroscavam o corpo. E no ferver de meus olhos acesos, vi surgir, desligando-se do teto e se pondo bem ao alcance de minhas mãos, um vulto de mulher. Firmei os olhos. Estava nua. Linda! Era ela. Avancei para agarrá-la. A visão sumiu. Abri bem os olhos.

Na sala o relógio bateu duas horas.

Sobressaltado, voltei a deitar-me e dormi.

IX – Singelo detalhe

Esqueci-me de um detalhe, cuja influência na realização do meu objetivo até hoje não pude analisar bem.

Mas eu explico.

Pela primeira vez na vida, eu sentia dificuldades sérias em começar a conversa. Já afirmei que a minha técnica primitiva fora abandonada. Aquela indiferença disfarçada de que falei, aliada a uma prosa irresistível, já não funcionava com a mesma capacidade de antes. Desarvorado, porque não conhecia outro processo senão aquele, fiquei no ar. Mudo e quedo na solidão do infinito como, poeticamente, sentenciaria o inigualável poeta português.

E a minha mudez se transformou, parece-me, em bobice.

Só isso explicaria os sorrisos e deboches que depois ouvi da Lila e, até hoje, ouço de minha esposa.

É certo que fosse bobice, nascida de uma timidez sem controle.

Eu compreendo. Estava entre duas espadas. Ou melhor, entre uma certeza e uma dúvida.

A certeza de que não poderia perder aquela mulher. Perdê-la seria para mim a última derrota. Era isso o que eu pensava então. E não mudei de ideia, neste dia, em que comemoramos o nosso sétimo aniversário de casamento.

A dúvida: Não tinha muita confiança no meu sucesso.

Creio que todos os homens, quando precisam de uma vitória, passam por isso. O medo de perder, inevitavelmente, perturba a confiança.

Aí entra o detalhe.

Eu tinha um retratinho de que até hoje gosto muito.

Como toda gente, ao se julgar, eu me achava um rapaz bonito. Hoje, não tenho mais muitas ilusões a esse respeito. Mas na época, eu tinha.

É interessante esse problema da beleza. Nunca vi ninguém que, realmente, se julgasse feio. No fundo, todos descobrem em si traços que encantam, ou que agradam.

Nada mais natural, porque o conceito de beleza não é universal. A beleza, segundo entendo, não está nas coisas, mas nos olhos que as observam. Só isso justificaria a grande diversidade de gosto. Só por isso se diz que, em matéria de gosto e de cores, não se discute.

E a sabedoria popular acrescentou: "Quem ama o feio, bonito lhe parece."

É evidente que este conceito não anula certas belezas que eu reputo universais. Sei que existem, mas são poucas.

O que não é pouco é que o conceito de belo é bastante pessoal.

Mas eu me achava bonito. E estava em boa companhia, porque minha mãe também achava.

Então, que fiz? Pedi à minha irmã Anita que entregasse à mocinha aquele meu retrato. Pensei cá comigo: – Ela vai analisar, vai me achar bonito, e o trabalho fica facilitado.

De qualquer forma isso que me parece bobice, ou ingenuidade, sei lá, serviu para me dar mais força.

Tanto que, algumas horas depois, cheguei a ela e disse:

– Preciso falar com você. Se você quiser nós subiremos juntos!

X – Aqui me defino

A subida seria para o reabastecimento espiritual.

Os habituados às semanas espíritas conhecem este tipo de reunião. São reuniões matinais, que realizamos, quase sempre, ao ar livre, para, aberto o evangelho ao acaso, estudarmos e meditarmos sobre a mensagem do dia.

Os que desejarem poderão, em tempo curto, em geral três a cinco minutos, emitir sua opinião e tecer comentários sobre o ponto lido.

Terminados os comentários, um espírita mais experimentado faz o que nós chamamos de reajustamento, coordenando as opiniões, desbastando as arestas ocasionais e resumindo a essência da lição.

Seguem-se números de cantos e de poesias, e logo após a prece de encerramento.

Subimos para o reabastecimento espiritual.

E no caminho eu lhe disse mais ou menos isto:

“Não sei se você já me conhece bem. É provável que já me conheça mal.

Tenho sido até aqui, Elizabeth, um moço marcado por desvios.

Embora seja bom, no fundo, a vida me tem obrigado a inúmeros papéis.

De mim se pode dizer com justiça ser o próprio vício que não cede.

Todos os pais se atemorizam quando me aproximo de suas filhas.

Não pelo que lhes possa fazer, quanto à dignidade ou quanto à honra, mas pela minha absoluta incapacidade para o amor.

Tenho, talvez, uma única virtude: embora não me preocupe muito em que me façam feliz, tenho capacidade plena de fazer felizes aqueles a quem amo.

Acho que a farei feliz, por isso.

Pois bem, analisando profundamente a minha vida, nesse ano e meio de meditações em Astolfo Dutra, cheguei a uma conclusão inevitável: preciso de alguém para viver comigo; preciso casar-me, e casar-me logo.

De modo que você foi a escolhida: aceita casar-se comigo?"

Uma pergunta assim, de supetão, para uma menina é um caso muito sério. Sobretudo nessa fase em que a menina só pensa em coisas fúteis. Bailes, esportes, diversões, gozar a beleza da juventude mal surgida.

Ela emudeceu compenetrada.

E apenas disse: "Vamos tentar, não é?"

XI – Vem ver a família

Já estávamos chegando ao Asilo⁽¹⁾. Meu cunhado Walter veio ao nosso encontro. Esse cunhado, pela identidade que nos aproxima, é mais do que um irmão. Casado com a Edna, às vezes eu me surpreendo na dúvida: quem é o irmão, quem é o cunhado? Penso que a natureza enganou-se. Na hora de nascer, trocou as crianças.

Não é que eu não goste de minha irmã. Absolutamente. É das irmãs a de quem gosto mais enternecidamente.

E aqui, por justiça, abro um parêntese. Talvez desnecessário. Mas já que estamos conversando, e a noite ainda é nova, não custa dizer.

Somos, ao todo, onze irmãos: cinco homens e seis mulheres. As irmãs-mulheres já estão casadas. Todas. A mais velha, a Lila, casou-se com o vereador mais novo do País: Waldemiro Correa de Faria.

O Waldemiro é um tipo caladão, mas bom sujeito. Talvez um pouco posudo demais. Por princípio. Metido na política desde cedo, apurou seu senso de apresentação e dele não se afastou jamais.

Não tem nenhum curso. Interrompeu o ginásial, na segunda série, mas continuou estudando sozinho. Leitor paciente, muito observador, conseguiu acumular cultura e representa bem na vida o seu papel. Lecionou francês

⁽¹⁾ Asilo é o nome com que todos na cidade se referiam à Fundação Espírita Abel Gomes, onde se realizam as Semanas Espíritas da cidade.

e taquigrafia na Escola Comercial de Astolfo Dutra e é uma bela pena. Talvez morosa demais. Muito presa à perfeição da forma, o que o impede de produzir muito. Nascido para a literatura ou para a burocracia, que no fundo se assemelham, não tem tido muito sucesso no comércio. O que o leva a dizer, de vez em quando, brincando, é certo: “Cunhado, todo bom artista é péssimo comerciante”.

A segunda irmã é a Edna, casada com o Walter. Walter de Oliveira: o mais simpático dos oito filhos do velho Pedro Relojeiro. O mais simpático e o melhor. Coração intensamente amoroso. Eu diria que o Walter é um imenso coração em forma de homem.

Alegre, brincalhão, jovial, amigo, o que ele tem é dos outros. E é justamente esse desprendimento que não lhe permitiu fazer fortuna para dispor de melhor conforto. Sempre preocupado com os outros, o que ganha como viajante vai se dissolvendo em favor dos outros. Não reclama, não recrimina, não discute, não acusa ninguém. Continua imperturbável sua marcha em torno de bem.

A terceira irmã é a Marly, casada com um moço de Guiricema (MG), que apareceu em Astolfo Dutra com um botequim nas costas: o Braz Parreira. Também bom, mas um pouco viciado no jogo de cartas. Têm os dois passado momentos de muita dificuldade. Seja pelas dificuldades financeiras, seja pelos sucessivos casos de doença nos filhos e nos dois.

A quarta irmã, a morena da família, a mais compenetrada de todas, no dizer do pai Astolfo, é a Anita, que herdou o nome e, alguns dizem, as virtudes da mãe.

Casou-se com um moço de Astolfo Dutra, José Jesús Cazetta, e, ambos muito novinhos, foram assentar praça na longínqua cidade de São José do Rio Preto. Não sei bem o que andam fazendo por lá. Mas a julgar-se pelo que se ouve e pelas virtudes de ambos, conquistaram a grande cidade, e seguem uma vida de felicidade capitalizada. São ambos excelentes. Particularmente, acho o marido um pouco melhor que a esposa. E se disse que a esposa é excelente, estarei fazendo justiça ao grande cunhado que é o Jesús. Filho amoroso e pai exemplar. Viajante excelente e cidadão ainda melhor. Vai vivendo uma bela vida.

As duas últimas irmãs, Eunice e Icléa, que considero as mais bonitas da família, casaram-se há pouco, quase no mesmo dia, respectivamente, com Adilson Antônio Cazetta, irmão de outro cunhado, o Jesús, e Francisco Schettini – mais conhecido pelo apelido de Pantera.

O primeiro casal está em Astolfo Dutra, no gozo de sua lua de mel, e o segundo localizou-se em Leopoldina, onde os ventos de Cupido, parece, lhe fizeram bem. Levam vida modesta, apertada, mas feliz, que é o que interessa.

Ah, meus irmãos! Você nem queira saber o que são eles! Para resumir: não conheço nem dentro, nem fora da família, gente melhor. Eu quero que você também os conheça. Não faltará oportunidade. Verá, por você mesmo, que tudo o que digo é pouco, embora absolutamente correto.

Tenho, até hoje, dificuldades em dizer, dos quatro, quem é o melhor; qual deles, o mais inteligente.

Creio que os que não pertencem à família não têm dificuldades nessa indicação. Sobretudo, quanto à inteli-

gência, porque confundem maior soma de conhecimentos ou de cultura com inteligência pura, inteligência isolada. Nem sempre a cultura maior ou menor representa maior ou menor inteligência. A cultura depende mais de oportunidade e esforço do que de inteligência em si.

Acho que os de fora, por isso mesmo, me apontariam como o mais inteligente, porque na realidade sou o que leu mais. Nem mesmo a vaidade me permitiria concordar com isso. Nem se trata de falsa modéstia.

Diz o Amaury que o melhor é o Ayres. Amaury é o mais velho. Eu sou o segundo. O Ayres é o terceiro. Seguem depois o Astolfinho e o Ali, que é o caçula.⁽²⁾ A caçulíssima não chegou a nascer. No oitavo mês acompanhou minha mãe naquela dura segunda-feira de maio (dia 8) de 1950.

Já o Ayres e o Astolfinho votariam no Amaury. E eu também. Não nos preocupamos com esse tipo de comparação. Cito-o, apenas, porque por diversas vezes tenho ouvido opiniões a esse respeito.

Para ver bem como são os meus irmãos, eu que me julgo bom, por nenhum deles sou considerado nem mesmo o terceiro. Porque há um, o Astolfinho, que vem logo depois dos dois primeiros, ou vem na cabeceira com eles.

E é aqui que eu lamento demais a minha incapacidade. Gostaria de escrever detalhadamente sobre cada um

⁽²⁾ Arthur contava 33 anos quando escreveu este livro. Os irmãos a que ele se refere contavam nessa época com as seguintes idades: Amaury de Oliveira, 35 anos; Ayres de Oliveira, 26; Astolfinho (Astolfo Olegário de Oliveira Filho), 20, e Ali de Oliveira, 18.

deles. Capacidade não me faltasse e surgiriam desta pobre máquina quatro grossos volumes aos quais se poderia dar o mesmo título: "De como ser bom vivendo-se apenas para o bem".

O ideal seria que você nos visse conversando. Para nós não há nem hora, nem lugar. Nem assunto preestabelecido. Quase sempre o assunto é um só: os problemas da família, do Asilo, dos amigos, com leves infiltrações no terreno da política.

Na política nós nos dividimos: eu e Astolfinho, mocinho de inteligência fulgurante, segundo quase todos nós, o mais inteligente da família, com decidida posição nacionalista. Nacionalismo que alguns costumam confundir com extremismo. O Amaury, acompanhando meu pai, do lado oposto. Não creio na sinceridade da sua posição. Acho-o mais preocupado com o debate do que com a política em si. O Ayres não tem lá uma posição bem definida. Começa agora a se orientar melhor e luta entre dois caminhos: seguir, como bom filho, a orientação do pai ou acompanhar os dois irmãos que não veem nos partidos dominantes a solução para os nossos problemas. O Ali, novinho ainda, não se mete nessa cumbuca. Está se formando ainda. Terminando este ano o curso de contabilidade, já com excelente bagagem literária, porque lê muito.

Quando os irmãos se juntam a vida se renova.

Quantas noites passamos juntos sem perceber, em recordações e debates memoráveis.

Os planos do Amaury... Qual! Só encostando estas teclas. Falaria a vida inteira sobre os planos do Amaury. Planos fabulosos e irrealizáveis, quase todos, mas sempre belos, puros, fulgurantes.

A pureza de seus ideais! A preocupação obsessiva com todos, indagando, perquirindo, analisando, bisbilhotando, para descobrir necessidades, e supri-las com a sua bondade.

A ingenuidade do Ayres. Ingenuidade que lhe deu o título de "o exagerado". Uma carta do Ayres é um monte de exageros. Uma notícia simples assume caráter de catástrofe. A sala treme, as cadeiras se assustam quando ele traz uma notícia nova. Ele todo é circunspeção. Os olhos se esbugalham. O coração para. O rosto se comprime. E lá vem o tufão.

Não me esqueço nunca de nosso reencontro em Caldas. O Ayres quase me matou na hora. Ao vir para o Sul, tinha deixado no hospital minha irmã Lila, com a segunda ou terceira operação de cesariana. Lá passei na manhã do dia 5, vindo para cá, e com os olhos molhados, fazendo força para sorrir, ela me deu um abraço e não disse mais nada. Se a emoção lhe deixasse, ela me teria dito: "Boa viagem, e seja feliz!"

O nó na garganta que a despedida me pôs só se foi dissipar duas horas depois, quando o cafezinho de Areal empurrou-o para baixo.

Pois bem, lá tinha ficado a Lila, curtindo as amarguras de um restabelecimento já difícil. De modo que, ao ver o Ayres entrar pela porta do Hotel Magalhães, minha primeira pergunta foi sobre ela.

E ele:

– Aconteceu uma coisa horrível!

Quase caí. A garfada que tinha posto na boca (eu estava almoçando) cresceu estupidamente e formou o maior bolo que até hoje comi.

– Uma coisa horrível!

Aquele horrível estourou como uma bomba na minha cabeça. O coração disparou. Todos pararam. Luizinho e Dr. Paulo, Juiz de Direito, que conosco comia, ficaram estupefatos. Aguardando a notícia terrível.

E o Ayres respirou fundo. Mastigou uma golfada de ar. E serenamente, naquela fisionomia de trágico, deu a notícia.

O horrível é que o Waldemiro a tinha levado para casa, antes mesmo de uma melhor recuperação, e alguns pontos se haviam rompido. Mas já estava melhor e fora de perigo. Graças a Deus! Mas quase morri!

Não, não pense que, por vivermos juntos, já nos devíamos ter acostumado com o Ayres. O Ayres é como o frio desta região. A gente não se acostuma com ele nunca. Por mais prevenidos que estejamos, por mais força que façamos, por maior que seja o desinteresse com que o ouvimos, tudo se desboroa ante as suas notícias. O homem é o próprio trágico ao nos contar uma coisa.

Já incluí nas minhas preces noturnas um pedido pessoal: "Livra-me, Senhor, das notícias do Ayres!"

O Astolfinho é a responsabilidade em pessoa. Desde cedo, desde novinho, notamos isso. Nunca tivemos com ele o menor problema. Do grupo escolar à faculdade foi sempre o primeiro da classe. Responsabilidade e personalidade. De pontos de vista muito firmes. Por isso pensa bem. Pensa bem para não precisar mudar. Nada o segura quando o coração lhe ordena alguma coisa. De empregos ótimos tem saído, sem se esquecer nunca do inevitável aviso-prévio, a fim de seguir o seu destino.

Dono de inteligência fantástica, no início deste mesmo ano enfrentou o concurso do Banco do Brasil e foi aprovado com extrema facilidade.

Certa vez, estudante em Astolfo Dutra, fundou, a expensas dele mesmo, um jornalzinho de crítica social – “O Veneno”, periódico mensal do Grêmio Literário por ele presidido. Astolfo Dutra quase lhe caiu sobre a cabeça.

Não me esqueço de seu entrevero com D. Zica e D. Isinha. “O Veneno” tinha publicado algumas coisas sobre Sueli e Ana, filhas das duas cidadãs acima nomeadas. Foi um “Deus nos acuda!” E as mães se dirigiram até o Colégio para acertar as contas com ele. E ao clamor de tantas vozes e de tantas ameaças, uma coisa ele disse que eu jamais esquecerei:

– O problema é de suas filhas. Elas dão o assunto. Eu relato. Façam com que elas não deem motivo. Porque, senão continuarei escrevendo.

Do Ali, pouco ainda se pode dizer. É inteligente, mas meio malandrão. É verdade que o emprego o sacrifica muito. Quase não lhe sobram horas para o estudo. E a par disso a sua inevitável queda pelo *twist* e outras barbaridades que a mocidade deste país passou a copiar dos jovens americanos, a título de juventude transviada.

É leitor assíduo e bom frequentador de cinema. Gosta de música clássica e não se dá bem com os esportes. Escreve corretamente e tem bastante inspiração. Do que poderão surgir bons trabalhos quando sua vida estiver estabilizada.

Já sei. Você quer saber um pouco do meu pai. Então vamos até a figura curiosa de meu pai.

XII – Entenda-se o termo

Não vou falar de meu pai sem antes lhe dizer um pouco sobre a minha mãe. Mas antes disso, é preciso que justifique uma expressão, corrigindo o que poderia parecer uma injustiça.

Referindo-me à Lila, minha irmã mais velha, parece-me que eu disse "irmã-jararaca". E é aí que eu preciso explicar.

Particularmente, acho que a Lila gosta muito de mim. E que por muito gostar ela se deixou dominar um pouco pelo ciúme. Não sei se minha observação estará certa. Ninguém conhece ninguém. Sobretudo ninguém tem o poder de sondar os refolhos das almas alheias. Mas, de qualquer modo, é uma observação.

Por gostar muito de mim, quase nunca gostava de minhas namoradas. Às vezes, ela tinha uma grande amiga. Eu passava a namorar a sua amiga. Então a amiga deixava de ser. E uma infinidade de defeitos eram apontados. Brigávamos. A amizade antiga voltava a florescer, para não se desfazer jamais.

Já fui noivo de outra moça. Quando noivos, não eram bons os olhos da mana a observar minha noiva. Rompemos. Hoje a minha ex-noiva é a mais virtuosa e boa das mulheres, para ela, é claro.

Com a minha própria esposa o caso se repetiu. Você sabe que foi em sua casa que começamos a namorar. Pois bem: como com ela me casei, até hoje as duas não se dão lá muito bem.

A Lila foi assim uma segunda mãe que eu tive. Era quem cuidava de minhas roupas, de minhas amizades, de minha comida. Até dinheiro por diversas vezes chegou a colocar em meu bolso. Lembro-me de que em Garça recebi pelo correio num envelope lacrado uma nota de mil cruzeiros. Ela soubera que as coisas não iam muito bem para o meu lado e me mandou o dinheiro da passagem.

Foi sempre assim. Mas por muito nos amarmos, muito nos encencamos. De modo que dos trinta e tantos anos de convivência, creio que por uns quinze ficamos sem conversar. Não assim continuamente. Intercaladamente. Dois meses de bem, dois meses de mal. E assim sucessivamente.

Mas é dona de um coração admirável. Boa como uma pomba, embora brava como uma onça. E um pouco mal-educada. Embora digam alguns tratar-se de franqueza.

Como eu não distingo a franqueza da falta de educação, fico com o meu ponto de vista.

É voluntariosa. E tremendamente impulsiva. É desses tipos que não pode deixar para o minuto seguinte o que entendeu de fazer agora. E doa a quem doer.

Não pode ser contrariada. Seus pontos de vista não admitem contestação. É ela quem está sempre certa. E pronto!

Como eu sou um mau psicólogo e, mais que isso, um distraído, quase sempre fugia de suas graças. Uma palavra mal dita, um gesto suspeito, uma opinião escapulida, e pronto. Estava consumada a tragédia. E lá ficava eu dois ou três meses sem o sorriso da irmã.

Quando cruzávamos um pelo outro era o Everest em face do Bandeira. Uma atmosfera pesada a se tornar mais compacta. Sobre o chão que pisávamos nos nossos encontros ocasionais, diziam os observadores mais jocosos, não nasceria capim.

Claro que eram só aparências de ira. No fundo os dois corações, moles como manteiga, se trocavam ternuras.

E a vida continuava. De modo que a expressão usada não define a mulher. Trata-se apenas de uma brincadeira em família, sem maiores preocupações no definir.

Feito o remendo, veja quem foi minha mãe.

XIII – Retrato de santa

Ali está o retrato. Dependurado sobre a cama de meus filhinhos para proteger o encantamento de seus sonhos. Não sei se você a acha bonita. Sou suspeito neste caso. Porque quando olho seu rosto eu não vejo a mulher. É a santa que se desprende do quadro e vem me dizer:

– “Como vai, meu filho? Cansado da vida? Venha cá, vamos conversar um pouco.”

E eu me aproximo dela para receber o beijo mais puro, o abraço mais doce, o sorriso mais belo.

E suas mãos, acariciando meus cabelos, vão me fazendo deitar no seu colo, para ouvir a mensagem mais linda:

– “Não se preocupe, meu bem. Eu estou ao seu lado. E se você for bom, como eu desejo, Jesus o amparará também. Porque ele não esquece os bons que dele precisam. As doenças dos filhos são avisos para os pais. As ingratidões dos amigos são reconfortadoras lições de humildade. Exercite o perdão. Não se curve ante a dor. Ela é o instrumento reparador de nossas imperfeições. É a dor, meu filho, que nos impulsiona para Deus. Fique tranquilo, você é bom, embora precise melhorar ainda mais. Seja amigo de seus irmãos. E de seu pai. Ele precisa de você. Começa a cansar-se, coitado, e confia em que você e os manos o substituam na jornada. Você não pode esquecer-se de seu destino. Nós esperamos muito de seus passos. E estamos sempre atentos ao seu chamado. Não se acanhe. Pode chamar-nos à vontade. É sempre com prazer que eu venho adormecer seus filhos

e beijar suas fronteiras, aliviando uma dor, afugentando uma febre, eliminando uma inquietação, destruindo uma perseguição, velando pelas suas noites. Quando você se sentir amargurado, não se comprima, e chore. As lágrimas fazem muito bem. Elas lavam a nossa alma e nos ajudam a amaciar os nossos sentimentos. Mas chore alegremente. Receba as lágrimas como quem sorri. Como quem agradece a divina influência que elas exercem no nosso aprimoramento. Não chore com tristeza. Eu não quero que você fique triste. Vocês não têm razão para ficarem tristes. Dei-lhes um pai excelente. Dei-lhes onze irmãos inigualáveis. Deus lhes deu uma mãe que pode não ter sido a melhor, mas que os amou demais. Acima de tudo, eu e seu pai lhe demos o maior bem, o bem supremo, o bem dos bens: a crença nessa doutrina admirável que há de redimir os homens e reconduzi-los a Deus. Lembre-se de mim, sempre, porque não o esqueço nunca. Mas sobretudo lembre-se disso: Eu preciso de você, e confio em você! Não decepcione a mamãe! Adeus!”

Você pode não achá-la bonita. Mas para mim é a mulher mais linda que o mundo já viu.

Anita Borela nasceu em Leopoldina, filha de italianos.

Não conheci meu avô materno, mas de minha avó tenho as melhores recordações.

Minha avó, a vó Justina, como a chamávamos com a ternura de netos amorosíssimos, era uma menina. Nunca chegou a se tornar madura. Nasceu menina e morreu menina. Morreu como uma menina pura, cândida, meiga, acariciada pelo filho que mais amou, o tio Geraldo, em sua casa, na Fazenda da Bela Vista, em Pirajuí, no Estado de São Paulo.

Lembro-me de seu enterro e de um fato que jamais o Amaury esquecerá.

Espírita convicta e médium de vidência com uma limitação natural pela idade com que principiou a desenvolver-se, entendíamos eu e o mano que seria um desrespeito à sua convicção deixarmos que o seu corpo passasse pela encomendação da Igreja.

Nessa época, 1953, eu estava em Garça, a 34 quilômetros de Pirajuí, onde moravam o Amaury, o tio Geraldo e uma outra filha da "vó Justina", a tia Genebra, com a sua prole.

Os netos pirajuienses entendiam que seria uma profanação não passar com o corpo da velha pelos sacramentos da Igreja.

Como, no dizer de Emmanuel, cabe ao mais esclarecido ceder, nós cedemos e lá foi o féretro a caminho da igreja. Nós, um pouco atrás, como convinha à nossa posição.

Eis senão quando o Amaury é chamado à sacristia. Lá estavam o padre e os netos de lá no acerto de contas. O vigário não encomendaria o corpo sem que, antes, o *cobre* lhe fosse pago. E os desprevenidos ou mandros netos de Pirajuí tiveram que tomar da bolsa do Amaury o salário da encomenda que eles fizeram contra a nossa aprovação.

Mas como eu ia dizendo, minha mãe nasceu em Leopoldina e casou-se creio que com 18 anos. Meu pai tinha 19. Sei disso porque há um fato interessante que não me deixa esquecer. Ele é exatamente 20 anos mais velho do que minha primeira irmã.

Casou-se e veio para Astolfo Dutra.

Não lhes direi aqui os sofrimentos por que passaram, nessa primeira quadra de sua nova vida. Ainda hoje podemos observar sofrimentos idênticos por parte de ca-sais pobres que resolvem, sem nenhuma reserva e sem nenhum temor, construir o seu lar.

Digo apenas que sofreram demais. Meu pai, nessa época, pelo que dele próprio eu ouvi dizer, não era lá uma boa bisca, e agravava ainda mais a situação com o vício do jogo.

A máquina de costura é que era a garantia do pão. E aos trancos e barrancos a vida foi se seguindo, com os filhos se sucedendo. Para resumir, basta dizer que minha mãe, morrendo jovem, deixou onze filhos, e não foram doze, porque o 12º, no oitavo mês de gestação, acompanhou-a para o túmulo.

Dificuldades sobre dificuldades sem que a santa se perturbasse. Católica fervorosa – não se esquecia do terço e das preces. Até que Deus a ouviu em forma de um emissário: Abel Gomes⁽¹⁾, o parálítico-missionário, que tantos destinos endireitou. O homem que da sua cadeira de rodas iluminou toda uma região.

O alfaiate humilde que com a tesoura na mão reconstruiu lares, encaminhou gerações, esclareceu consciências, reedificou ideais, soergueu decaídos e apontou para uma infinidade de cidadãos o caminho da esperança e da verdade.

⁽¹⁾ Nascido em 1877, Abel Gomes foi professor, jornalista, cronista e poeta. Saiba mais sobre Abel clicando em <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/biografias/abelgomes.html>

Com um livro na mão – *O Livro dos Espíritos* – fez do viciado de ontem a fulgurante inteligência de hoje, salvando um lar, um homem e uma família.

E meu pai embrenhou-se pela maravilhosa estrada do Espiritismo.

Minha mãe continuou católica. Mas, observadora, sentiu respeito por aquela doutrina que tinha revolucionado a sua vida, entregando-lhe um marido novo, com ideias novas, vibrações novas, palpítaves novos.

Até que uma perseguição violenta, movida pelo clero, em que ela acreditava, contra seu marido e contra os amigos de seu marido, precipitou os acontecimentos.

Viu ela que, se na alegria da fé, não pôde acompanhar os primeiros passos do marido, na tristeza da zombaria e das perseguições, só um podia ser o seu lugar: ao lado dele, para, sofrendo com ele, testemunhar-lhe que ele não se enganara quando a fora buscar em Leopoldina, para tornar-se a sua companheira.

E como se tornou grande em face das amarguras! Como se agigantou aquela mulher serena na defesa do companheiro e da fé que ainda não era a dela, mas cujos efeitos admiráveis sentira nas próprias paredes do lar!

Contar o que foram essas perseguições seria escrever um libelo contra a intolerância, a maldade, a ignorância, a estupidez, a vilania, a traição, a ira, o ódio de uma casta de gente que se intitula “única depositária da verdade cristã”! E eu não sou homem de ataques a ninguém, muito menos à fé e à crença alheias.

Entendo que os homens, pela diversidade de conhecimentos e, sobretudo, pelo desnível espiritual em que se situam, não têm condições para se abrigarem sob o

mesmo templo, e sentirem e entenderem as mesmas verdades.

Os homens se situam em escalas diferentes de evolução, cabendo a cada escala uma maneira própria de sentir Deus, nas suas manifestações e nos seus ensinamentos.

A cada escala corresponde uma religião, um sistema próprio de crer. As religiões não são desnecessárias, porque correspondem às próprias necessidades humanas. Todas, por isso mesmo, são dignas e representam importante função social.

É evidente que umas dizem menos verdades e abrigam maior número de erros, mas satisfazem a um certo número de pessoas. Outras, mais próximas de Deus e da Verdade, destinam-se aos homens que já subiram mais no caminho da evolução e do progresso.

Mas todas são dignas de respeito. Se Deus nos deu a consciência, que ninguém pode tocar e cuja liberdade só Ele poderia cercear, é para que nós a usássemos de acordo com as nossas necessidades, abrigoando as convicções que nos satisfazem e nos ajudam.

Por isso deixo de dizer as inúmeras vezes em que procissões incalculáveis paravam diante de nossa casa, para cantar hinos e emitir provocações, na mais infame de todas as humilhações. Eu era pequeno, mas não me esqueço de uma em que, levados por minha mãe, fomos para a varanda, a fim de receber na face os apodos e os achincalhes.

Minha mãe, tranquila como o céu, serena como um lago, pura como um lírio, a olhar aquela multidão enfurecida, e olhos para o Alto, pedindo a Deus perdão para aqueles infelizes.

Nem direi que por causa de campanha clerical ficaram os espíritas sem patrões para quem trabalhar, e alimentos de quem comprar, ou para quem vender.

Fechou-se o ciclo do bloqueio econômico. A miséria se agravava, mas a fé se robustecia. E como "nada é impossível àquele que crê", vencemos aquela parada. Sabem Deus e os antigos moradores de Astolfo Dutra com que lágrimas e com que dores.

Certa vez, um italiano de lá, Sr. Próspero, anunciou que invadiria com o seu caminhão o nosso centro na hora de reuniões.

A cidade se alarmou. Todos iam ver o "divino massacre". Sr. Próspero conquistaria o céu com a beleza daquele gesto vandálico. A data foi marcada. E aos que o aconselhavam para não ir ao centro, devido à sua paralisia, o velho Abel Gomes deu esta admirável lição de fé e de coragem:

– Hoje ninguém me segura. Poderia faltar a todas as reuniões. Mas a esta de hoje, jamais eu me permitiria isso. Tenho que ir e quero ficar na porta. As rodas do caminhão hão de apanhar-me primeiro. Depois morrerão vocês. Mas o primeiro hei de ser eu.

Dessa atitude, ninguém conseguiu demovê-lo. E às sete horas em ponto, com o caminhão descendo e subindo as ruas da cidade, para aumentar ainda mais o interesse pelo espetáculo, lá estava no meio da porta aquele vulto extraordinário com os cabelos branquinhos, pronto a morrer pela Causa.

Devemos a essa decisão do velho Abel Gomes todas as vitórias que vieram depois. Não se tivesse comportado dessa maneira e talvez estivesse morta para sempre,

em Astolfo Dutra, a semente esplendorosa do Espiritismo.

Daquele dia em diante passou-se a respeitar-se aquele pugilo de homens que, honestos e trabalhadores em todas as horas do dia, sacrificavam noites inteiras à procura de doentes que lhes pediam preces e trabalhos.

E os loucos se foram curando, e os desenganados pela medicina tradicional eram devolvidos sãos e perfeitos à alegria do lar e da família.

E a mediunidade de minha mãe foi brotando em borbotões sucessivos. Incorporação, audição, clarividência, intuição, psicografia, desdobramento, enfim uma infinidade de faculdades que ela passou a exercer com a responsabilidade de quem entendia a sua missão.

Legiões de enfermos de todas as partes procuravam-na à busca de conforto e de alívio. Loucos de todos os matizes foram por ela desamarrados para estupefação dos expectantes. Crianças e mais crianças, morrendo, eram levadas até ela, para que lhes desse, quando nada mais pudesse, pelo menos o conforto de suas preces e suas orações.

E os pobrezinhos, tocados pelas suas mãos, recuperavam forças e retornavam à vida.

Lembro-me de um caso que a cidade até hoje comenta. Vale, sobretudo, pelo testemunho dos que o presenciaram, quase todos alheios à nossa família e à nossa fé.

Brincavam no fundo de nosso quintal, na beira do rio, o Ayres, com quatro anos, o Domingos Laroca, da mesma idade, e a Eunice, com menos de dois anos.

De nossa casa ao fundo do quintal, onde eles brincavam, há sessenta e cinco metros de distância.

Pois bem: eis senão quando a Eunice cai no rio. Justamente num dos lugares mais fundos, na época, do velho Rio Pomba. Devido ao aterro providenciado por meu pai, não existe uma margem em declive. As estacas que seguravam a terra acabaram por construir um muro natural de tal modo que não se podia descer pela margem até o rio. E se descer, através de um pulo, era possível, subir era impossível. Sair do rio e atingir o quintal por ali era impossível.

A Eunice cai no rio e o Ayres corre velozmente para a casa a fim de chamar a mãe. Com os gritos do garoto e da mãe em desespero, de pronto a vizinhança acorre ao local. E todos viram: minha mãe atirou-se n'água e apanhou a criança que estava amparada por uma rodinha solta de cipó e de lá saiu voando, para espanto de todos.

Só através da levitação seria isso possível. E isso foi possível. Um milagre com o testemunho de toda uma população!

Mas no que mais era solicitada era nos casos de desaparecimentos. Desaparecia alguma coisa ou alguma pessoa, e minha mãe, fechando os olhos, descrevia o local ou pessoa sumida.

Antes de procurar os corpos afogados no Rio Pomba, o Sr. Durval, canoeiro velho, vinha encontrar-se com a minha mãe, e ela descrevia minuciosamente a posição e o local do corpo.

Enfim, eu ficaria aqui a noite inteira relatando casos curiosos saídos da mediunidade de D. Anita e que asombraram toda uma região.

Mas, sobretudo, o que definiu melhor o seu caráter e o seu espírito era a sua simplicidade e indescritível amor que ela tinha pelas pessoas mais humildes.

Humilde como a noite e boa como o dia, semeou benefícios, em forma de carinho, em todas as horas de sua vida.

Mais tarde, quando os ventos da prosperidade começaram a bafejar o marido, agora comerciante estabilizado, a mulher continuou a mesma. Vestindo-se com a simplicidade de antes, cada vez mais próxima dos humildes e dos sofredores.

Sua vida foi doação permanente. Dividiu-se para entregar-se aos outros. Nunca vi ninguém com tanta capacidade para o amor. Amava a tudo e a todos. Até aos que traíram a confiança de seu lar.

Nunca ouvimos dela uma palavra de censura a ninguém. Sua palavra só se fazia ouvir para enaltecer as boas ações e as boas qualidades. Foi a orientadora de todos.

Confidente de todos os portuenses, ao seu encontro as dores se aliviavam, as perturbações desapareciam, as intranquilidades esvaneciam, e os dissabores se eliminavam.

Gerações e gerações de moços, crianças e velhos buscavam-na para ouvir de sua boca, sempre limpa, uma palavra de orientação, um conselho em forma de carinho, um sorriso em forma de amor.

Boa como a água, tranquila como o silêncio, atravessou uma existência inteira disseminando o bem e consolando os aflitos.

Homens e mulheres choraram a sua morte.

Não me esqueço nunca das lágrimas do nosso querido Dr. Grossi, quando, depois de uma luta desesperada para impedir o impossível, sentindo-a morta, abandonou o quarto em prantos e soluços, dizendo ter perdido a maior amiga de sua vida. E as palavras dele se repetiam de boca em boca. Todos tinham perdido naquele instante a maior amiga da vida de todos.

Eu, chamado às pressas de Cataguases, onde estu-
dava, em companhia do Ayres, menino ainda, em regi-
me de internato, me lembro de uma passagem que se
deu na viagem.

Era o Niquito o chofer. Meu pai lhe pedira que me fosse buscar e não me tapeasse na notícia. Que me dissesse abruptamente que minha mãe tinha morrido, que eu resistiria à notícia.⁽²⁾

Papai sabia que eu aprendera com a minha mãe a enfrentar as duras notícias. De resto, a vida dela fora um exemplo permanente de encorajamento em face do trágico.

O Niquito chegou ao Colégio às nove horas da noite. Eu estava, já de pijama, escovando os dentes, quando fui procurado.

Sr. Lyses, meu velho mestre de matemática, e mais que isso, o grande orientador de minha vida, amigo sur-
gido na fase de minha infância, que é quando as amiza-
des nascem mais sólidas, prontificou-se a me dar a notí-

⁽²⁾ Anita Borela de Oliveira faleceu em 8 de maio de 1950, aos 41 anos de idade. Arthur não tinha ainda completado 19 anos e Ayres contava apenas 12. Os irmãos menores contavam as seguintes idades: Anita, 10 anos; Eunice 9; Icléa, 7; Astolfinho, 5; e Ali, 3.

cia, mas seus lábios tremeram e a voz não saía. Foi quando o Niquito, com aquela rudeza que o caracterizava, tomou a dianteira:

– Seu pai falou para não mentir. Você não tem mais mãe. Morreu hoje às 19 horas e meia.

Lembro-me de que disse apenas o seguinte:

– Espere-me um minuto, que eu vou trocar a roupa.

Chamei o Ayres, disse-lhe que trocasse também a roupa, porque iríamos até a nossa casa. Ele, satisfeito, me perguntou:

– Nasceu o nosso irmãozinho? Que bom!

Coitado, mal podia ele esperar que a notícia que eu lhe daria depois fosse a mais dura que ele já ouviu.

No caminho eu preparei o Ayres.

– Ayres, vou lhe dizer uma coisa, mas você vai me prometer uma outra: proceder como homem.

– Prometo!

– Mamãe morreu e nós não vamos chegar lá chorando, não, ouviu? Ela nos ensinou que a morte não existe. Que o espírito permanece junto dos que ama. Logo, não há razões para nós chorarmos, não é?

Ele engoliu em seco e concordou comigo, mas cinco minutos depois ele me falou com voz trêmula:

– Tuca, mas se eu não aguentar, você não fica zangado comigo não?

Não pude responder, porque eu já chorava também.

Às 9 e meia da noite, estávamos com os pés dentro de casa.

Nunca se apagou da minha mente a visão daquele corpo estendido na sala. Lá estava parado aquele coração que tantos benefícios espalhou. Aquela boca, que tantas bênçãos distribuiu, aqueles braços que tantos

doentes amparou, aquelas mãos que tantos carinhos teceu, estavam inertes. No canto da boca, um sorriso interrompido.

Morreu sorrindo na contemplação dos inúmeros amigos espirituais que a vieram buscar.

Ninguém da família estava ao seu lado no momento agudo. Tinha encaminhado a todos para o centro, aquele centro a que nunca faltara, e ao qual só deixou de ir naquela noite, porque sabia que o fim havia chegado.

Seu enterro foi a apoteose do amor. A cidade inteira acorreu para levar, no caixão, aquela a quem tanto devia e amara.

Ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres, crianças e velhos, toda uma multidão de seres e de sentimentos ali estava chorando a perda irreparável.

E por muitos anos depois, continuou a legião imensa de torturados a procurar a velha casa da D. Anita, para buscar na água que ela lhes dava o remédio de que necessitavam.

Foi uma grande vida. Minha mãe foi um poema de amor.

A sua partida abriu, de fato, em nossos corações, cicatrizes profundas, mas amenizadas pelo conhecimento da divina filosofia que ela neles soube incutir.

Hoje dela lembramo-nos com profunda saudade. E com a esperança sempre renovada do nosso reencontro feliz no reino da eterna vida.

XIV – O pai é o exemplo

Meu pai é um homem impressionante. Nascido em 1908, filho de José Basílio e de D. Rita.⁽¹⁾ Não conheci a vovó Ritinha e do meu avô só tenho uma recordação bastante desagradável. A dos seus últimos momentos de vida, estirado numa cama, nos estertores dos últimos suspiros. Aquele homem magro, cadavérico, com a língua enroscada, assistindo, sem nenhuma possibilidade de luta, à chegada do fim.

Inteligência aguda, nos cursos que fez, quase todos particulares, e com o esforço próprio, foi o primeiro da sala. Pobre, tendo como mãe uma mulher um pouco debilitada mentalmente, sofreu como cachorro, na infância, na mocidade e nos primeiros anos de casado.

Estudou por correspondência e concluiu um curso de Contabilidade, tendo defendido alguns pedaços de pão, suplementando durante a noite o pouco ganho do dia.

Parece-me que as dificuldades o levaram a uma vida um pouco desregrada nos seus primeiros anos, até que a presença de Abel Gomes mudou o rumo de sua vida. Ingressando no Espiritismo, desenvolveu enormemente a sua cultura, através da literatura espírita, sem favor nenhum das melhores que o mundo conhece. Melhores e maiores.

⁽¹⁾ No dia em que este livro foi concluído, Arthur contava 33 anos e Astolfo Olegário de Oliveira, seu pai, apenas 56.

Fundou o jornal "Arauto da Fé", em companhia do Mário Vitoriano e Amadeu Santos, e conseguiu, creio que por correspondência, uma carteira de jornalista.

Durante muitos anos foi assim uma espécie de a grande cabeça da cidade. Escrevia quase que sozinho dois jornais: "Arauto da Fé", publicação espírita, e "A Tribuna", publicação da Prefeitura Municipal de Astolfo Dutra.

No Espiritismo, cedo começou a sua faina de pregador, transformando-se num dos maiores oradores espíritas que eu conheço.

Dono de uma facilidade de expressão admirável e possuidor de um estilo claro e correto, produziu páginas admiráveis. Polemista, dele se tornou célebre a participação contra o Professor José Schiavo, da cidade de Ponte Nova, a respeito de problemas e assuntos religiosos.

Tem viajado por inúmeros estados e em toda a parte por onde passa deixa uma legião de amigos e de admiradores sinceros.

Não conheço ninguém com tanta capacidade de fazer novos amigos. É um homem bastante experimentado e de tudo conhece um pouco. Embora haja assuntos dos quais ele conheça muito.

Difícil escrever sobre ele. Dono de um coração admirável, não distingue pessoas. Pobres e ricos à sua presença sentem-se absolutamente à vontade.

Dono de uma prosa cativante, com ele se passa horas e mais horas, sem que o relógio nos desperte.

Sua grande virtude é não medir dificuldades para ajudar seus semelhantes. Patrão excelente, todos os seus viajantes tornaram-se mais ricos do que ele.

Dinâmico, sua vida toda tem sido encaminhada no sentido de construir. Tem o hábito da construção. Não fica sossegado, se não estiver edificando alguma coisa.

Politicamente divergimos quase sempre. Quando na Revolução de 1932 estive na iminência de ser preso, parece que o seu espírito se inclinou para o terreno da oposição. E como opositor ferrenho, tem acentuadas simpatias pela UDN. Ora, como eu sou fundamentalmente avesso ao sistema político-partidário udenista, é natural que os nossos pontos de vista não se encontrem, o que, sinceramente, lamento.

Eu entendo que, embora mais moço, esteja em melhor situação para analisar determinados problemas do que ele. Sobretudo porque em meu espírito ainda não chegou aquela marca da perseguição que ele conheceu, duramente, de perto, e que culminou por lhe dar uma visão muito pessoal das coisas, subordinando-se a uma filosofia que eu não consigo aceitar.

É natural que ele me suponha enganado, não só pela consciência que tem da própria inteligência, indiscutível aliás, como pelo número de anos que leva de vantagem sobre o filho.

É o tipo do homem justo. Sua justiça só sofre distorções quando em debate certos fatos políticos, e aí consolido minha posição, porque sou justo em todas as situações, inclusive na política.

Como pai, talvez motivado pela dureza de sua vida e de seus problemas iniciais, nunca permitiu que nos aproximássemos muito dele, razão por que havia, e até hoje ainda há, um certo temor dos filhos no debate de algumas ideias na sua presença. Por isso mesmo, entregava à esposa a tarefa de nos encaminhar mais de per-

to. É evidente que dele temos recebido sempre as mais preciosas orientações, mas entendo que levamos vantagem, quando confrontamos a influência dele e de minha mãe.

É claro que ele não se sente diminuído com isso. Fã número um da esposa, sabe o tipo de mulher e de santa, a quem ele transferiu, em grande parte, a tarefa da educação dos filhos.

Nós, em casa, nos nossos momentos de desânimo, algumas vezes, o culpávamos, achando-o melhor para os estranhos do que para nós. No fundo, estávamos enganados, porque ele em outra coisa não pensa senão na felicidade dos filhos.

Como avô, talvez porque o tenha sido muito cedo, não é dos mais amorosos. Mas faz lá de vez em quando a sua média com os netos. Todos nós o adoramos. Mesmo quando o censuramos muito, naquilo em que não nos atende, fazemo-lo por amor.

Bastante acomodado, raramente escreve aos filhos. Mas, quando o faz, apaga de uma só vez todos os aborrecimentos provocados pelo silêncio tão longo.

Enfim, é preciso uma boa análise para que o entendamos melhor.

Extremamente caridoso, construiu, com outros irmãos, a Fundação Espírita Abel Gomes, para abrigar menores desamparadas. Vive para aquela casa. Todos os seus sonhos se orientam para a sua Fundação e tudo o que faz é visando ao desenvolvimento maior daquela casa, com maior conforto e melhor educação para as meninas que lá se abrigam.

Pai de onze filhos, muito cedo ficou sozinho. Casou todas as filhas, e três dos cinco filhos.

Em matéria de planos, foi dele que herdou nosso mano Amaury. Ele faz planos fabulosos, mas logo após acomoda-se, e os abandona, por comodismo, para ficar em paz.

Solicitado por toda parte, como orador espírita, quase sempre arranja uma "dor de cabeça" para afastá-lo do ônibus.

É das pessoas que conheço a que mais admiro e a quem mais afeição eu dedico. Confidente de muitos anos, e companheiro de todas as horas, fizemos jornadas memoráveis e debatemos ideias e problemas importantíssimos.

Sei que a minha saída representou em sua vida uma lacuna, tão grande quanto a que a sua ausência provocou no meu caminho.

Alegre, jovial, prazenteiro, junto dele não se conhece tristeza. Amigo de seus amigos, muitos apertos sérios tem enfrentado em sua vida, por não saber deixar de atender a quem o procura.

Correto em seus negócios, honesto até a sublimação, é um homem completo. Culto e inteligente, bom e amigo, dinâmico e feliz.

É assim o meu pai, como lhe disse, um homem impressionante. Que está construindo uma obra que há de dignificar o seu futuro e abençoar o seu passado.

XV – O escândalo e a fé

Mas, como eu lá ia dizendo, quando chegamos à Fundação, para a reunião matinal, o meu cunhadíssimo Walter veio ao nosso encontro. E foi com essas palavras que lhe apresentei a Elizabeth.

– Walter, apresento-lhe aqui a minha futura esposa.

Walter, sorridente, com aquele jeitão de quem está sempre brincando, engrossou a voz:

– Olha lá, cunhado, vê lá o que está fazendo.

E perguntou a ela se ela achava que daria certo, dizendo, antes da resposta, que eu era o tipo consumado de “embrulhão”, mas um bom sujeito.

Elizabeth respondeu timidamente:

– Vamos ver, não é? Vamos tentar. Se der certo, bem. Se não, que fazer?

Estava quebrada a barreira inicial. A timidez da primeira hora passara com uma velocidade que estava fora de todos os meus cálculos. Dali para a frente, a grande caminhada.

Confesso que nada ouvi daquele reabastecimento. Estava eu restabelecido com outra espécie de vigor, que não é apenas “o” espiritual, mas que é profundamente espiritual.

É provável até que eu tenha falado alguma coisa sobre o ponto, pois estava atravessando a fase do entusiasmo, aquela em que por qualquer coisa estamos nos levantando e deitando a nossa falação.

Disso não me lembro bem. Só me lembro que naquela manhã só tinha olhos para vê-la. E o pior, sinceramente o digo, é que a via com um pouco de audácia.

Olhando-a, procurava despi-la, para descobrir por trás dos panos aquele corpo que me aparecera na véspera, inteiramente nu.

Eu era todo olhos. Olhos maus, impudentes, mas sinceros. Isso sempre fui. Costumava dizer, ao definir-me, que era sincero até nos momentos de insinceridade.

Um dia parei para analisar essa frase, e verifiquei que ela não tinha nenhum sentido. Mas me agradou, porque me pareceu definir bem a sinceridade que eu procuro imprimir em todas as minhas ações. Cheguei a gostar dela. E não a risquei jamais das minhas elucubrações.

Dos meus trezentos vícios e das minhas duas virtudes, posso dizer, com certa ênfase, que sou feliz dentro da minha sinceridade.

Tenho observado nos meus anos de vida e nas andanças que tenho feito que a sinceridade é uma das aves mais raras no convívio dos homens. Vejo que há, entre as criaturas, uma verdadeira obsessão pela insinceridade, como se ela fosse a própria essência da vida.

Em parte entendo essa maneira de pensar. Para vencer na vida, a insinceridade é o caminho mais curto. Na política, então, chega a ser uma virtude. Sobretudo nessa política que no Brasil, segundo Rui Barbosa, virou politicalha.

Foi por vê-la tão difícil que me tornei amigo dela. É claro que no princípio tive que passar por seriíssimas ginásticas mentais. Depois fui me acostumando. De modo que hoje ela funciona com uma naturalidade impressionante em minha vida.

Mas, para exemplificar como a sinceridade é difícil, vou citar um exemplo.

Antônio Siqueira de Carvalho é uma das mais adoráveis criaturas que tenho conhecido. Bom como a água, simples como as pombas, encantador como as flores, puro como o sol. Pois bem, lendo as primeiras páginas desta conversa, apressou-se a me aconselhar uma perífrase. Justamente para substituir o que eu disse, quando vi a Elizabeth pela primeira vez. Lá está, com palavras textuais: "Confesso que não a achei bonita". Profundo psicólogo e marido exemplar, temia ele que aquelas palavras, ditas assim de maneira tão sincera, pudessem não digo desgostar, mas amarelecer o sorriso de minha esposa ao dar-se com elas.

Retruquei com todo o respeito que me merece essa admirável figura de homem e de artista:

– Substituir, não substituo. Ou eu conto o que aconteceu ou não conto. O que não posso fazer é fugir à sinceridade que me norteia a vida.

É por isso que não me acanho ao reproduzir agora as impressões daquela manhã feliz.

Sei que muitos espíritas, principalmente os mais velhos, ficarão escandalizados, ou melhor, ficariam escandalizados se fossem ouvir essas confidências.

Diriam, doutoralmente:

– Isso é um absurdo! Uma profanação! Uma afronta aos amigos do espaço!

E apresentariam o remédio:

– Fizesse uma prece, para afugentar os maus pensamentos. Pedisse passes magnéticos aos protetores e tudo estaria resolvido.

Mas eu lhes retrucaria:

– E quem disse que eram maus os pensamentos? A maldade está nas coisas, ou está em nós? E ademais

nós só buscamos a prece para afugentar de nós o que nos desagrada. E aqueles pensamentos me agradavam mais do que tudo. E eu era feliz com eles.

Desculpem-me o escândalo que eu possa, com estas palavras, provocar.

Mas lembrem-se de que estava diante da mulher que há muitos anos vinha procurando. Afigurava-se-me aquele encontro como o reencontro comigo mesmo. Era o ressurgir de uma emoção já quase morta. Pelo amor de Deus, compreendam isso!

Eu achara finalmente o tesouro por que procurava ansiosamente. Então, eu que chego aos vinte e cinco anos, numa procura insistente e sempre inútil, acumulando decepções sobre decepções; alimentando insatisfações continuadas, enredando-me nos mais fragorosos e sucessivos fracassos; chegando mesmo a perder o sentido da vida, em face de uma procura tão malsucedida; agora que a encontro, posso dar-me ao capricho de afugentar de mim aqueles pensamentos, que já estavam mortos? Para lá. Espera aí!

Ademais o pensamento de que se gosta é incontrolável. Na vida só há uma liberdade realmente positiva. Aquela que nos permite pensar.

Mas a reunião terminou e fomos seguindo os nossos destinos. Ela para o repouso da tarde. Eu para os talões burocráticos da fazenda estadual.

XVI – O emprego e o Estado

Eu lhe disse que trabalhava no Estado? Trabalhava. Tinham cavado, politicamente, para mim, um cargo público. Naturalmente tinham pensado lá com os seus botões:

– Esse camarada só vai pra frente se lhe dermos um emprego público.

Ainda não pude me ater a essa filosofia do “vai pra frente” que tão comumente se ouve. Confesso que de qualquer maneira eu tinha que ir pra frente, já que a vida não para. Não sei se iria bem ou mal. Mas iria. Inevitavelmente iria para a frente.

Dizem os Nélsos Rodrigues deste país que só há uma verdade eterna: “É que ao dia de hoje sucederá, inevitavelmente, o dia de amanhã”.

Às vezes nós não o apanhamos na vida. Mas ele sempre nos apanha.

Mas arranjaram-me um emprego. Coisas de política mineira. Eu era um eleitor. E o pessoal em quem eu votava resolveu me presentear. Fui ser “auxiliar técnico de arrecadação”. Pomposo nome, não acha? Coisas de Minas Gerais.

Até hoje não entendi bem por que “auxiliar” e “auxiliar técnico”. Da arrecadação estava claro. Nós arrecávamos os tributos do Estado. Em contraprestação o Estado nos pagava também um tributo. Minguado, sempre curto, mas dava pro pão.

Mas auxiliar de quê? Ou de quem? Nós não auxiliávamos nada. Quem auxilia, auxilia a alguém! Nós é que fazíamos o serviço sozinhos. Como auxiliar?

E o técnico? A técnica pressupõe um preparo, um adestramento, um estágio, um estudo, uma adaptação.

Comigo não houve nada disso. Pegaram-me pelo laço e me jogaram lá dentro.

Depois eu vi que o negócio era mais ou menos assim mesmo. Que os menos capazes é que eram os favorecidos, desde que a política dominante os indicasse.

Vi isso, não em contato com os meus colegas, que são os mais eficientes nos respectivos cargos. Vi, depois que estava lá dentro, através de observações efetivas.

Meus colegas, repito, eram excelentes. Honestos, trabalhadores, cumpridores de seus deveres. Todos muito bons e muito compenetrados de suas obrigações.

Junto deles passei os bons anos de minha vida.

O chefe era o Paulo Linhares. Coletor. Muitos anos a serviço do Estado; tendo entrado para a administração fazendária muito cedo, cedo também chegou ao padrão Z, o último da carreira.

O chefe era um moço simpático, louro, alegre e bastante cordato. Tinha um defeito de dicção que nos botava um pouco perturbados no início de nossa carreira. Depois, com o tempo, fomo-nos acostumando, e adivinhávamos de pronto a ordem que ele emitia. Ele resmungava no fundo, e o papel, de imediato, era posto em sua mesa.

Tinha um vício. Não era muito expedito no assinar os talões. De modo que era comum acumularem-se papéis sobre a sua mesa, de tal modo que a Nina a apelidou de "secção do encalhe". Quanto tempo perdíamos à espera de que o Sr. Lery, nome que depois lhe pusemos, porque ele fez uma porta de duzentos quilos cair em cima de um visitante, chamado Sr. Lery, e que lá havia ido,

incumbido de uma revisão nos valores imobiliários rurais. Contribuintes se avolumando na sala de espera, o calor apertando cada vez mais, e os talões dormindo serenamente na secção do encalhe.

A Nina de que lhe falei há pouco era o encanto da repartição. Admirável figura de mulher que todos nós amávamos com o respeito e a veneração que se devem a uma santa.

Jamais a vimos triste ou desanimada. Nos quase nove anos de convivência diária, vi-a sempre com o mesmo sorriso de compreensão e de amizade. Mesmo depois de casada, com o colega Ulisses Linhares, enfrentando agora as dificuldades de mãe e de dona de casa, foi sempre a mesma. Afável, meiga, atenciosa, sorridente, eficiente, tranquila.

Difícilmente encontrarei em minha nova carreira uma mulher tão completa, e tão perfeita em tudo que faz. Com ela aprendi a admirável lição de servir a todos com o sorriso nos lábios.

O subchefe, isto é, o Escrivão, é a veneranda figura do Sr. José Simonini, que Viçosa exportou para Astolfo Dutra. Homem absolutamente tranquilo. Ao vê-lo poder-se-ia dizer: "Está aí um homem com a vida que pediu a Deus". Católico fervoroso, jamais teve para com os dois espíritas que baixaram na sua repartição a menor palavra de censura ou de desapareço.

Espírito jovem, tinha sempre uma anedota para amenizar o cansaço dos números, nas horas das nossas obrigações.

Sua letra era um desenho. E o caixa geral da repartição lá está guardado como uma relíquia muito bem guardada.

Vivia para a repartição. De manhã à tarde, seu habitat preferido era lá. Às vezes nos perguntávamos, bisbilhoteiros de sempre: O que será que o Sr. Simonini vem fazer aqui, toda manhã? Há tanto serviço assim?

Provavelmente lá iria desenhar no seu Caixa Geral, caixa que eu andei enfeando com o balancete de dois meses.

Seu amor predileto era o que ele chamava de "a preciosa". A preciosa era a fita da máquina em que estavam relacionados todos os valores da despesa e receita ocorridas no mês. A preciosa, segundo ele, era a bússola do Balancete. Se ela jogasse, tudo estava certo. Se algum erro, porventura, houvesse, a preciosa inevitavelmente acusaria.

Depois eu acabei desmoralizando a preciosa adotando um processo mais rápido. A princípio ele não gostou da ideia. Diabo, vinha eu com minhas inovações matar-lhe um amor tão antigo. Depois, acabou concordando e ficou sepultada para sempre a sua divina "preciosa".

De Simonini trouxe, além de outras, uma feliz recordação. Eu que esperava dar-lhe alguma coisa, pela atenção com que sempre me distinguiu em todos os meus dias, fui surpreendido com um necessário presente: deu-me um terno, cortado e costurado, por ele próprio, com toda a arte e perícia. Antes do emprego público ele se notabilizara em sua terra como um excelente alfaiate.

Coitado, viu que eu não tinha lá boas roupas e apressou-se, comprando do mascate Zezinho um lindo corte de casimira inglesa que transformou num belíssimo e moderno terno. Parece que ele estava adivinhando que pouco tempo depois nos separaríamos para sempre.

Esse mascate de que falei há pouco é o outro auxiliar da repartição, o ilustre cidadão José Espíndola Filho, brasileiro, vacinado, casado e pai de seis filhos.

Nós o chamávamos nosso "Consultor Jurídico". Muito eficiente na sua função, tinha um hobby: ler, religiosamente, as revistas de "O Fisco em Minas", para estar em dia com a legislação fazendária.

Creio que esse amor à legislação nasceu em Cataguas, em contato com o Coletor Estadual, Sr. Humberto Henriques, numas aulas que lhe andou ministrando, com vistas ao concurso que teríamos de fazer em busca da estabilidade. Das aulas do Sr. Humberto para cá, o homem se doutorou e, quando ele fala, todos nós murchamos as orelhas.

É um cabra que está sempre nervoso. Está, não. Parece estar, porque, no fundo, é um coração de passarinho. Pintávamos o sete com ele, e a todas as nossas brincadeiras respondia com um sorriso satisfeito.

É um camarada bravo. Com ele não se pode abusar, porque é malcriado como o Iracytho, embora nele predomine o sentimento dominante do amor às boas causas e à caridade. Nunca se esqueceu de entregar-me, mensalmente, a contribuição que ele próprio se fixou, em favor do nosso asilo de órfãos.

De vez em quando ia a São Paulo, para onde foi obrigado a transferir a família, com vistas à educação de seus filhos, e de lá voltava com uma mala nas costas, cheia de bugigangas. Da calça de mulher ao brinco, tudo se achava lá dentro. E eu morria de rir vendo o Zezinho com aquelas peças íntimas para vender.

O outro auxiliar era o Sr. Mário Vitoriano, excelente orador e grande violonista, que com sua voz sempre alta

dava à repartição uma aparência de hospício. Não perdoava ao Paulo, com quem discutia sempre a propósito dos lucros das terras do Jacaré. O Paulo argumentava, fazia cálculos, escrevia números, mas o Mário, imperturbável, o encostava à parede. Muito brincalhão, memoráveis debates tivemos a oportunidade de ver, mas o de que mais me lembro foi de uma questão levantada, por ele, a respeito de um filho louro de uma mocinha morena que tinha trabalhado na casa do Paulo e que casara com um moço também moreno.

Não sei se já se encontrou uma explicação mais viável para o caso. Mas dessa discussão rimo-nos a valer.

Esses foram os companheiros que me receberam naquele dia de trabalho, após o célebre reabastecimento espiritual. Com eles convivi, de perto, quase nove anos e de nenhum, durante todo esse tempo, tive a menor razão de queixa.

É provável que para eles eu não tenha sido tão bom quanto o foram para mim. O certo é que de todos me lembro com saudade, deles guardando as melhores recordações.

Depois surgiu o Arnaldo, garoto contratado pelo Simonini, nas férias do Paulo, e cuja permanência, como contínuo, foi confirmada pelo titular da chefia.

E bem depois, já ao apagar das minhas luzes, junto deles, lá chegou o Roberto Garoni, em período de estágio, enquanto aguardava uma nomeação prometida .

Naquele porão da casa do Sr. Alberto Pereira Menezes, junto de gente tão amiga, vi passar um pedaço muito importante de minha vida. E só uma coisa me tiraria de lá. Uma coisa presa à origem de meu ingresso e que me tolhia, demasiadamente: a liberdade.

Nasci para ser livre. Todos os homens nascem para ser livres. Não há bem maior que a liberdade, principalmente a liberdade de pensar. E foi por buscá-la que troquei uma carreira por outra.

XVII – Nasci pra ser livre!

Eu já explico.

Foi uma manobra política que me deu aquele emprego. E eu fiquei inevitavelmente preso, grato que sou, aos que me distinguiram com a nomeação.

Penso, com Rui Barbosa, que só não muda o homem que não evolui. E quanto mais o homem muda, maior é o sinal de que ele procura acertar.

Tenho dito diversas vezes que o importante, em nossa vida, não é acertarmos sempre, mas errar menos, procurando sempre agir melhor.

Um homem que estaciona é um cérebro que se enferruja. Um homem cristalizado dentro de determinados princípios é uma massa sem cor e sem vida. O homem, para dignificar a sua posição, tem que ser dinâmico. Dinamismo significa evolução. Principalmente dinamismo nas ideias.

Tudo muda na vida. Se as árvores permanecessem imutáveis, jamais chegariam à divina explosão dos frutos. É por mudar que a mocinha de hoje se faz mãe amanhã. É mudando, e mudando sempre, que se passa da infância para a juventude, para a maturidade, para a velhice e se atinge a eternidade.

A mudança é tão fundamental em nossa vida que Alexis Carrel afirmara que nenhum homem é o mesmo em dois segundos sucessivos. Tudo se transforma em nós. As células se substituem, os tecidos se modificam, os átomos se renovam, porque vida é sinônimo de renovação e de mudança.

Há quem diga que devemos mudar nem que seja para pior. Não vou a tanto, embora compreenda e aceite o ponto-de-vista. O que digo é que devemos sempre mudar, claro que para o melhor, ou para aquilo que supomos o melhor.

Na minha posição de servidor público, lá posto da maneira que fui, eu era um homem amargurado, triste, abatido. Injustiças e mais injustiças desfilavam-se ante meus olhos, sem que eu pudesse, ao menos, levantar o clamor da desaprovação.

Mesmo o concurso, a que depois me submeti e que me deu a estabilidade funcional, não consegui apagar em mim aquelas reações desagradáveis; e meu irresistível desejo de mudar chocava-se sempre com o meu sentimento de gratidão.

Meu mal era irreversível. Eu me consumia, a cada novo dia, no mais lamentável de todos os tédios. Vi-me afastar de meu pai e de meus irmãos e seguir um caminho que eu sentia não ser o melhor, para, através do voto, pagar aquela dívida que me consumia.

Eu estava sufocado. Parece-me que só duas pessoas sabiam dessa angústia. Duas não, três: minha mulher, o Jarbinhas Scher e o Zezinho.

Eis senão quando surge no horizonte do DASP um concurso para escrivão federal. Cá disse comigo mesmo: "Nesta eu me embarco e adeus Astolfo Dutra. Vou readquirir lá fora a liberdade que perdi aqui dentro".

Para trás fiquem meus amores e minhas amizades. As árvores em que tantas vezes subi nas minhas brincadeiras juvenis, as águas em que tantas vezes me banhei, as ruas em que ficaram, palmo a palmo, as minhas emoções mais fortes, os olhares que me fitaram com

tanta simpatia nos dias de festas, as casas em que eu aprendi a ver um prolongamento da minha, tudo isso que representa o baú das minhas mais caras recordações vale menos do que a liberdade que eu procuro.

Nasci para ser livre. Todos os homens nasceram para ser livres. Quero a liberdade dos pássaros para conhecer outros céus e amar outras estrelas e apertar nas minhas mãos as mãos de outros seres, mas sobretudo para ser eu, sozinho, o verdadeiro dono de mim mesmo. Sei que durante muito tempo fui "o filho do Astolfo", de que, na realidade, me orgulho. Só muito tempo depois acabei sendo reconhecido como eu mesmo, Arthur Bernardes, construindo sua história. A gente sabe quão importante é a influência dos pais nos caminhos do filho. Vezes há em que essa influência é tão forte que o filho dela não se liberta, atravessando uma existência inteira sem marcar sua passagem na Terra.

XVIII – O impulso e a flor

Creio que todos notaram que naquela terça-feira eu, ao entrar na coletoria, trazia uma cara diferente.

Não sei se lhe falei a respeito de uma observação que fizeram sobre o meu sorriso.

Há uma diferença fundamental entre o mano do meu coração – o Amaury – e mim. Dizia o Panza que, quando o Amaury ri, todos os dentes se mostram claros. Aqueles dentes branquinhos, sadios, admiráveis. E tem-se a impressão de que o Amaury não tem apenas 32 dentes, o que seria normal, mas 64, tal o brilho que através do seu sorriso invade a nossa alma e encanta os nossos olhos. É um sorriso aberto, franco, espontâneo de quem não teme mostrar pela boca a alma linda que tem.

O meu sorriso, dizem, é um sorriso triste. Talvez motivado pela pouca tranquilidade que me inspiram os meus sentimentos. Sei lá. Talvez faça um dia uma pesquisa interior para verificar se há alguma verdade na observação e se as causas são as que eu suponho.

Mas eu entrei na repartição com um sorriso alegre.

Eu estava, naquele dia, como dono de um segredo, que quisera contar para todo o mundo.

Acho que, ao fim da tarde, cheguei a contá-lo ao Zezinho.

E foi com um prazer irresistível que ele me ouviu dizer que eu tinha me reencontrado com o meu destino.

Amigo bom e constante, conhecia de perto as minhas buscas infundáveis em torno de uma vida. E torcia, talvez como ninguém mais, para que eu formasse o meu

lar e começasse a construir esse mundo de emoções que uma família feliz pode desfrutar.

As horas passaram rápidas como nunca. Pouco tempo depois já estava eu pronto a recomençar com ela os planos que iniciáramos na boa manhã.

Às sete e meia da noite, o salão estava completamente cheio. Gente em toda a parte, inclusive nas janelas.

Fomos para o fundo do palco aproveitar a insubstituível poltrona das nossas cenas.

E lá ficamos todas aquelas horas, esquecidos do mundo, mãos dadas e trêmulas, a contar os minutos que a noite nos dava.

Lá fora, no salão, um orador declamava. Era o poeta Sebastião Lasneau, com dicção sonora, enlevando a plateia, através de "O Espiritismo na Arte".

Nem mesmo os seus lindos poemas conseguiram romper as minhas meditações e interromper a minha tranquila felicidade.

Depois, eu cheguei à conclusão de que o amor é o mais belo poema, razão por que as belezas que ele ia apresentando, profusamente, não podiam atingir as rimas que nós estávamos tecendo, no silêncio dos olhares que trocávamos.

Aquela mãozinha macia e suave, presa entre as minhas mãos, deixou-me no espírito uma marca inesquecível.

Hoje, casados há sete anos, às vezes me surpreendo, com saudades daquelas mãos. Procuro-as avidamente e lá estão elas, as mesmas, com a mesma suavidade de então, conservando intacto o mesmo calor de antes.

Nem os serviços do lar, nem os calos naturais das obrigações caseiras, conseguiram matar nelas o admirável encanto daquela noite.

Terminara a reunião e a caminhada de volta à casa se deu com o mesmo enlevo e as mesmas emoções.

Ainda nessa noite, eu continuava com os mesmos desejos da véspera. É certo que a suavidade das mãos e a naturalidade com que ela me deixou acariciá-las tinha criado em mim um impulso repressivo.

E o desejo de abraçá-la, confesso, era mais forte que o impulso. Por outra coisa não esperava, senão que chegássemos à porta.

Suavemente a tinha eu censurado pela maneira abrupta com que se despedira de mim e entrara pela casa, na véspera.

Disse-lhe jeitosamente que os namorados costumam parar uns instantes antes da despedida final.

De modo que ao chegarmos à porta, entrados todos, ficamos os dois sozinhos lá fora. Aí foi que eu me desmontei.

Inocentemente ela me disse:

– Pronto, hoje eu esperei uns minutos para a nossa despedida. Como você quer, ou o que quer você para a despedida?

– Eu queria beijá-la!

E ela me deu a boca para beijar, com uma inocência que matou em mim, na hora, toda aquela vontade louca de apertá-la.

Encostei nos dela os lábios meus e estava terminada a nossa segunda noite.

XIX – Não vi nada mais!

A partir daquele instante eu fizera dela a minha noiva.

Havia, nessa época, uma profunda diferença mental entre mim e minha noiva. Não só pelos sete anos que nos separam, mas sobretudo pela alta soma de experiências que eu tinha adquirido nos meus vaivéns da vida.

Aos 23 anos, eu já era um homem maduro. Agora estava com 25. Se até os vinte e três a vida se encarregou de me amadurecer, dos 23 aos 25, meus esforços pessoais encarregaram-se do resto.

Entusiasmado pela literatura, li nesses dois anos mais do que em todo o resto, inclusive nos anos que se sucederam. Reputo a fase mais importante dos meus estudos. É a esse período que eu devo a pouca coisa que sei.

Então estávamos assim um diante do outro: o pecado em face da virtude, ou se quiserem o jardineiro encanecido ao lado da flor que desabrochava.

Tive que fazer um esforço enorme para trazê-la da ingenuidade do seu desabrochar até a altura em que me encontrava.

Aqui, antes de prosseguir, já vou responder a uma objeção.

Muitos são os que não creem mais na ingenuidade das moças. E alegam razões absolutamente pertinentes.

Livros, revistas amorosas, filmes, novelas radiofônicas e uma série de outras diversões mais ou menos dignas estariam matando nas flores o doce perfume da inocência.

De fato, não se pode censurar quem pensa assim, tais e tantos são os casos que nos surgem como exemplos.

Entretanto, há a considerar-se uma coisa muito importante. Se no entender, ou no compreender, a ingenuidade se trai, no agir, quase nunca isso ocorre.

Aquela anedota do netinho que disse para o irmãozinho menor, a propósito de uma fuga da avó: "Coitada, a vovó não sabe que a mamãe está esperando nenê!", funciona, em parte.

O netinho sabe que a mamãe vai ganhar um nenê. Mas ele não sabe como fazer para ganhar o nenê. O que houve foi apenas o seguinte: deixou de acreditar na cegonha, e isso já é um progresso, mas não a eliminação total da inocência.

De modo que eu tive de me aproximar muito da idade e dos pensamentos de minha noiva. Era, embora difícil, mais fácil eu me chegar a ela do que trazê-la até onde eu estava.

Apesar desse meu enorme esforço, até hoje ela me censura e reclama dizendo que eu não lhe deixei viver a despreocupada alegria de sua mocidade.

Mas a semana passou. Dizer, aqui, o que foram aqueles sete dias inesquecíveis seria repetir as sempre renovadas diabruras de Cupido. E a repetição talvez me parecesse monótona para você.

Mas há uma passagem que eu não posso deixar de recordar, mesmo porque, no meu entender, ela funciona em defesa da tese que acima levantei. A da ingenuidade e da inocência que culminaram por modificar meus modos de agir e de pensar.

Elizabeth nunca tinha usado um vestido justo. Era a menina das anáguas. Inúmeras, infinitas anáguas, imensas anáguas para armar as saias rodadas que escondiam a admirável escultura de seu corpo.

Íamos dançar, me parece que no sábado, véspera do fim. E eu lhe pedira que não pusesse anáguas. Não desejava que tantos panos e tantas roupas houvesse a separar nossos corpos. Ela prometeu e foi se vestir.

Quando voltou, a impressão que eu tinha é que não fora atendido no meu pedido. Disse-lhe isso. Ela afirmou que eu estava enganado. Conversa vai, conversa vem, pedi-lhe que me deixasse ver.

– Pois não, se duvida, pode ver.

E eu levantei mansamente a sua saia. Surgiram duas coxas imensas. Lindas como a natureza, perfeitas, grossas, torneadas, de um matiz róseo, mais belo do que a saúde.

Confesso que até hoje não fiquei sabendo se ela estava ou não estava de anágua.

Agarrei-a com tanta força e tamanho frenesi, que ela me disse assustada:

– Que é isso?!

– Nada. Vamos dançar.

Hoje, analisando bem a minha vida, às portas do meu trigésimo terceiro aniversário, vejo que assisti a espetáculos memoráveis. Viajando, bastante, tenho observado a natureza em suas mais variadas manifestações de beleza. Mas, confesso: da fonte bailarina de Poços de Caldas aos encantos indescritíveis da Guanabara, nada ficou tão bem guardado como definição de beleza quanto aquelas coxas que foram crescendo diante de meus olhos extasiados.

XX – Guarani e os fantasmas

A minha vida ficou dividida em duas partes: uma, o corpo, arrastado preguiçosamente pelas ruas, em Astolfo Dutra; outra, o espírito, leve como a pluma e ágil como o raio, na cidade de Guarani, trinta quilômetros além.

Do que foi essa divisão retratam bem as cartas que eu escrevi, quase diariamente.

Abelardo e Heloísa não se escreveram tanto, porque se amaram menos do que nós.

Foram cinquenta cartas, que o mestre e artista Carvalhinho definiria, mais tarde, como cinquenta hinos de louvor ao amor. Estão todas guardadas, com o mesmo carinho de antes. Algumas, ou quase todas, ela as sabe de cor. Um dia você as poderá ler também. Creio que ela o permitiria com prazer.

Meu pai, por sugestão do Amaury, comprou uma batinha Ford 31, visando às compras na safra.

Não sei se lhe disse que meu pai é atacadista de fumo. Atacadista de fumo é o comerciante que funciona como intermediário entre o produtor agrícola e o varejista que trabalha com o artigo.

Eu disse artigo por amor à técnica. Mas no dizer dos viajantes, fumo não é artigo, fumo é bosta. Fumo não se vende: empurra-se.

Em minha terra todo mundo só mexe com fumo. Fumo em corda. Come-se fumo, respira-se fumo, a religião é o fumo. Foi o fumo que construiu a cidade e lhe trouxe conforto. Só o fumo poderia ter dado à cidade

aquela fisionomia de abastança que impressiona os que lá chegam.

Tudo lá é fumo. A mamadeira é um palmo de fumo. O bico é uma perna de fumo. A cama é um rolo de fumo. A vida é um fardo de fumo.

Vivendo em torno disso, na época da colheita, ou melhor da safra em si, que é quando as folhas já foram enroladas e "fiadas", como por lá se diz, a cidade vira um hospício. Carros sobem e descem à procura de negócios. A concorrência desconhece limites. Quase tudo é permitido nesse tipo de comércio. Cotias, fugas, tapeações, segundo misturado com ponteiro; baixeiro misturado com segundo; soca, soquinho, socão. Só vendo de perto, para entender bem. Jipes e automóveis rasgam o município em todas as direções. Todos procurando formar o seu estoque e estabelecer a sua boa média.

De modo que, para enfrentar bem a matroca, nada melhor do que um jipe ou um Ford 29.

Foi por isso que se fez a tal compra.

Não sei quantas arrobas ela conseguiu descobrir. Sei que, infinitas vezes, ela me levou, às vezes sozinho, outras vezes com o Laviola ou com o Abilinho, até as portas da saudade.

Em Guarani, principalmente, mas também no seio de minha família, não deviam fazer bom juízo a meu respeito. Pelo seguinte: Lá chegando, eu e Elizabeth não nos separávamos um só instante. Convites vinham. Para um baile, ou para um aniversário, ou para alguma reunião. No mais das vezes para o cinema, na época dirigido, controlado e administrado pela nossa gente.

Eu não aceitava nada. Não queríamos outra coisa senão ficarmos sozinhos no canto da sala, um em frente

do outro, mãos dadas, rostos unidos trocando-nos juras e carinhos. Às vezes o frio apertava e nós fechávamos a janela. Às vezes o frio não vinha e nós também fechávamos a janela. Aquela janela era a porta do mundo. Fechada, nós ficávamos sós como queríamos, dentro daquele mundo que era só nosso.

Quantos sustos pelo inesperado aparecimento da tia Elza. Outras vezes, era a velha Pipina, que eu consegui, com arte e delicadeza, atrair para as minhas simpatias. Ela pisava de leve, com o seu gasto chinelo de pano e, embora o ouvido de pé, quando menos esperávamos lá estava aquele fantasma magro em frente de nós. Depois que eu a conquistei, nunca mais me assustou.

Mas houve também, por amor à lógica, o fantasma gordo: a Yara! Quantas horas perdemos de ternura, por termos ao nosso lado, aquela massa gorda a atormentar nossos sonhos. Acho que ela nunca desconfiou da inoportunidade de sua presença. Porque se repetia sempre, inevitavelmente. Até que um dia resolvemos mandá-la às favas.

Tia Teresa era um encanto de pessoa. Voz trêmula, olhos também trêmulos e bons, jamais deixou seu quarto para espantar os pombinhos. Dona Ladinha, a discrição em pessoa. Só depois de tossir, ou de ficar na sala uns dois minutos parada, é que olhava pra nós. Temia ela, coitada, ver um moço que ainda não conhecia tão bem com os lábios colados nos lábios de sua filha. Faça justiça a essa discrição porque, como vim a saber depois, ela não aprovou com muita presteza o novo namorado da filha. Sonhara outro genro com quem tenha convivido mais tempo e por quem tivesse mais simpatia e admiração. Nunca a culpei por isso. Sei que, como mu-

lher previdente, acreditava que o mais certo é contarmos com o pássaro que está na mão do que com os dois que estão voando. Apesar de sua preferência, nunca deixou de nos tratar com muita atenção e gentileza. Eu percebia que não estava diante de uma sogra que houvesse sonhado comigo. A gente percebe isso facilmente. Mas rapidamente ela se transformou na nossa grande aliada, proporcionando-nos encontros, facilitando passeios, pondo enfim a sua colher de areia no alicerce que se estava construindo.

Seu Ítalo era um homem distante. Temia-se em Astolfo Dutra que ele pudesse censurar a filha pela semana de namoro. O poeta Lasneau que aprovara nossa decisão tranquilizou-nos com a sua sabedoria:

– Podem deixar por minha conta. Elizabeth veio comigo e só eu sou o responsável por tudo que possa acontecer. Não se preocupem. Eu vou conversar com ele.

E deve ter conversado mesmo, porque, embora distante, sempre foi, na família Baesso, depois da filha, o que sempre esteve mais próximo de mim.

Eu tinha a meu favor um handicap precioso: ser espírita e filho de Astolfo Olegário de Oliveira, que ele conhecia muito bem. Meu pai, pela correção de sua vida, e pelos memoráveis discursos que lá pronunciara, facilitara em muito a minha infiltração naquela família.

Sei que, durante muito tempo, fui "o filho do Astolfo", de que, na realidade me orgulho. E só muito tempo depois, viria a ser, com muito esforço e muita luta, o Arthur Bernardes de Oliveira, e não apenas "o filho do Sr. Astolfo".

É tão importante a influência do pai nos caminhos do filho, que vezes há, sem conta, em que o filho não se liberta da origem, e atravessa uma existência inteira sem assinalar a sua passagem na Terra.

Felizes os pais que, como o meu, têm tido essa ventura. Porque quanto maior é a sua importância e mais dignos os seus exemplos, mais difícil se torna para o filho representar também o seu papel.

Digo isso, não porque me tenha ficado algum ressentimento disso. Pelo contrário: entendo que a minha filiação, já por si, vale como garantia de correção, honradez e honestidade. Apenas o disse para localizar bem o grande esforço que fui obrigado a fazer para também me tornar respeitado, já agora, não só pela origem, pela chancela paterna, mas principalmente pelas manifestações de minha vida.

Concordo que, no fundo, eu sou um homem de pouco talento. Pra que negar, se eu sinto isso?

Mas chamo para meu merecimento uma coisa muito importante: tentar fazer bem feito tudo o que estiver na minha obrigação de fazer.

Seu Ítalo, conforme eu dizia, era o homem distante. Mas apesar de distante foi o que estive, sempre, mais perto de mim. Hoje acho que essa sua aproximação se deve a uma identidade. No fundo, somos absolutamente idênticos. Percebeu ele que estava diante de um simples, já pela minha maneira de vestir, já pelo meu modo de conversar, já pela maneira de andar, de agir, de comer, de beber. E como ele é acima de tudo um simples, deve ter raciocinado assim:

– Nada melhor para um pai simples do que um genro simples.

Infelizmente para ele e para mim, o genro simples se transformou depois num "simples genro".

A verdade é que ele leu em mim a decisão que os meus olhos mostravam. Eu fora a sua casa para pedir-lhe me desse a sua filha como companheira. Sentira, desde o primeiro encontro, que era a isso que eu estava decidido. E por isso, acabou deixando que eu roubasse o seu primeiro encanto.

Levada a Elizabeth lhe sobraria a Carminha.

Carminha estava nos seus quinze anos, mas já há uns dez namorava o Tuzinho. Maria Carmem Baesso é o seu nome, mas muito sério demais para uma coisa tão linda. Por isso virou Carminha. Para que o diminutivo carinhoso se adaptasse bem à sua meiguice e à sua graça.

Tuzinho era o seu grande namorado. Namorado desde os cinco anos. Meu melhor xará e meu maior amigo. Tinha um vício: pensar que a vida foi feita apenas para o namoro. O que levou o Lasneau, quando fiquei noivo, a improvisar esta gozadora quadrinha:

"Um Arthur já ficou noivo
Pronto a fazer bobagem
Quero ver quando é que o outro
Também vai criar coragem".

Tuzinho era assim o "diabo da bola". Esperto como um gato, vivo como um lambari, traiçoeiro como uma serpente; vivemos juntos tardes memoráveis. Eu preparando e o Tuzinho e o Ayres, na frente, enchendo a rede de gols e a torcida de espanto.

Tuzinho e Carminha, Mirim e Nadir, os grandes companheiros de jornada. Das Borboletas ao estreito, passando pelos carnavais e pelas cachoeiras, sempre estivemos juntos, os seis, únicas testemunhas reais dos nossos melhores dias.

Minha vida estava absolutamente instável. Quanto mais vezes eu ia a Guarani, mais era o meu desejo de voltar. E como estava em Astolfo Dutra, o palco das minhas comédias, era preciso liquidar de imediato com aquela instabilidade.

Precisava casar-me. E já. Bem, mas para se casar é preciso noivar.

Interessante, tinha-me esquecido disso.

– Que dia é sábado próximo?

– Primeiro de abril!

Então é sábado mesmo. Ficarei noivo no sábado.

E sábado lá estava eu, de alianças no bolso, pronto a fazer o pedido.

Luz apagada, na sala apenas o Sr. Ítalo, D. Ladinha, Elizabeth e eu.

Tossi, gaguejei, pigarreei e resmunguei afinal. Parece que eles entenderam, porque dois minutos depois D. Ladinha, tremendo, tentava enfiar no meu dedo um belo anel de noivado.

Logo após a sala se encheu. João Velho, Reinério, Celso de Abelardo, José Fraga, Salim e provavelmente alguns outros, com um copo na mão, levantavam brindes ao novo casal.

XXI – Jarbinhas na cena

O vaivém não parou. Sábado ou domingo, lá ia a pobre barata vencendo serras, enfrentando buracos, provavelmente lamentando sua existência tão trepidada, mas levando em seu seio um sonho em formação.

Vieram as chuvas. Tudo parou. Para aliviar as saudades sempre crescentes, eu contornava o barro, enfrentando o misto de Ubá. Era uma viagem trágica. Mas feita com prazer. Aquele misto de Ubá era o tipo de condução que matava, na hora, todos os anseios de viagem. Havia até, disso lembro-me bem, no mictório do tal, escrita a giz, uma observação bastante curiosa: “Neste trem só se viaja uma vez: a primeira que, também, será a última”!

Lembrava até a anedota daquele sujeito que nunca tinha montado e que, por insistência de amigos, resolveu arriscar. Foi batendo na sela, o burro pulando e o trouxa caindo. Alguém se aproximou do infeliz e lhe arriscou a pergunta:

– É a primeira vez que o senhor monta?

E ele rápido:

– Não. É a última.

Pois eu desmenti a observação. Muitas e muitas vezes enfrentei aquelas cinco horas de carvão, para uma estrada de vinte e poucos quilômetros.

Mas aquilo precisava acabar. Eu tinha que casar.

Mas casar como? E a mobília? E a casa? E o resto? Então casar é assim?

Casa eu tinha. Eu, não. Papai, o senhorio número um do país. O único senhorio do mundo que nunca recebeu aluguel algum.

A mobília, bem... A mobília eu não tinha. Mas tinha um amigo. E o amigo faria a mobília. Pagar, se eu viesse a poder, eu pagaria. Se não, ainda assim ele não se arrependeria.

Chamava-se Jarbas Leônidas Scher. Chamava-se, não. Chama-se.

O Jarbinhas, que é como todos o chamam, apareceu na minha vida, não sei bem, nem quando, nem como.

Só sei que a partir de 1954 já éramos grandes amigos. Amigos, mesmo. Amigos para toda hora e para tudo. Se não posso situar bem o instante em que a amizade eclodiu, posso garantir que em nenhum momento ela sofreu qualquer arrefecimento.

Juntos fomos os donos das noites de Astolfo Dutra. É provável que tenha sido o futebol o elemento mediador, ou o principal fator de nossa aproximação.

Estivemos sempre juntos, mesmo quando as cores das camisas que defendíamos não pertenciam ao mesmo clube.

Sobretudo, tem a maior virtude do amigo: sabe o que pedir. Tinha ele certeza, quando passou a dirigir o 7 de Setembro F. C., que, se me pedisse, eu passaria para o seu clube. Não o fez, porém, para evitar que desabasse sobre a cabeça do amigo todo um mundo de vozes sufocadas.

É marceneiro de alta classe e dono de uma bela voz. Corrijo outra vez: É não. Era. Hoje é alto representante

da Manchester Mineira, revendedora de "FENEMÊS" e outros carros menos feios, onde vai defendendo, calmamente, a tranquilidade de uma vida confortável.

Fundáramos, então, um conjunto vocal: Ele, o Bolão, o Chiquinho, O Zi e eu. O Chiquinho saiu logo. O Zi, pela agitação de sua vida profissional, cedo também saiu. Ficamos os três. Os dois, Jarbas e Bolão, porque cantavam, e tinham ambos boa voz. Eu, porque era amigo deles.

Inumeráveis noites nos apanharam no antigo Bar do Avelino, comendo gostosamente o nosso bife-a-cavalo. Bife de que ele, Jarbinhas, sempre reclamava, para desassossego e amolação da D. Dulce.

Depois de forrado o estômago, subíamos, quase sempre sozinhos, na mais desinteressada e pura de todas as serenatas.

Para nós, só um instante era triste. O que marcava a nossa separação. Quantas noites atravessamos na mais animada palestra. A cozinha de minha casa marrom, lá na Rua Manoel Hipólito, s/n, é testemunha viva dos nossos encontros. Todas as noites, até as duas ou três horas da madrugada, lá estávamos nós, gozando a vida, trocando planos, emitindo conceitos e analisando comentários.

E o mais notável disso tudo é que nunca nossas conversas giravam sobre mulheres ou sobre futebol.

Ele casou-se um pouco antes de mim, mas continuou sempre um homem solteiro. Marido exemplar e pai amoroso, mas levando sempre aquela alma boêmia das nossas serenatas.

Depois que eu me casei, o Bolão perdeu a assiduidade, mas o Jarbas continuou impreterivelmente o mesmo.

Manso como um cordeiro, bom como a certeza, puro como um ideal. Era ele quem nos socorria sempre em todas as necessidades. Prestativo, como nenhum outro.

Quando eu me casei, não pude comprar um filtro. De modo que toda a noite, em chegando a sede, lá ia o Jarbas pedir, inutilmente, à minha talha, a água que ela não dava. Um dia lá me aparece com um filtro e a talha prontamente agradeceu.

Se eu não dera para o filtro, muito menos para um chuveiro elétrico. Um dia, ao entrar no banheiro, aquela coisa bonita brilhando lá em cima. Fora o Jarbas que comprara.

Esses são alguns fatos que me acorrem assim, ao bater das teclas, sem o menor cuidado em buscá-los. Se o fosse fazer, se quisesse fixar aqui todas as gentilezas desse admirável companheiro, ficaríamos a vida inteira a desfilarmos emoções.

De modo que a mobília foi feita por ele. Eu iria pagando, se pudesse, cinco mil de cada vez. Cinco anos depois, finalmente afinal, como diria o Sr. Manoel, a conta estava paga.

– Arre! Respirou desafogado o velho Antônio Scher!
Até que enfim!

Desta maneira, a casa já estaria mobiliada. E o resto? Pro resto, dá-se um jeito.

XXII – O resto que humilha

Hoje, confesso que fiquei humilhado em face do resto. O resto foi minha noiva quem trouxe.

Do rádio à escova de dente, tudo trouxera consigo. Bicicleta, liquidificador, enceradeira, batedeira, tudo: um verdadeiro bazar chinês de encambulhada com ela.

O enxoval era um acinte à minha pobreza. Entrei com um terno – o de casamento – um terno azul que o Mário comprou de um camelô e me cedeu, pronto, por mil e duzentos cruzeiros, e duas ou três calças devidamente acompanhadas das cuecas e das camisas. E só. No mais era eu purinho que me entregava à esposa para no contacto de suas rendas sentir a mais viva de todas as humilhações.

Aqueles lençóis de vira, com imensos bordados a mão; aquelas colchas, feitas com tanto carinho e tantas esperanças; aqueles jogos todos, tecidos com a linha do calor e bordados com a ternura de quem sonha, tudo aquilo me despertou para a responsabilidade imensa.

Eu tinha tirado aquela menina do conforto de sua casa para viver comigo. E já que me era impossível manter, na minha, o conforto da sua, só me restava um caminho. Suplementar com a minha amizade e com a minha ternura a trágica deficiência da bolsa.

Por isso me tornei grande esposo. Não preciso de testemunho de minha mulher. Sei de mim mesmo que me tornei num dos maiores esposos que a vida já produziu. Tudo o que aprendi com meu pai e, principalmente, com a minha mãe, passei a desenvolver diariamente,

semanalmente, mensalmente, a vida inteira, a fim de cercá-la, por todos os lados, da mais perfeita afeição.

E, por felicidade nossa, pude sorrir contente, ao verificar que ela não sentira a mudança. Trabalhando sempre e necessitando de tudo, foi-se convencendo de que a felicidade está no amor, porque o amor era o único bem que possuíamos.

E os dias se sucederam. E o amor foi crescendo. E a afeição se avolumando. E a vida sorrindo.

XXIII – Enfim, me casei!

Meu casamento foi uma das coisas bonitas de minha vida. A festa começou cedo na manhã daquele 28 de julho de 1957. No almoço estavam, pelo meu lado, os meus padrinhos, Prof. Marino Defilippo e esposa, Tio José Morais André, com esposa, e mais meu pai, D. Sinhania e Ayres. Do lado da noiva havia uma infinidade de convidados. De três não posso me esquecer: Dr. Armando, pela puxação, com que era tratado; Laerte pela disposição com que comia, e Tuzinho, que estava bem juntinho de mim.

Ali, ao vê-lo fiz uma reflexão. Gozado, esse camarada, quando eu cheguei já namorava na casa. Dois anos se passaram. Hoje me caso eu. E ele, nem noivo ainda.

Só bem depois é que o caro xará resolveria me imitar. E tanto demorou que eu pude lhe oferecer os meus dois filhos para as cerimônias da bandeja de alianças, na Igreja.

Foi um almoço excelente. Belos temperos misturados com o melhor ambiente. Sorrisos e brincadeiras de todas as partes refletiam bem o que ia por dentro da alma dos noivos felizes.

A hora se aproximava e gente não parava de chegar. De Astolfo Dutra, três ônibus lotados: um com os espíritas, outro com os desportistas e outro com os estudantes. Carros e jipes e automóveis iam soltando os convivas. A orquestra, vinda de Astolfo Dutra, por uma gentileza sem par do Mestre Francisquinho, com a colaboração sempre pronta da amizade dos outros músicos, lá estava, prontinha em folha, para executar a peça "Feliz

Consórcio” que o velho Zizinho compusera para o casamento do Antônio Pacheco.

Num canto, a Dilzinha, que iria cantar um bolero, composto pelo Francisquinho⁽¹⁾, em homenagem aos nubentes:

“Dois corações que se unem
 Num sorriso de amor
 São dois pombinhos que assumem
 Compromissos de valor
 Cantemos, com emoção
 Saudemos essa união
 Cantemos, com emoção
 Saudemos essa união...”

A mesa foi arrastada para o centro. A postos, escrivão, juiz de paz, padrinhos e noivo. A noiva estava se submetendo aos últimos retoques. Há um burburinho na sala. É um mundo de panos que surge. E lá dentro, linda como uma noiva, vinha ela.

Feita a clássica pergunta, a que, logicamente, respondemos afirmativamente, estávamos casados!

A orquestra puxou o pano. E com alma e sentimento, aqueles músicos amigos tocaram como nunca. Entre eles, o Armando Falconi, feliz da vida pela profecia cumprida. Ele, que assistira e que saudara o dealbar de nossa aproximação, ali comparecia, para selar com os seus acordes e a sua arte a união definitiva de nossos destinos.

⁽¹⁾ Trata-se do maestro, músico e compositor Francisco Guércio, a quem os amigos chamavam simplesmente Francisquinho.

Vieram os discursos. Creio que falaram então Dr. Fernelon, Sr. Plínio Linhares, e meu pai.

A todos ouvi com atenção, embora não possa hoje, reproduzir-lhes, ainda que palidamente, a mensagem de sua saudação. De meu pai ficou-me a lembrança da história que ele contara sobre a felicidade de um casal muito pobre, perturbada depois pela aragem da prosperidade.

Sebastião Lasneau, o grande poeta da Barra, preparara-nos uma grande surpresa. Mandara imprimir um soneto seu, em nossa homenagem, e tia Elza fez dele a distribuição para todos os presentes.

Quantas vezes o lemos em nossa vida. Lembro-me de que só no Hotel Centenário, em Juiz de Fora, onde fôramos passar nossa lua de mel, na primeira noite, lemo-lo cinco vezes.

Conosco, além da bagagem natural, levamos para Juiz de Fora, a cópia do "Paternalmente" e de "O Evangelho segundo o Espiritismo" que ganháramos, como presente de núpcias, do nosso saudoso Coronel Bicudo.

Finda a festa, surgiu um problema. O carro que nos iria levar a Juiz de Fora não tinha aparecido, como de fato não apareceu até hoje.

Na esperança, entretanto, lá fomos ficando, cercados sempre dos dois indeclináveis amigos: Jarbinhas e Bolão. Não me deixaram um instante sequer. E só retornaram a Astolfo Dutra depois que o carro que nos levou levantou a poeira da última curva.

O Bolão é o nome pelo qual se conhece o cidadão José de Oliveira, de minha cidade. É moço simples e alegre. Pai de uma porção de meninos e professor de música.

É trombonista e técnico de futebol. Do que também joga um pouco. Foi um jogador que teve uma carreira relâmpago. Surgiu, fez mil gols contra D. Euzébia e depois sumiu. Vez por outra, recordando sua origem astral, faz partidas excepcionais e depois desaparece. É ponta. Esquerda ou direita. E conhece como ninguém a colocação que se deve ter nessas posições. Mas não tem lá muita sorte com a bola nos pés. E a torcida não lhe perdoa nunca.

Moço bom e caridoso, há pouco sentiu necessidade de se aproximar do Espiritismo. Confesso que nunca lhe apresentei a menor sugestão nesse sentido.

Embora reconheça no Espiritismo o bem supremo desta vida e, por isso mesmo, deseje que todos os meus amigos por ele se deixem iluminar também, nunca tentei doutrinar ninguém. Por princípio, de que não abro mão de maneira nenhuma, por dois motivos. Primeiro, porque entendo que devemos um respeito absoluto às convicções alheias. Segundo, por ver que não são as religiões que salvam os indivíduos ou os obrigam a melhorar. Quando muito, elas ajudam, mas o principal depende de cada um de nós.

É só por isso que a gente pode ver, em todas as religiões, os homens mais perfeitos de mistura com os mais refinados salafrários. Santos ao lado de crápulas.

Mas o Bolão, por decisão dele mesmo, resolveu, um dia, ser espírita. Fez a única coisa certa que se deve fazer nesses casos: Pegou "O Evangelho segundo o Espiritismo" e foi estudá-lo. Convencido de que aquilo estava certo, pegou as crianças e subiu as escadas do Centro.

Antes, porém, tinha havido um fenômeno admirável. Bom professor de música, resolveu ensinar às órfãs da Fundação Espírita "Abel Gomes" os rudimentos da arte.

Oito meses depois, Astolfo Dutra assombrava o país, através do programa "LIRA DO CHOPOTÓ" que o Paulo Roberto dirigia, na Rádio Nacional, com a sua banda de meninas. A mais velha delas tinha 17 anos, e por uma semana o Rio de Janeiro aplaudiu aquelas musicistas-mirins e, mais que a elas, ao incansável batalhador que as tinha preparado.

Na sua volta do Rio, ele era um homem completo. Absolutamente realizado. O seu talento e a sua dedicação tiraram-no da modesta Chácara da Rua de Cima, para apresentá-lo ao país, de corpo inteiro, através das ondas da maior emissora da América Latina.

Assim é o Bolão. Vida apertada, faltando sempre novecentos réis para inteirar dez tostões, mas feliz na humildade de seus dias e na tranquilidade de sua família, onde uma companheira modelo e uns filhinhos gentis instalaram uma das mais alegres vivendas da cidade.

*

Eram nove horas da noite e o carro não chegava. Foi quando tio Hermes, pegando a "fofoca" do tio Humberto, nos levou até Rio Novo e lá fretamos um carro de praça, que nos levaria até a lua.

A lua era a de mel, e estava instalada no quarto 213 do Hotel Centenário, em Juiz de Fora.

XXIV – Na lua de mel

É evidente que não vou contar aqui o que foi nossa lua de mel. Não fica bem tornar públicos todos aqueles acontecimentos absolutamente íntimos que marcaram os primeiros dias de um casamento.

Ademais, uma lua de mel não se conta. Adivinha-se.

Não deixarei, entretanto, de narrar um acontecimento que muita luz poderá jogar sobre as verdadeiras causas de nossa completa felicidade, nos dois mil quinhentos e cinquenta e cinco dias que já vivemos em comum.

Disse, antes, que, com a bagagem natural dos noivos, ou melhor, além dela, levamos conosco dois evangelhos: um em forma de soneto, brotado de inspiradíssima pena de Sebastião Lasneau, padrinho e protetor de nossa aproximação; outro, em forma de comentários, que é o terceiro livro de Kardec, fundamental para se entender a palavra de Cristo, à luz da Terceira Revelação: "O Evangelho segundo o Espiritismo".

Pois bem, pasmem todos: Antes de qualquer outra preocupação de ordem puramente sexual, naturalíssima e evidentíssima, em tais situações, o nosso primeiro pensamento foi para eles. O primeiro, lemo-lo, nessa noite nada menos que cinco vezes, para que aquelas admiráveis rimas, martelando o nosso cérebro, iluminassem o nosso coração e não faltassem nunca, em nosso lar, como queria o poeta "a paz e o entendimento" – únicos fatores necessários e suficientes, como diria o matemático Lyses, na concretização da felicidade conjugal.

Do segundo, lemos um trecho aberto ao acaso e que se referia ao Consolador Prometido.

E vejam certas coincidências:

Primeiro sabíamos nós que aqueles dias de Juiz de Fora, por todas as razões, tinham que ser os mais alegres e encantadores. Nós que já nos tínhamos unido espiritualmente, nos contatos dos dois anos de namoro e noivado, iríamos ali, naquele instante, fundir os nossos corpos, na mais sagrada de todas as intimidades, pedindo, quem sabe, a Deus, que abençoasse aquele instante de fusão corporal, mandando-nos um filho.

Estávamos absolutamente convencidos de que Juiz de Fora, através do quarto 213, nos daria momentos de intraduzíveis êxtases. Por dois anos, sonhamos, eu, mais do que ela, creio, com aquelas noites de absoluto abandono, em que fechados num quarto, inteiramente sozinhos, estaríamos a salvo dos sustos e das apreensões, dos nervosismos e das contrações elétricas que o tufão e os fantasmas fizeram correr em nossas veias, nos saudosos encontros de Guarani.

Ali estávamos começando a elaboração do nosso, afinal nosso, verdadeiro mundo. Para trás todos os temores e tremores. Para trás Nagasaki, para trás Hiroshima. Estávamos ali, finalmente, sós.

Estaríamos realmente sós?

Ninguém nunca está só. Cada um de nós, por onde passa, carrega consigo um mundo de espectadores. Uns, à espera que lhes demos a deixa, para lançar no nosso coração e no nosso espírito a semente da intranquilidade e do desentendimento; outros, abençoados seareiros do Bem, sempre atentos para proteger os nossos sonhos e beijar a nossa fronte, aureolando nossa

cabeça com a divina paz que reanima os nossos espíritos e nos dá forças para lutar em todas as batalhas.

Nós sabíamos disso. E aos nossos espectadores, a nossa prece. E aos nossos companheiros a mensagem da poesia e do Evangelho.

Por outro lado sabíamos que a vida nem sempre nos pode sorrir.

Doentes em fase de recuperação, ou presidiários em fase de punição, nossa vida neste planeta é uma constante luta em torno de nós mesmos. Cá viemos para vencer-nos de uma vez. As vaidades que trazemos, o orgulho que alimentamos, o egoísmo que procuramos manter, a cupidez que não afugentamos, a ignorância com que nos damos bem; a calúnia que gostamos de tecer; as intranquilidades que procuramos distribuir; os desassossegos que insistimos por semear; as ingratidões com que assinalamos os nossos passos; as dúvidas de que não nos desvencilhamos; tudo isso são arestas a desbastar-se no entrechoque das decepções e das dores.

E a vida de casados, como a suprema realização do macho e da fêmea, é o palco principal para essas depurações.

Sabíamos disso tudo e precisávamos nos preparar melhor. Também por isso fomos orar. Orar para depois ouvir a palavra do mais perfeito de todos os mestres.

E ela veio, absolutamente justa, para o momento certo, como a dizer-nos:

– “O Consolador que eu prometi aos homens já aí se encontra na Terra. Cumpri a minha promessa, embora nem todos a queiram aceitar. Não importa. Se o pior

cego é aquele que não deseja ver, sofre mais aquele que o tendo à mão deixa de usar o lenitivo certo”.

“Vocês, meus filhos, sabem a quem recorrer. Logo, quando se sentirem cansados ou desanimados, quando a dor, no seu divino trabalho, visitá-los para ajudá-los a subir, não se revoltam, nem se perturbem.

“A revolta não vence as batalhas do bem. Orem. Pensem em mim. Invoquem meus emissários, e ainda que a dor não passe, porque ela só passa depois que cumprir a sua inevitável lição, eu lhes darei o conforto da fé e da resignação e suas cicatrizes hão de florir aos meus olhos.

“Sejam persistentes no trabalho do amor. Há muita persistência no terreno do mal. É preciso que as pedras dos caminhos, muitas vezes espalhadas por seus próprios irmãos, os mais chegados, ao ferir seus pés, neles não deixem a semente do ódio que aniquila e anula todos os bons sentimentos.

“Recebam bem essas pedras. Seus ferimentos são gotas de luz a iluminar-lhes o espírito. Mas fiquem sempre atentos. Elas que vêm para acelerar o progredir de vocês, não podem matar o entusiasmo que de vocês espero na execução das minhas tarefas.

“Podem deitar-se. Eu abençoarei esta noite. E se vocês merecerem, todas as suas noites terão a bênção da minha paz!”

Obedecemos ao Mestre.

Preparamo-nos para o leito. Amamo-nos como nunca.

Vi, satisfeito, que aquele corpo era o que me aparecera na célebre noite do meu quarto.

Com a mesma escultura. Com os mesmos contornos, com a mesma cor, essa cor rosada da saúde.

Aquelas pernas, aqueles olhos, aquela boca, aqueles cabelos negros, aquela ternura, aqueles admiráveis e macios seios, em que me afoguei, ébrio de amor, e sobre os quais fiquei longamente esquecido de tudo.

Amamo-nos muito. Como, talvez, jamais ninguém amou.

Para depois dormirmos extáticos de prazer.

XXV – Um pouco de mim

Quando acordamos, a manhã já estava alta.

E eu, ao beijá-la nesse dia, tive a mais grata de todas as satisfações: vi que a mulher já superara a virgem. Se a virgem fora uma rima, a mulher se tornara um poema.

Eu não sei se todos já passaram por isso. É provável que só alguns poucos. Os casados, e os casados com mulheres bonitas. E mesmo assim, quando ambos conhecem, pelo menos em parte, a importantíssima função do casamento.

Muitos supõem e não vai, aqui, censura a ninguém. Longe de mim criticar alguma coisa ou alguém. Não conhecesse as minhas inúmeras deficiências e os meus trezentos defeitos, bastaria a lição de Coelho Neto a nos aconselhar: "Acostuma-te ao ritmo nobre do louvor!" Tenho procurado, com as limitações naturais de minhas imperfeições, fazer com que meus lábios se acostumem a esse ritmo do louvor.

Ademais, entendo que nem sempre a boca foi feita para falar. Os olhos, não, esses foram feitos para ver sempre. Ver tudo: o bem e o mal; o belo e o feio; o sujo e o limpo; o amor e o ódio; a flor e o sapo; o chão e as estrelas; o cômico e o trágico; a pureza e o asco; o divino e o satânico.

Ver para, sobretudo, aprender. Ver, não para satisfazer a uma curiosidade, mas para tirar uma lição. Observando o que dizia Confúcio numa de suas estupendas lições: "Em cada dois homens que eu observo, a ambos

tomo como meus professores: avalio as virtudes de um e as imito; observo os defeitos do outro e os corrijo em mim, se em mim eles existem.”

A boca tem destino diverso do dos olhos. A boca e os ouvidos. Nem sempre a boca foi feita para falar, e os ouvidos feitos para ouvir.

E muitas tragédias amargas têm enlutado lares e nações por não se aperceberem os homens dessa verdade elementar. Não teria sido por isso que Deus não permitiu aos homens o uso de uma só língua? Seria natural que todos nós falássemos apenas um idioma. Por que tantas línguas e tantos dialetos? Entendo, ao contrário do que pensava Zamenhoff, que a diversidade de idioma diminui os seus desentendimentos. E não, como ele e muitos seguidores ainda pensam, os agrava.

Para você ver bem que nem tudo se deve dizer, vou contar-lhe um fato.

Antes, porém, quero deixar clara uma frase de Machado de Assis, para que se não deduza do que eu disse, um erro que não admito.

Dizia o insuperável mestre da boa prosa que “nem todas as verdades se devem dizer”. O que permitiu a alguns malandros, esquecidos de que a “meia-verdade é pior do que a mentira”, entenderem que se nem todas podem ser ditas, podem, pelo menos, ser insinuadas. E como a insinuação, quase sempre, dá margem a distorções, teríamos aí a aceitação de um erro que, antes de tudo, parece-me uma cretinice: Contornar a verdade, substituir a verdade por uma meia-verdade ou por uma verdade-e-meia, com a óbvia deturpação dos fatos e das coisas.

Feita a ressalva, vamos ao caso:

Logo que estourou a Revolução de Abril, que cedo se tornou no grande "1º de abril nacional", escrevi ao meu pai longa carta, que depois vou mostrar-lhe, analisando a gênese e o desenvolvimento do movimento revolucionário de então.

Terminada a carta, eu que tenho o péssimo costume de não reler nada que escrevo, o que explica, em parte, certas besteiras que ando proferindo, desta vez, não pus de imediato a carta no envelope. Resolvi lê-la primeiro.

Foi então que pensei: "Não, esta carta poderá levar um certo mal-estar ao papai. Creio que ele ficará muito apreensivo, e nunca é bom inquietarmos aqueles a quem amamos, com as agrurazinhas por que passamos". E a carta não seguiu.

Hoje vi que acertei. Primeiro, pelo fato em si. Segundo, porque continuei mantendo o meu irrefragável sistema de vida.

Esse sistema de vida eu resumo numa frase: "Nunca dê más notícias a ninguém!" É preciso que ainda aqui eu me explique para que você me entenda bem.

As notícias a que me refiro são as atinentes à minha pessoa ou à minha situação. Por exemplo: "Nunca ninguém ficou sabendo, por mim, dos longos dias em que no Rio de Janeiro minhas refeições eram simples médias de café sem pão". Nem que, por muitas vezes, eu tive que sair da Tijuca, a pé, subindo pela Rua do Bispo, atingindo o Largo do Rio Comprido e subindo ainda a imensa Rua Itapiru para atingir finalmente o Catumbi, por não ter no bolso os quatrocentos réis do bonde. Ia e voltava, porque nem para a minha noiva de então eu queria revelar o fato.

Inúmeras foram as vezes em que uma de minhas mais sinceras namoradas, ao despedir-se de mim, ela que tinha andado seis quilômetros para me ver, escondida do pai, deixava no bolso de minha camisa uma nota para o meu cinema ou para a minha bala.

E o triste, meu velho, é que nem recusar eu poderia. Já pela ternura da sua dádiva, já pela necessidade da minha situação.

Essas coisas todas, creio que só o Zé Pretinho é que ficou sabendo.

De modo que a carta não foi, para não destruir o princípio. Nunca devemos perturbar a paz alheia com a lamúria das nossas queixas.

Deixá-los em paz na sua tranquilidade. Quanto a nós, amarguemos as nossas dores e contra ela lutemos, mas sofrendo sozinhos.

Dessa virtude eu também me orgulho. Porque não a tenho visto com muita, com muita... Faltou-me o termo próprio, digamos com muita continuidade, ou com muita fartura.

Em geral se diz que se sofre menos quando se tem alguém para sofrer com a gente. Como diria o Junqueiro em versos inigualáveis: "Sofre-se menos quando se vê alguém também sofrer por nós".

O homem só é muito comunicativo em face da dor. Você já reparou isso? Dificilmente alguém de nós se aproxima para nos dizer que está com uma saúde de ferro, ou com uma disposição de rachar lenha. Isso, quase nunca. Mas uma dorzinha de dente ou de cabeça, ah, não se preocupe, todo o mundo tem de ficar sabendo. E o cabra acentua com toda ênfase: "A minha dor de cabeça é uma coisa horrível".

E o horrível soa como se as próprias caldeiras do inferno tivessem virado sobre ele. Como se só ele tivesse cabeça e, o que é mais original, só ele nela sentisse dores.

Ninguém conta que comeu um peru no almoço que passou. Mas todos contam que não dormiram a noite da véspera, porque a febre do filhinho não deixou.

Eu procuro ser diferente. Não é que sou forte. Absolutamente. Pelo contrário: minha mulher acha que sou, neste sentido, o cabra mais mole que a vida já produziu. Uma ligeira gripe me tortura cruelmente. E aqui eu me defendo: Não é a gripe que me mata, é a ausência da saúde, que adoro acima de tudo, que me punge. Não nasci para ficar doente! Eu quero sentir toda a beleza da vida, em todos os minutos que passam. Não me acostumo com a ideia de não poder olhar no céu a magnitude de seu azul sempre lindo. Não me entendo, indiferente, em face da policromia das flores. Não suporto passar por uma criança, sem lhe prestar no sorriso satisfeito a bênção da saudação que a inocência me pede.

E qualquer mal-estar me apavora, porque consegue isso que as mais duras decepções não conseguiram: aniquilar na hora a minha capacidade de amar.

De muitas coisas eu não gosto e de inúmeras outras tenho medo.

Certa vez, escrevendo n' A TRIBUNA um artigo contra o governo estadual, alguém achou que eu era um cara corajoso, porque com aquilo podia perder um emprego, podia ser apoquentado, enfim, podia ser punhado de coisas. Achou e disse. E eu fiquei sabendo.

Não tive dúvidas. Apressei-me a corrigir aquela errônea observação a meu respeito. E disse claramente que

eu era o sujeito mais medroso que a Terra já alimentara. Disse então e hoje repito, sem o menor pejo, sem o menor constrangimento.

Lembrei-me do Fernando Pessoa, o encantador poeta português, naquele seu sotaque carregado: "Será que só eu é que apanho; será que só eu é que não conquisto ninguém?"

E lhe posso dizer que ele tem companhia. Das brigas a que fui empurrado só me lembro dos tapas surdos que me estouravam na face. E dos namoros que fui obrigado a interromper, em quase todos, eu é que era o esquecido. Eu que também não conquistava ninguém.

Sou um cara profundamente medroso. Tenho medo de tudo e de todos. Tenho medo da vida e da morte. Do calor e do frio. Da água e do fogo. Do dia e da noite. Do vento e da chuva. Do trovão e do silêncio. Da tempestade e da bonança. Do céu e do inferno. Do moço e do velho. Do homem e da mulher. Da bola e do bolo. Do jeito e do jato. Do mestre e do aluno. Do padre e da Igreja. Do certo e do errado. Da verdade e da mentira. Do vício e da virtude. Do ato e do fato. Da alegria e da tristeza. Da inteligência e da burrice. Da estupidez e da suavidade. Do carinho e do desdém. Da calúnia e da ternura. Da simplicidade e do orgulho. Da vaidade e da pobreza. Da certeza e da dúvida. Do entusiasmo e da frieza. Da vivacidade e do tédio. Do boi e do pão. Do leite e do vinho. Do esterco e da flor. Do sapo e do lírio. Da abelha e do mel. Do berço e do caixão. Da cama e do teto. Do lar e da boemia.

Tremo de medo ao ver um soldado qualquer com um trabuco na cinta. Quase morro de medo ao ver um cho-

fer semilouco fazendo da rua onde brincam os meus filhos a pista de sua loucura.

Sobretudo eu temo trair os que eu amo e fazer sofrer aqueles a quem estou na obrigação de tornar felizes.

Sou, como vê, um tímido e um descrente.

Creio, de fato, em muita coisa boa. Creio, por exemplo, no espírito e na matéria. No corpo e na alma. Na inocência e na pureza. E creio em Deus para saber que não é verdade que os justos paguem pelos pecadores.

Mas não creio também em muita coisa. Por exemplo, não creio no patriotismo dos que sonegam impostos. Não creio na gentileza do comerciante. Nem creio na bondade do industrial que explora seus homens. Não creio nos que fazem da fé um rendoso balcão. Não creio nos puritanos. Nem nos oradores que pregam para os outros. Nem nos poetas que cantam as magnitudes do dia, mas se alimentam das trevas da noite. Não creio na sinceridade dos políticos. Nem na honestidade dos que a própria apregoam. Não creio na advocacia, nem na justiça, que se precisa comprar. Não creio nos que vendem para os outros o céu que não adquiriram para si. Não creio nas lágrimas do luto, quando as núpcias novas já se fizeram encomendar.

Não creio nos contadores que emprestam talento para, subtraindo lucros, iludir a nação.

Não creio na prodigalidade dos corruptos. Nem na gentileza dos venais.

Não creio, sobretudo, que a humanidade possa encontrar a paz, fabricando canhões; o bem, preparando explosões; a felicidade fora dos ditames de Deus.

XXVI – Zé Teixeira, o ator

Esse Zé Pretinho, a que me referi há pouco, é o cidadão José Teixeira de Oliveira, que se aproximou de minha família há não sei quantos anos. Minha mãe ainda era viva, e creio que a sua aproximação se deveu mais à influência dela.

Foi um dos melhores jogadores de futebol que Astolfo Dutra já conheceu. Não diria o mais completo, porque lhe faltava, segundo me lembro, maior agressividade em sentido do gol. Mas era um clássico. Preparador dos grandes ataques, estrategista excelente, de seus pés saíram os mais impressionantes passes que a nossa torcida já aplaudiu. Maneiroso, jeitoso, malandro, sua ginga era um drible perfeito.

Quando eu despentei para o futebol já ele ameaçava encostar as chuteiras. Não por velhice. Tem quase a minha idade e poderia, por isso mesmo, andar ainda deliciando a plateia com a sua desnorteante técnica.

Parou por doença. Um resfriado forte, sem os cuidados naturais de um bom tratamento, culminou por jogá-lo no Sanatório da Grama, pertinho de Juiz de Fora, onde ele, no silêncio de longa meditação, começou a se preparar para a sua nova carreira. Não lhe posso dizer se tão brilhante quanto a outra, mas lhe posso dizer que brilhante.

O doente que mandamos para a Grama de lá voltou, literato, poeta e ator.

Depois, com o desenvolvimento de suas aptidões, transformou-se também num dos melhores oradores

espíritas de Astolfo Dutra. À sua frente só o A. O.⁽¹⁾ com seu verbo iluminado. Mais ninguém. Noites memoráveis passamos sentados nas duras cadeiras da Juventude Espírita "Francisco C. Xavier", extasiados a ouvi-lo.

Naquela voz suave e ao mesmo tempo imponente, olhar de Napoleão a dominar legiões, ensinamentos e mais ensinamentos brotando de seu cérebro para iluminar a sala e as consciências dos que o estavam ouvindo.

Poeta inspirado, dele aprendi alguma técnica que depois o meu pobre talento sufocou.

Como ator sempre foi o salvador da pátria. Precisava-se de uma segunda parte? Não havia o que se apresentar? Números esgotados? Soltava-se o Zé no palco e era uma festa. Sambando com Dinorá, no seu infatigável "Bonequinha de Piche", ou declamando, ou improvisando, o Zé Pretinho era um espetáculo à parte.

Engraçado como ele só. Mas a sua graça não era o seu talento apenas. Era simplesmente uma parte dele. Cômico ou trágico, o artista sempre foi o mesmo. Entusiasmado plateias, extasiando corações.

Disse-lhe alguma coisa sobre o seu talento, mas, para que o seu perfil fique mais completo, é preciso que eu diga alguma coisa sobre seus defeitos. Não para uma possível e, no caso, justa censura, em face da enorme amizade que nos liga. Mas para que você o fique conhecendo bem.

Dele não se pode dizer que é "um preto com a alma branca". Quando muito se poderia dizer que é uma alma

⁽¹⁾ A. O. é como quase todos na família se referiam a Astolfo Olegário de Oliveira, pai do autor desta obra.

branca com um fundo preto. Não sei se me expliquei bem. Mas vou perseguir clareza maior.

Não é desses esposos com que sonham as casadeiras. Fechado, avesso a carinhos, é sobretudo um refratário. Não assimila bem nem a luz do sol, nem o brilho das estrelas.

Ele próprio me disse, certa vez, que tinha uma vocação irresistível para o jogo. Sentia-se como um valete de copas à procura de uma racha.

Racha é o que se chama, no jogo de cunca, ou de buraco, ou de pif-paf, a carta do meio na formação de uma seguida. Entre um sete de copas e um cinco de copas, por exemplo, a racha é o seis de copas.

Ele era assim o valete de copas entre a dama e o rei.

E a dama e o rei nos tornamos eu e a patroa, transformando nossa casa em cassino, para homenagear o Zé. Não apenas homenagear, mas para lhe dar um ambiente em substituição ao outro onde ele pudesse perder um dinheiro que não tinha.

Foi muito difícil trazê-lo para o nosso cassino.

No A. O. funcionava durante todo o dia um jogo, que apelidaram de pirolito. Tirava-se lá, por sugestão do Floriano Linhares, ao que me ocorre, um pequeno "barato" para ajudar ao Asilo. No fundo, me pareceu aquele barato como tentativa de justificação. Compensar-se o pecado da jogatina com a esmola da contribuição. E todos eram felizes. E o Zé, mais que todos.

Você precisava vê-lo no jogo. O homenzinho se transfigurava. A cor negra de sua pele empalidecia. As feições se carregavam. A respiração sumia. Os olhos esbugalhados, firmes na mesa, esperando a queda da "boa". De repente gritava: "deu aqui!" E era um "deu

aquí” entre dentes, com raiva, porque há muito “telefonara”.

O telefone, na gíria do jogo, é a antevéspera da vitória. Antevéspera, porque nem sempre é sinal de vitória. Por isso há, além dele, o “telefone podre”, o “telefone macho”.

O podre é, em geral, o que só dá o bate por duas ou três cartas. O telefone macho é aquele que, segundo o jogador, bate com qualquer carta. Bate com o baralho inteiro, para, no exagero, se definir melhor a possibilidade total.

Você quer saber o que é mesmo o telefone do vício?

Nesses jogos, a vitória se consegue, com a formação de três combinações ou jogos. São nove as cartas e deverão, mais comumente, se combinar em grupo de três. Há uma infinidade de outros “macetes”, como o fleche, o quatro por um lado e cinco por outro e outras formações diversas, mas que não convêm ao meu caso.

Pois bem, quando o jogador completa duas combinações e fica em condições de bater, isso é, completar a última combinação, diz-se que ele telefonou. Em geral todos dizem e, para não gastar muita energia com isso, já até encurtaram o termo. Diz-se apenas: “Fulano telé”. É pronto. Há uns, entretanto, que não gostam que os parceiros saibam que já telefonaram. Tentam por todas as artimanhas ocultar esse fato.

O Zé era desses, mas se traía no olhar. Papai costumava dizer: “Sei, na hora, quando o Zé telefona”. E não fazia muita vantagem a psicologia do papai. Porque o homem todo era um imenso telefone.

Um dia o pirolito morreu. Foi-se aniquilando aos poucos, desmilinguindo-se paulatinamente. Mas o Zé foi

o último a largar o caixão. Sofreu feito cachorro. Aquele pobre "valete de copas" daria tudo para que o doente não morresse.

Mas, como tudo morre nessa vida, o pirolito morreu. E o Zé, depois de amargurados dias, aparece lá em casa, já mais refeito, porque mais corado.

"Tudo passa sobre a terra", diria José de Alencar, para o Catulo da Paixão Cearense remendar: "Só a saudade é que fica!".

E a tristeza passou, embora a saudade ficasse.

Abrimos então o nosso cassino. A diferença estava no jogo e no cacife. O jogo era o que se conhece por "agacha" ou "miquilina". O cacife, de cinquenta cruzeiros, para bons entendedores, significa comprar, com muito azar, por cinquenta cruzeiros, dez horas de diversão.

Eu e Elizabeth e mais o Luizinho ou o Jarbinhas, ou o Borela ou o Bolão sustentamos o Zé por muito tempo. As despesas leves da casa, como o pão e as merendas de seus filhos saíram de nossos bolsos, do que hoje não nos arrependemos.

O Zé Pretinho, dentre os meus amigos, foi aquele a quem eu pude chamar "O constante". Mais constante do que o Jarbinhas, jamais esteve ausente de minha vida. E o "mais" que ele levou de vantagem sobre o Jarbas se deveu à nossa identidade de religião. Também espírita, quando o Jarbinhas é católico, estaríamos ainda juntos nas festas de nossa fé e das nossas emoções mais caras.

Permaneceu comigo em todas as situações. Viveu o drama das eleições. Pensando comigo, em face dos problemas políticos, tinha que votar com o patrão e amigo,

A. O., de quem quase sempre divergíamos. Sofreu por isso. E creio que ainda sofre ao engolir, como um sapo, o grande candidato de A. O. para as próximas eleições presidenciais.

Nacionalista extremado, enfrentamos memoráveis debates, em que a força, não do nosso talento, mas da pureza de nossas ideias, vencia sempre.

Esteve sempre tão perto de mim que com ele, ao partir para o Sul, deixei, certo da boa guarda, os meus livros e as minhas reminiscências.

E aproveitando o caminhão, por cá surgiu ele, trazendo a minha mobília, para dizer ao amigo que, enquanto pôde, não deixou fugir daqueles móveis e daquelas coisas o calor admirável de sua amizade.

XXVII – Luiz e Borela

Já agora não posso continuar sem antes dar-lhes duas palavras sobre dois nomes citados: Luizinho e Borela.

Luizinho é o nome familiar de um dos maiores atores que a cenografia já apresentou neste país.⁽¹⁾

Três vezes laureado pela crítica teatral brasileira, como o maior ator do país, em 1955, com "Paiol Velho", no Rio, em 1961, com "A Escada", em São Paulo, e em 1962, novamente no Rio, com "O Pagador de Promessas", jamais se deixou embriagar pelo vinho das fáceis vitórias. É o homem das grandes paradas.

Só isso justifica suas repentinas fugas do cenário teatral brasileiro, deixando no palco uma lacuna que amargamente lamentam as plateias acostumadas com o seu talento.

Foge do palco e embrenha-se pelo interior para voltar a ser o homem simples e sereno que não desdenha de sua origem. E o interior quase sempre é o Porto.

Porto é o nome carinhoso de minha terra. Ao ganhar as honras da cidade, roubaram-lhe a poesia do nome. Era o Porto de Santo Antônio. Mudaram-no para Astolfo Dutra. É a eterna falta de gosto político. Para se homenagear um eleitor ou bajular-lhe a família, sacrifica-se tudo, inclusive a poesia das coisas.

⁽¹⁾ O autor refere-se a Luiz Linhares (1926-1995), o grande ator brasileiro nascido em Astolfo Dutra (MG) que fez sucesso sobretudo no teatro. Para saber mais sobre ele clique em <http://dramaturgiamemorian.com.br/luiz-linhares/>

Nada mais poético do que um porto. É o porto a forja das grandes saudades. Saudade triste, quando o navio nos leva. Saudade boa quando o navio nos traz. E, sobretudo, Porto de Santo Antônio, o santos dos amores e das esperanças.

Pois bem, nada disso perturbou a burocracia administrativa, na sua faina de bajular, para se proteger. E o velho Porto ficou apenas no coração dos mais velhos, como uma lembrança de carinho e de poesia.

Quando o Luiz, numa de suas fugas, voltou a buscar o seu Porto, conheceu minha esposa e admirou o meu lar. E ali, no fundo de nossa cozinha, todos ouviram um estalo. E ele falou decidido:

– Arthur, vamos montar uma peça. Será ANTÍGONE, de Sófocles, na tradução de Guilherme de Almeida.

E eu, tímido:

– Peça grega, Luiz, e antiga? Vamos fazer uma coisa mais fácil.

Ele não aceitou a minha sugestão, porque nunca foi homem de tentar coisas fáceis.

No dia seguinte estava fundado o conjunto de teatro amador a que demos o nome de "OS CARAMONÃS".

Dos passos iniciais participaram além do diretor, ensaiador e mestre Luiz, deste seu pobre criado e da Elizabeth, mais os seguintes atores: Dalvinha, Jésus Linhares, Luquinhas, João Vespúcio, Bolão, Jarbinhas, Tati, Ênio e Silvério.

O nome do grupo surgiu de uma homenagem que queríamos prestar aos primitivos habitantes de Astolfo Dutra.

Astolfo Dutra é uma cidade espremida entre a serra e o rio. Essa situação topográfica é que tem dificultado,

sobremaneira, o seu mais rápido crescimento. Por isso, a cidade se deixou ficar, por muito tempo, como uma rua comprida que começa na Estação e só termina no "Buraco do Cigano", seguramente uns dois quilômetros e meio de casas.

Hoje, com nova ponte sobre o Rio Pomba, a cidade começa a estender os seus braços para a outra margem do rio, e inúmeras casas se vão fazendo da noite pro dia. É lá, inclusive, que estão plantados, hoje, o Ginásio Municipal Prof. Souza Primo, onde também funciona o "Curso Normal", e o prédio novo do mais novo grupo escolar: o G. E. "José Vieira da Silva". É também lá que conseguimos recentemente inaugurar as dependências desportivas do "Caramonãs Tênis Clube" com duas magníficas piscinas, um excelente vestiário e uma quadra de basquete, ainda não terminada. Breve surgirá também a sua sede social.

Mas das inúmeras serras de Astolfo Dutra, uma per-tencia aos índios caramonãs, que no dizer de Abel Go-mes, através do livro "Braz Pires", chegada a ocasião de suas festas, desciam a serra, que hoje se chama dos caramonos, mas que corruptela virou "caramonho", para às margens do ria apresentar as suas danças e as suas comemorações. Foram, segundo pensamos, os primeiros artistas da terra. Nada mais natural do que homenageá-los, portanto, com o nome do nosso grupo.

Os ensaios, devido às minhas aulas noturnas, come-çavam, em geral, às 9h30 da noite e se prolongavam até alta madrugada.

E o Luiz, incorporando em si toda a angústia de quem busca a perfeição, virava um possesso. Era tal sua tensão nervosa, ao procurar tirar daqueles cabeças-de-

bagre o máximo possível, que já chegava nervoso. O que levou o nosso caro Jarbinhas a apelidá-lo de "mate leão", porque já vem "queimado".

Foram seguramente seis meses de ensaio. Ensaio duros, continuados, cansativos, demorados, intermináveis, mas que deixaram em todos os participantes, pelos depoimentos que fui colhendo depois, muito tempo depois, as mais vivas e agradáveis recordações.

A estreia foi um sucesso. Cobrando três vezes o que se costumava, normalmente, cobrar, nesses espetáculos, foram muitos os que não conseguiram aplaudi-la, por falta de lugares.

De Astolfo Dutra, fomos enfrentar uma assistência mais exigente e melhor preparada, no CLUBE SOCIAL DE CATAGUASES. E foi com emoção que recebemos das pessoas mais cultas do lugar, entre os quais pontificavam o escritor Francisco I. Peixoto, o poeta Antônio Mendes e a admirável figura do professor Dr. Manoel das Neves Peixoto e do advogado Serafim Lourenço, presidente do clube, em que nos apresentávamos, os mais calorosos cumprimentos.

Os aplausos da grande cidade soavam como recompensa ao difícil trabalho.

Depois o grupo passou por uma revolução. Ocupações de uns, afastamento de outros, gravidez da estrela, sobramos Luiz, Ênio e eu, para ao lado da Rosinha e do Geraldo dar à cidade o maior espetáculo a que até então tinha ela assistido: a peça "FRANKEL", de Antônio Calado. Não preciso dizer que o sucesso da primeira apresentação se repetiu. Tanto em Astolfo Dutra, como em Cataguases, desta vez, num palco maior e num salão também infinitamente maior.

Poeta bissexto, de vez em quando nos surpreende o Luiz com agradáveis produções. É bissexto mais por preguiça do que por falta de talento.

E embora bissexto, ou talvez, por isso mesmo, é grande poeta como está a comprovar a sua "Pavana a uma Infanta Morta".

Profundo idealista, desde cedo o Luiz se revoltou contra os desníveis sociais e as explorações do homem sobre o homem. Tornou-se marxista tendo boa bagagem de conhecimentos sobre a vida e a obra do grande iniciador do Materialismo Dialético.

Mas a sua grande marca é a simplicidade, com a qual vai se conduzindo pela vida, alma vagabunda de boêmio e de artista.

*

Borela é o nome de guerra de uma das figuras mais queridas de Astolfo Dutra: Geraldo Borela Zangirólani. Irmão de Ana Borela, que depois se tornou a minha mãe Anita, por via de consequência é meu tio e, evidentemente, tio de meus irmãos.

Na realidade se transformou em tio de toda a cidade, já que o chamando de Tio Geraldo quis a população portuense testemunhar-lhe o carinho e a amizade que sua vida de permanente doação fez por de todos merecer.

Sapateiro, da profissão fez uma arte.

Quando se procura a sua oficina, não se vai atrás do sapateiro, mais um sapateiro dentro da vida funcional da cidade; mas do artista admirável que com uma agulha e uma técnica tem tecido os mais belos calçados deste

país. Não se vá pensar que a palavra "país" aí entrou como uma hipérbole. Não; entrou como uma palavra justa para uma definição exata. Modelista da "Fox", por muito tempo, seu talento e seu bom gosto ditaram moda e calçaram os elegantes.

Um dia exagerou um pouco no copo e largou o ofício. Foi assentar praça atrás de um balcão na Fazenda Bela Vista, em Pirajuí (SP), onde não só conquistaria com a sua simpatia as amigas mais caras, como perderia, inevitavelmente, a sua genial mãezinha, aquela vovó Justina, que nasceu menina e que morreu menina.

Double de caixeiro e de artista, encheu de alegria, por longos anos, aqueles campos e aquelas serras.

Bom como um passarinho, deles se tornou o amigo fiel, o companheiro mais constante, o servidor gentil, o protetor mais sincero. E encheu a sua modesta casa das mais encantadoras aves.

Visitá-lo é entrar num viveiro. Ouvi-lo é extasiar-se para sempre com os seus canários, seus curios, seus pintassilgos.

O bom tio Geraldo foi assim a visita de nossa predileção. Não que o considerássemos como visita. Na casa ele era um semidono. E para aproveitar o prefixo, para todos nós, ele era um semideus.

Observador inteligente, e dono de uma verve insuperável, dele ouvimos tiradas e anedotas de improvisação que jamais esqueceremos. De uma presença de espírito fabulosa, não perdia uma oportunidade de demonstrar seu bom-humor, para encanto de todos.

Depois que a gentileza das prestações me permitiu pôr em casa um aparelho de televisão, tivemo-lo conos-

co diariamente. Antes era o semanal, depois passou a diário.

E antes era o semanal por uma razão muito simples. Se, com a presidência do Luiz Linhares, surgiram "OS CARAMONÃS", com a presidência do Borela surgiu, com sede em minha casa o "CLUBE DOS MAL CASADOS". Como disse, ele era o Presidente em exercício a cumprir determinações do grande Presidente de Honra que nunca deixou de ser o nosso Amaury. Jarbinhas era o secretário e eu, o zelador do clube, por ser o dono da sede.

Noites memoráveis nos apanharam na mais franca das discussões. E do tio ficou célebre a frase, que depois mandamos colocar no pórtico do nosso salão: "Em matéria de casamento, não há marido feliz; o que há é marido conformado".

O melhor orador do clube, na realidade, sempre foi o Jarbinhas; mas ninguém superou em finura de observação o nosso bom tio Geraldo.

Minha casa, nessa época, tinha se transformado na Academia Literária da cidade. Nada se fazia por lá, sem que primeiro se ouvisse a opinião de seus frequentadores. Não é que fôssemos talentosos, mas é que éramos audaciosos.

Lá recebemos, na sala de minha biblioteca, ateus, sacerdotes, pastores, crentes, operários, seminaristas, estudantes e, ali, com o nariz quase encostando no Kardec, sempre nos demos bem. É que nunca se desrespeitou dentro daquelas paredes o admirável direito de pensar.

Cada um que cuide de seus pontos de vista e se esclareça melhor. Não hão de serem as divergências ocasionais o que separa os homens. Cada homem oscila

dentro de uma órbita determinada. A cada um satisfazem determinados princípios. Deixá-los pensar como quiserem, mas nunca deixar de amá-los como verdadeiros irmãos já que todos viemos do mesmo pai, e inevitavelmente, a ele retornaremos um dia.

Antes de passar para a frente é preciso que eu esclareça um ponto.

O CLUBE era dos mal casados, mas na realidade todos tinham se casado muito bem. Inclusive se nos perguntassem a qual mulher nós desejaríamos nos unir novamente, cada um declinaria, com respeito, o nome da própria esposa.

Lá estávamos mais por uma questão de exercício mental do que por imposição da vida. No fundo, o que se desejava era manter viva aquela união entre todos, unindo-nos cada vez mais e cimentando sempre com uma massa mais forte os laços da nossa inabalável amizade.

Um dia, comentando o fato daquela esposa que abandonara o marido, para acompanhar outro homem, o mano Amaury saiu-se com esta, que lhe deu o prêmio de o "mais inspirado" da turma:

– Eu sou tão desgraçado que isso só acontece com as mulheres dos outros.

E o Jarbinhas, leiloando a própria esposa na roda, com entusiasmo dizia:

– Quanto me dão pela esposa? Façam seus lances. Quanto me dão pela esposa?

Obviamente ninguém se arriscava a falar. Então ele se dirigiu especialmente ao tio Geraldo.

– O senhor aí, quanto me dá pela esposa?

E o tio secamente:

– Nada!

Ao que o Jarbas, de pronto, concluiu:

– É sua!

Essas coisas todas estou recordando para que se meça bem o grau da nossa intimidade e o carinho com que se comportava cada um no conjunto final.

No fundo, estávamos todos absolutamente felizes com a esposa que Deus nos deu e, mais que isso, com os robustos filhos que de todas elas nasceram.

Figura admirável de amigo, quis também o tio, enfrentando vinte e tantas horas de caminhão, e acompanhando o Zé, trazer a minha mudança.

Na verdade, ele sentia, o que depois vim a saber, como nenhum outro, uma saudade imensa daquelas cadeiras e daquelas mesas, que viram transcorrer muitos dos dias mais felizes da sua vida.

Queria, por mais algum tempo, parece, sentir o calor que os donos lhes impregnaram para dizer-lhes que, naquela casa, não apenas os corações humanos, mas também os móveis e as coisas lhes dedicavam profunda afeição.

Talvez seja o tio, hoje que medito sobre quase tudo, o amigo que mais falta me está fazendo, nesta fria zona do sul de Minas, para com o calor de sua inteligência e a graça de suas improvisações tornar mais adorável essa adorável vivência em Santa Rita de Caldas.

XXVIII – Seca-bofe, o cruel

Você me desculpe. Eu comecei a falar, fui misturando as coisas e acabei interrompendo a história.

Sou assim mesmo. Quando começo, nem o Francisquinho me aguenta.

Meu pai conta que em Astolfo Dutra havia um camarada que apelidaram de "Seca-bofe". Seca-bofe porque adorava uma palestra. Podia estar descendo para apanhar o ônibus de Cataguases; se alguém lhe perguntasse: "Olá, Seca-bofe, como vai?", ele parava para contar como ia e ali ficava, esquecido de tudo, inclusive da viagem que deveria fazer.

Trocavam-se os ouvintes, e o homenzinho continuava.

Dizia-se até, para melhor defini-lo, o seguinte:

– Se o Seca-bofe estiver conversando, você pode plantar debaixo de seus pés um pé de chuchu, que o chuchu nasce, enrola-se pelo seu corpo e acaba dando chuchu, sem que a conversa termine. Basta que não falte o ouvinte.

O Seca-bofe já se foi, mas deixou dois discípulos: eu e o Francisquinho.

Esse Francisquinho é o Francisco Meneses Linhares, um moço dos seus trinta e poucos anos, casado, contador, mecânico, desenhista, professor, chofer e uma infinidade de outras coisas que ainda não decorei.

Nunca vi ninguém mais justo, nem mais prestativo. Igual pode haver, não duvido, embora ache difícil. Mais, não! É impossível! Dele se pode dizer que é justo como um tribunal. Que é prestativo como a eletricidade.

E gostei dessa segunda comparação, porque, como a eletricidade, também é violento. Não no mau sentido do termo. Dominável, porque é manso como um cordeiro, ferido injustamente, vira uma fera. Fera da razão, qualquer criança o domina. Ferido involuntariamente, limpa o sangue e sorri ao algoz.

Mas se o quisermos empurrar com a barriga, teremos topado a parada mais dura da vida. O homem se eletriza e, ágil como o relâmpago, não há quem o segure. Muitos valentões se curvaram ante a decisão desse *gentleman*. Gentil como um sorriso, delicado como uma pétala, injustiçado, transforma-se num vulcão e se transfigura e se enfurece e se descontrola e ai dos que acenderem o furor.

Foi um belo tipo de goleiro. Ágil como um gato, sua presença debaixo dos paus era fator de segurança e garantia de vitória. Mas parou cedo, para desencanto de seus admiradores. Deixou que a barriga crescesse e o cabelo caísse e, hoje, lutando contra a banha e contra a calvície que atua insistente, aguarda a nomeação como escrivão federal a que garbosamente fez jus, através de um concurso.

Inteligente, estudou pouco e deixou muita gente pra trás. Foi o 19º colocado num torneio de quatro mil candidatos.

Tem um defeito e muitas virtudes. O defeito é o meu: tem assunto demais e com ele quase não se pode falar, porque o tempo é só para ouvir. Tem obsessão pelo detalhe. Um caso contado por ele fica mais interessante do que se a gente mesmo a ele assistisse. É que, profundo observador, vê, melhor do que todos, os ângulos e escaninhos de toda a questão.

Sua letra não é letra. É desenho. Por isso é imensamente procurado. A propósito de tudo. Uma fotografia que se deseja tirar, uma flâmula que se pretende fazer, um monograma que se necessita bordar; tudo é com o infatigável Francisquinho.

Há tempos queixou-se ele de mim, com o meu chapa Jarbinhas, dizendo que eu parecia não gostar dele, porque quase nunca conversávamos, embora ele o tentasse.

A explicação foi na hora: "dois bicudos não se beijam". Se nos juntarmos os dois, seca-bofes que somos, um dos dois de angústia morrerá.

Porque um não dará vez ao outro.

XXIX – Na noite primeira

Viu como as coisas são? Para homenagear meu colega, interrompi outra vez, o curso de nossa história.

Mas agora iremos direto ao fim.

Eu falava sobre a primeira manhã da minha lua de mel. Estava felicíssimo em ver que as delícias do tálamo não tinham perturbado o encanto e a graça da virgem.

E parti para uma observação que não consegui concluir.

Vejamos se ela agora vem.

Em geral os homens não se preparam para o casamento. E digo homens no sentido genérico – isto é, o homem e a mulher.

Educados deficientemente, na infância e na juventude, creio que só uma ou duas coisas aprendemos. Nele entramos como um senhor que vai explorar sua vítima. A mulher é o cofre dos nossos desejos. Deus a fez para nos servir apenas, satisfazendo a nossa cupidez e apagando, periodicamente, o vulcão da nossa volúpia.

Pensando assim, nada mais natural que o homem, ao entrar pelo quarto, em sua noite de núpcias, se deixe transformar no macho indomável à procura da fêmea.

E na ânsia louca de viver o momento, esquece-se de que tem, ante si, o mais delicado de todos os seres: uma virgem. Muitas vezes tem, junto a si, uma menina que sonha. E o carinhoso namorado de antes, o adorável noivo de ontem, se transforma no monstro a devorar sua presa.

Ai doces sonhos de outrora. Verdes esperanças em flor.

A menina, ao ser feita mulher, recebe na própria carne a marca da estupidez que não morre. E as agruras por ela vividas passam a refletir-se nos dias futuros, perturbando o equilíbrio conjugal, a paz domiciliar e o entendimento final, responsáveis diretos por quase todas as infelicidades matrimoniais.

A primeira noite deve ser para a mulher como um estímulo para a vida inteira. É através dela que ela pode se sentir protegida, vendo no marido o companheiro, o amigo, o amante, o sócio ideal, com quem dividirá suas dores e partilhará as suas emoções.

Por isso, tanto quanto a felicidade que me deu a contemplação do poema, vi, satisfeito, que eu tinha me comportado à altura das esperanças da noiva.

Recebera dos pais uma flor para amar. Não lhe podia despetalar, de pronto, as mais perfumadas pétalas, e deturpar com a minha ignorância a suavidade de sua impressionante cor.

Aquela menina que me dera tudo, e em mim confiara o que tinha de mais caro: a sua pureza, a sua virgindade e a sua inocência, precisava que dali para frente eu justificasse, com uma vida exemplar, a confiança em mim depositada.

E ao lado do esposo, eu me pus como pai.

Talvez reside nisso toda a razão da felicidade que sempre tivemos.

Apromptamo-nos e fomos ver a vida alegre da cidade. Algumas possíveis compras, algumas fotos inevitáveis, enquanto o almoço não vinha. E assim por lá ficamos três ou quatro dias, na doce tranquilidade do amor.

É provável que eu me tenha exagerado no amor. Porque, passando por Leopoldina, onde ficamos uma

noite com tio José e tia Angélica, ao chegarmos em Pirapetinga, onde eu devia falar, numa Semana de Espiritismo Cristão, estava completamente afônico. Do que se serve até hoje a minha companheira para, nas horas de recordações, censurar as minhas fraquezas.

Nem lá, nem em Recreio, para onde fomos depois, acompanhando o A. O., no nosso retorno triunfal, pude dizer qualquer coisa.

Em Pirapetinga tivemos uma agradável surpresa. Em reunião, que a vidência de D. Dina conseguiu descrever, recebemos carinhosa homenagem da espiritualidade amiga.

Nunca me esqueci da quadrinha com que o José Grosso começou a noitada:

“Aos dois queridos irmãos
Eu peço a Virgem Maria
Que lhes encha os corações
De paz, amor e alegria.”

Depois seguiu-se a fala de minha mãe, comovente como nunca, e alegre como sempre, para provocar felizes lágrimas em todos os que a ouviram.

Em Recreio, ouvimos magnífica oração do A. O. e, no dia seguinte, pegamos o trem de volta.

Nossa casa estava um encanto. Lila, prevendo a volta, encarregou-se por conta própria de transformá-la, com suas artes de grande mulher, no ninho perfumado para o sono do casal.

Na manhã do dia seguinte ainda foi a Lila, através do seu filho Cláudio, que nos mandou o café, para o tomarmos na cama.

A lua de mel continuava. Não conheceu as mutações de sua velha xará. Nasceu crescente para ser sempre “crescente”.

E neste dia, sete anos passados, com três filhos já nascidos, podemos felizes sentir que a nossa interminável lua de mel continua.

XXX – Na casa marrom

Se você algum dia passar pela casa marrom da Rua Manoel Hipólito s/n, por favor, pare um pouco e a contemple de pé. Aquela casa representa uma mensagem. Aquela casa distribui alegrias. Nela se construiu uma obra que dificilmente será suplantada. Nela edificamos nossos sonhos, e nela fizemos nossas preces, todas as preces. Os sonhos se concretizaram e as preces foram sempre atendidas.

Impossível qualquer tentativa para dizer-lhe o que existiu ali dentro. Suplemente a minha incapacidade e pense um pouco. Talvez lá no fundo você possa compreender melhor. E certamente ouvirá que um ninho de amor não se consegue definir, nem descrever.

Baste isso: Foi um ninho de amor!

Antes de nos casarmos, já tínhamos escolhido um nome. Tínhamos, não é bem o termo. Tinham.

Elizabeth, Carminha e a mamãe Ladinha. Ricardo era o nome. O primeiro filho se chamaria Ricardo.

É interessante. Nem por hipótese pensáramos uma mulherzinha. Era absoluta a nossa convicção. Tinha que ser um homem. Tinha que ser Ricardo.

E agíamos assim, com tanta confiança e certeza que ali, pelo quinto mês de gestação, a Elizabeth me dizia:

– O Ricardo, hoje, está impossível. Ponha a mão aqui, para ver como pula.

Pulava como uma bola de borracha. E a mãe, feliz, abria e fechava os olhos, esquecida de tudo.

Muitas vezes, apanhei-a esquecida a olhar para o ar. Nada ouvia, nada falava. Estava estática. Eu, assustado a despertava:

– Elizabeth, está sentindo alguma coisa?

Ela acordava:

– Não. Nada. Estava pensando apenas. Como há de ser o nosso filhinho? Terá seus olhos azuis? De quem herdará mais: de você ou de mim? Queria que ele fosse igualzinho ao “papai”.

Coitada, apesar de saber-se bonita, nunca desejou que, nos seus filhos, os traços predominantes fossem dela. Queria todos, se possível, iguaizinhos ao pai.

O pai era eu, que sorria contente.

No quinto mês, quinto não, minto: no sétimo mês, ela começou a se preparar para um parto sem dor.

Tinha chegado, de novo, para a cidade um médico também novo, que ouvimos numa reunião médica, havida em Astolfo Dutra, falando sobre os sucessos da medicina com o parto psicoterápico.

Sei que muitos duvidavam, como até hoje ainda duvidam. Mas velho leitor das teorias de Pavlov, e conhecendo a influência que o psiquismo pode exercer nas criaturas, decidi procurá-lo. Seria a Elizabeth a sua primeira experiência local.

E, frequentando as aulas, todos os sábados lá íamos nós estudar com o médico. Tudo nos agradava. Não só os passeios que éramos obrigados a fazer, cortando quase toda a cidade, como os ensinamentos que fomos recebendo, gratuitamente, ao sabor da corrente.

Na manhã do dia 2 de junho de 1958 sabíamos que o Ricardo viria. Na véspera, minha esposa, com a ajuda da mãe, enfeitara a casa. Não entendi muito bem, na

época, a razão daquelas mudanças. A casa parecia em dia de festa. Nas paredes de todos os quartos, enfeites diversos. Quadros, gravuras, um mundo de dices, de mimos.

Toda a roupa de cama fora trocada. Os jogos mais lindos e as colchas mais belas foram arrancados do fundo do malão, para com a arte de seus bordados e de suas cores dar a nossa vivenda uma cor jovial.

Às seis horas da manhã fui ao médico, Dr. Antônio Hécio, para avisá-lo de que o neném nasceria, ali pelas nove horas da manhã. Errei por quatro horas. Errei, mas aprendi. Não errei no nascimento dos outros nem mesmo por meia hora.

Quando, às doze horas, Elizabeth foi para o quarto, levava um lindo sorriso. E às 13h25 nascia o mais sadio de todos os moleques.

Pesou 4 quilos e 800 gramas e era rosado e limpo como a saúde. Gorduchinho e bonito. Bonito como a mãe; gordo como o avô. De meu nem um traço sequer.

Ao vê-lo quase saio correndo. Desejei naquele instante, ou tudo o que desejei naquele instante, foi sair correndo pelas ruas para anunciar ao mundo e às coisas que o meu filho nasceria.

Belo como a alegria do pai; completo como a felicidade da mãe!

Desci rápido ao armazém e com o coração na boca, embargando-me a voz, pedi ao Zé que fosse avisar ao papai, à Lila, aos irmãos, ao país, que o Ricardo nasceria, no parto mais tranquilo a que o jovem médico já assistira.

Escrevi, no mesmo instante, ao sogro ansioso, para que Guarani também pudesse saber.

E no dia seguinte, cedinho, por cá surgiu ele, sorrindo e chorando, na mais indescritível de todas as emoções.

XXXI – Ricardo, o notável

Ricardo está hoje com seis anos.⁽¹⁾ Infelizmente, para ele. Porque, se pudesse, já estaria com dez, onze ou doze. Nunca vi nenhuma criança com tanta vontade de envelhecer.

Você precisava vê-lo, na festa dos cinco anos. Parecia ter descoberto o segredo da vida. Mas não o contava a ninguém! E a sua alegria não decorria apenas dos doces e presentinhos que a mamãe lhe deu. Juro que por isso até não estava ligando. O importante para ele no dia, a fonte de todo o entusiasmo daquele inesquecível dois de junho, era o fato inevitável do quinto ano. Cinco anos! E saía a dizer para o mundo todo: – Tenho cinco anos! E abria todos os dedos de sua mãozinha esquerda, para, no gesto, tirar todo o efeito da fala. Tirar não, aumentar.

Foi a mais brusca mudança que nele se operou em todo esse tempo. Até os quatro, embora senhor de uma vivacidade que não me fica bem, como pai, enaltecer, mas de que toda a cidade é testemunha, tinha lá uns dengos e umas molezas que o pai não aprovava. Não aprovava, mas compreendia. Estava-se diante do primeiro filho e do primeiro neto. Natural, portanto, que os

⁽¹⁾ Ricardo Baesso de Oliveira, médico radicado em Juiz de Fora (MG), é orador espírita bastante conceituado em Minas Gerais. É um dos fundadores do IDE-Instituto Difusão Espírita de Juiz de Fora e também membro do Conselho Editorial e um dos articulistas da revista "O Consolador" – www.oconsolador.com/. Para saber mais sobre o IDE, acesse <http://ide-jf.org.br/>

excessos da mãezinha inexperiente e dos avós corujas nele deixassem a marca da ternura excessiva. Tirante isso, foi uma bênção de Deus a nos sorrir permanente.

Aos quatro meses engatinhou. Aos cinco tinha dois dentes. Aos dez meses começou a andar e nunca mais parou até hoje.

Tem dois sonhos irresistíveis: jogar futebol, como o pai, e como ele, também, saber um mundo de coisas. Ingenuidade divina, que faz o filho ver no pai o supremo ideal da existência.

É evidente que mais tarde há de esquecer esses sonhos. Vai aprender que aquilo que ele chama de um "mundo de coisas que o papai sabe" nada mais é do que duas ou três coisas sabidas com segurança e uma infinidade de outras obscurecidas por uma ignorância quase total.

E aprenderá também que o "futebol do papai" nada mais é do que dois ou três chutes numa bola desprevenida.

Mas não lhe mato, na flor, o encantamento do sonho. Deixá-lo viver a doce inocência de sua pobre esperança, aprendendo com a vida o que só ela pode ensinar.

Não lhe vou contar as gracinhas do Ricardo por uma questão de princípios. Não fosse isso, eu as contaria, porque, na verdade, o considero uma das mais geniais crianças que tive a ventura de conhecer. E aqui não falo como pai, mas como um observador antigo de tudo e de todos, principalmente das crianças.

Pode ficar descansado que não lhe contarei.

Nada me amola mais do que duas mães que se encontram para contar as belezas dos filhinhos. E sabe por quê? Porque cada uma só está falando para si.

Quando uma mãe está a descrever as artes do seu filho e as peripécias de sua inteligência, a outra, em geral, não a está ouvindo. Porque está rebuscando na sua memória e, muitas vezes, na sua imaginação, as do seu filhinho para rebater o entusiasmo da outra. É um suceder de réplicas e de tréplicas. Garanto que, ao fim, da fala que passou, só ficaram no ouvido e no coração de ambas as palavras de incenso próprio por elas mesmas proferidas.

Direi apenas que, com cinco anos, o Ricardo fazia sominhas e contava até mil. E que nas conversas era sempre o ouvido. Vivo como um adulto, em todas as nossas questões mais sérias, lá estava ele arriscando o seu palpite e dando a sua ideia.

Ouvinte apaixonado de histórias, tem uma memória de gênio. Ai de quem, ao repetir-lhe uma história, esquecer um detalhe. Quantas vezes o vi recriminando bravamente a descuidada de sua mãe. E dizia nervoso:

– Mas essa mãe é boba! Não sabe nada não. Ô mãe, aí, ele entrou no mato e se perdeu na floresta (e continuava a história).

De tanto me pedir, resolvi também eu contar umas histórias. Lembro-me de que organizei seis histórias: Moisés; Tobias; Elias; Jesus; Vovó Anita; e a minha.

Como ria satisfeito com as pragas de Moisés.

E eu, entusiasmado por ele, ia representando papéis. Não apenas contava, como interpretava. E eu suava, gesticulava, gritava, mexia, tremia, para o seu encantamento completo.

Da vida de Jesus foi que ele mais gostou. Mas tinha obsessão pelo milagre. De modo que muitas vezes eu tive que fazer uma subversão nos fatos históricos, intercalando aqui ou ali, esse ou aquele milagre. A história foi dividida em capítulos: um para cada noite. Aquilo ficou apelidado de "Aula de Moral". Acabado o jantar, o Ricardo grudava-se em mim.

E começava a impaciência:

– Ih, essa mãe é mole! Imagina que ainda não arrumou a cozinha! Anda, mãe, a "Aula de Moral".

– Ainda é cedo, meu filho. Só às seis horas que o papai vai começar.

Então ele queria saber:

– Quantas horas são?

– São cinco e meia. Falta ainda meia hora.

– Esse negócio de meia hora, eu não entendo não. Quero saber quantos minutos é que faltam.

– Faltam trinta minutos, Ricardo, respondia a mãe, pacientemente.

Então ele começava a contar nos dedos de um até trinta. Mas de minuto a minuto, já vinha a eterna pergunta:

– Pai, quantos minutos ainda faltam?

Muitas vezes tivemos que iniciar as nossas aulinhas mais cedo. Para atender à sua insistência.

No fundo aquela insistência era uma defesa. Madrugador incorrigível, rara a noite que às sete horas já não estivesse dormindo. Muitas foram as histórias que a mãe lhe contou e cujo fim não conseguiu ouvir, jamais.

Às seis horas, todos a postos. Denise com as pernas cruzadas, Ricardo com a alma na boca. E eu começava:

– Vamos ver hoje mais um capítulo da mais linda história que já se ouviu contar.

Ele:

– Tem milagre?

– Tem, meu filho, tem três milagres.

– Três só? reclamava na hora.

Como reclamaria também se eu dissesse que havia trinta. Mas eu o controlava.

– Mas são três milagres grandes. Compridos. Muito bonitos.

Ele sorria satisfeito. Então eu recomeçava.

– Vimos, no capítulo de ontem, que ...

Não podia continuar. Me interrompia na hora.

– Chega, papai, o senhor não vai repetir que Jesus ontem... – e repetia tudo o que eu dissera na véspera, para concluir irritado:

– O que você contou ontem, já contou. *Tamos* cansados de saber.

E olhando para a mãe:

– Esse pai é bobo, sô! Pensa que a gente num sabe.

O melhor milagre, para ele, foi a da “pesca milagrosa”. Como sorriu satisfeito, quando lhe disse que os discípulos não aguentaram a puxar a rede, tal o número de peixes que havia lá dentro!

Madrugador, às cinco da manhã, às vezes às quatro, começava a pedir:

– Meu mingaaaauuuuu!

E a mãe, ressonando na cama. Evidentemente, aquilo não era hora de se levantar, para quem já deitara tão tarde e já tão cansada. Mas o moleque não parava. Até que dizia por fim, numa voz que quase acordava a cidade.

– Eu não tenho mãe, nãããooo? Eu não tenho mãe, nãããooo?

Não havia outro jeito. Só o mingau lhe restituiria a calma. E após a calma, ele trocava de cama. Vinha para a nossa e se espremia no meio.

Depois que lhe cortamos esse costume, ele passava assim mesmo, mas ficava sentadinho na beira da cama, colado aos nossos pés, esperando clarear. Quando clareava, muito tempo depois, ele começava outra vez:

– Mãe, já tá claro. Pode levantar. Mããee! Já tá claro, pode levantar.

Quantas vezes, coitadinho, o apanhei às duas da madrugada, sentadinho na nossa cama, contando nos dedos. Esperava os minutos passar.

E eu o tinha que pôr a muito custo debaixo da minha coberta, entre mim e Bebeta. Não queria desobedecer à mamãe.

Sentindo como ninguém, um olhar mais pesado do pai ou da mãe é um caso de morte. O alegre de sempre se amua num canto. E a tristeza do pito, dificilmente, passará.

Bom como um sonho! Seus brinquedos nunca foram só dele. Nossa casa é um rosário de crianças pobres! Todos lá vão procurar o Ricardo a fim de brincar. E ele distribui para todos seus inúmeros brinquedos: revólveres, bolas, caminhões, bichinhos, carrinhos, tudo, porque ninguém poderá ficar sem brincar. Nesse particular é o oposto da criança comum. Não abriga de nenhum modo o egoísmo nas coisas. O que é dele é dos outros. Sempre foi assim, o que, de todas as suas virtudes, é o que mais nos agrada.

A história de que menos gostou foi a minha: triste demais, disse ele, e a Denise começou a chorar.

XXXII – Denise, a teimosa

A Denise é o dengo da avó. Vai fazer, no próximo dia 6 de agosto, o seu quinto aninho.

Está no mês em que mais sofre. Sua paixão começa em junho e termina em agosto. Exatamente porque, nesse período, o Ricardo fica dois anos mais velho que ela. Ela não se conforma com isso.

Jamais lhe conseguimos explicar porque não têm ambos a mesma idade. Nenhuma tentativa a pode satisfazer. E sofre com isso.

É uma serelepe em pessoa.

Quando nasceu, confesso que não esperava pudesse ter nesta filha a imensa ternura dos meus dias. Depois, com o crescimento, fui vendo que bênção representa no lar a vinda de uma filha.

Atenciosa, meiga, afável, gentil, graciosa e amiga. Mais amiga da mãe, junto de quem não sai um só momento. Vaidosa como uma mulher. Boa como uma esmola. Terna como um beijo. Suave como o sereno. Mas persistente.

Nunca vi, em ninguém, de modo tão desenvolvido, a persistência da Denise. Persistência e personalidade. Que de resto se misturam a uma teimosia irreversível.

A quantas festas deixou de ir por não aceitar o vestido que a mãe lhe indicava. Ela queria era o outro. Ou ia com o outro ou não ia. Quase sempre vencida, porque a sua persistência é impressionante.

Tia Elza observou isso desde cedo. Se ela desejar uma coisa, você pode argumentar como um Deus, que

não a demoverá. Ela ficará pedindo. Você vai falando, e ela vai pedindo. Pedindo, pedindo, pedindo, até conseguir.

A Denise, para mim, é a mais perfeita explicação daquele ensinamento de Jesus:

– “Se baterdes à porta de um vosso amigo, com insistência, ele vos atenderá, quando mais não seja, pelo menos para se ver livre da vossa presença. Pedi e obtereis!”

Ela pede e invariavelmente obtém.

Há coisas impressionantes na vida desta filha. Contá-las seria escrever um tratado de ternura e de inocência meiga. E você não está para isso.

Mas não posso me esquecer de duas passagenzinhas da Denise.

Conversávamos em casa sobre a maneira de proporcionar à vovó Ladinha um jeito de aliviar a saudade. Na sala estávamos Sr. Ítalo, Bebete, Ricardo e eu. Denise, sentada no chão, vestindo a sua bonequinha, esquecida de tudo.

Sr. Ítalo achava que o melhor era irmo-nos todos até Guarani e depois de lá trazermos a avó, para uns dias no Sul. Bebete apresentou sua ideia. Ricardo, também, como sempre. Lembro-me da minha.

Eu dizia que o melhor era eu ir sozinho a Guarani e trazê-la comigo.

Foi aí que o diabinho entrou na conversa.

– É mesmo, vô, o pai indo lá ela morre de saudade de nós e vem com ele. Se nós for, ela mata a saudade lá, e num volta com nós.

Não paramos de rir até hoje. Da graça, mas, sobretudo, da perfeitíssima observação.

O outro caso se deu com o Ricardo.

O Ricardo tem uma vidência na flor da pele e que lhe tem trazido muitos aborrecimentos noturnos. Aproveitando umas brechas que as nossas imperfeições lhes criam, certos espíritos maldosos ou ignorantes dele se aproximam e começam a amedrontá-lo. E ele acorda chorando. Chorando e apontando. E a exaltação é angustiante para nós.

Eu abro "O Evangelho segundo o Espiritismo" e dele leio um trecho. Depois uma prece. Quase sempre a melhora vem na hora. E não por mérito nosso, mas pela fé do Ricardo. Dificilmente encontrei num adulto a fé do Ricardo.

Quando ele está com uma dor qualquer, ou uma indisposição natural, ou amedrontado, pede invariavelmente:

– Papai, faz uma prece. Pede à vovó Anita para sarar eu.

Se o mal demora a passar, ele pergunta:

– Papai, o senhor fez a prece?

E ele mesmo responde:

– O senhor não fez, não, porque a dor não passou!

Isso raramente, porque quase sempre o comentário é outro:

– Papai, a vovó Anita é danada! Sabe que a dor já passou?

E eu, aproveitando a oportunidade.

– Pois é, meu filho, a vovó toda a noite fica por nossa conta. É só chamar, que ela vem. Às vezes demora um pouco, porque ela tem tanta gente pra olhar.

E ele sabe que isso é verdade. E sabe que toda a noite a vovó Anita vai a Londrina ver o "ti Dico", a São

José do Rio Preto ver a "ti Anita", vai a Astolfo Dutra ver "tia Lila", "tia Edna", "tia Marli", todo o mundo, para depois vir aqui e chegar até Serrania, onde está o "tio Ayres".

E sabe que o sono só chega com o beijo da vovó que não falha uma noite. E ele mesmo explica.

– Espírito é como o vento, né pai? Vai a todo o lugar, na mesma hora, né pai?

Mas numa dessas noites de sustos do Ricardo a Denise ajudou-nos na prece. E observou que a certa altura eu dizia:

– Vão, com Deus, meus irmãos. E deixem meu filho, em paz.

Ao que o Ricardo acrescentou: "Estão indo, papai. Agora está tudo calmo".

Pois bem, no dia seguinte, o Ricardo, não sei por que razão, aborreceu a Denise. E ela, triste, dizia num canto:

– Também num faço mais prece pra ele. E quando o papai mandar eles embora, eu vou falar: num vai, não, espírito. Fica mais pro Ricardo chorar. Ele vai ver. Num faço mais prece pra ele. Só pro Ronaldo é que eu faço!

XXXIII – Ronaldo, o caçula

Ronaldo é o caçula. Fez um ano este mês. Foi apelidado pelo Jarbas de “o coelhinho da páscoa”.

Nunca vi um apelido mais feliz. É realmente o nosso coelhinho da páscoa.

Nasceu em 4 de julho de 1963, numa madrugada excelente. Foi o mais esperado dos filhos.

Por uma razão muito simples. Quando nasceu o Ricardo, em nossa casa só eu e Bebete. Já na Denise, havia o Ricardo. Agora eram quatro a esperar o neném.

Com uma agravante. Não lhe posso dizer quem era o mais ansioso dos quatro. Denise queria uma irmãzinha para brincar de boneca. Ricardo, um irmão pra jogar futebol. E insistiam com a mãe: “É homem ou mulher?”

A mãe ficava numa dificuldade tremenda. Nenhuma resposta lhes poderia agradar completamente. Porque seus desejos eram opostos.

Da noite de seu nascimento, noite não, madrugada, ficou-me uma recordação que jamais esquecerei.

No quarto ao lado, dormiam como justos Ricardo, Denise e vovó.

Ricardo, muito vivo, percebeu que o dia era aquele. A casa estava mais bonita e a mãe dissera ao pai que devia ser hoje. Aquela parábola, ele matou na hora. E foi correndo dizer:

– Denise, é hoje que o neném vai chegar. Eu vi a mamãe falar com o papai. É hoje, Denise. É hoje.

E pulava e gritava, e dançava e cantava.

De maneira nenhuma quis ir para a cama. “Vê lá, dizia consigo, eu esperei tanto esse dia, e agora me que-

rem por na cama! De jeito nenhum. Quero ver a cegonha chegar. Hoje ela me paga.”

Mas o sono apertou e ele foi para a cama. O sono era, porém, tão leve que uma pluma caindo podia acordá-lo. Nossa preocupação era essa. E se na hora de o neném nascer o Ricardo acordar? Nosso quarto era ligado ao dele e não havia porta para os separar. De modo que, acordado, nada o segurava por lá.

E o menino nasceu. Parto feliz como os outros. Apenas um pouco mais lento, pela morosidade das contrações.

Enquanto o médico cuidava da mãe e a avó do outro neto, eu fui ver os meus filhos. Ricardo abriu um olho e ouvira um chorinho. Perguntou-me:

– Que é isso, papai? Parece galinha! – exclamou assustado.

– Vem ver a galinha!

Peguei-o no colo e levei-o pro quarto.

Ninguém descreverá jamais o que todos nós vimos. O entusiasmo do Ricardo, a felicidade do Ricardo em face do novo homenzinho que a mãe lhe entregara.

Tinha vencido a parada. O dele chegara. A Denise que esperasse outra vez.

E passou o resto do amanhecer adorando o irmão. E conversava, e queria pôr bico no neném, e queria pegá-lo, e queria beijá-lo, e beijava a mamãe, e beijava o papai, e beijava a vovó.

Feliz comemoração para um grande presente.

Acha a Elizabeth, baseada no seu caderno de notas, que o Ronaldo bateu todos os recordes de robustez conseguidos pelo Ricardo. Não discuto o problema. Sei, isso sim, que dos três foi o que menos susto nos deu. Com o

Ricardo, duas ou três vezes, tivemos que, sobressaltados, correr ao doutor. A Denise, embora seja de uma saúde de ferro, também nos sobressaltou duas vezes. Numa, inclusive, chegando a desanimar o próprio doutor. Felizmente o susto passou e nunca mais com ela tivemos problemas. Ricardo, vez por outra, nos leva à farmácia. Ronaldo, não. Nasceu forte, está crescendo forte, para desespero dos colos que o pegam.

Está com quatorze quilos, E é um menino bonito.

Há quem veja no filho o retrato do pai. Um consolo talvez.

Mas, na verdade os três de mim pouco têm. Todos os traços vieram de Guarani, com aqueles narizes chatos que a Itália nos encaminhou. A que não tem no nariz a marca da origem é a Denise, brasileira como a avó, morena como a avó, sonsa como a avó, toda ela como a avó.

Hoje, beijando seus retratos, eu faço minha prece. De Deus só quero uma coisa:

– Que os meus filhos sejam bons como eu sou, sincero como eu sou, amigo como eu sou, ternos como eu sou, tranquilos como eu sou, humildes como eu sou, honestos como eu sou, leais como eu sou, alegres como eu sou, despreocupados como eu sou, mas, sobretudo, que me amem com o mesmo amor com que sempre os amei.

XXXIV – Um médico chora

Dr. Grossi chegou-se a mim e me disse, comovido:

– Meu caro, nada tenho para lhe oferecer. Mas se a minha amizade puder lhe valer alguma coisa, quero dizer-lhe o seguinte: - Enquanto vida eu tiver, se você aqui permanecer não precisará pagar nem um tostão ao médico.

Com essas palavras, embargadas pela emoção, o inexcusável amigo vinha me pedir que não mudasse de lá.

Não era bem um pedido. Amigo certo, sabia o que devia e o que não devia pedir. Era mais uma demonstração de solidariedade e de tristeza, pela minha repentina decisão. Acostumado a atender minha esposa, acompanhando, pulsação a pulsação, toda a saúde de meus filhos, uma amizade imperturbável nos uniu para sempre.

Não sei se terá sido o futebol ou o carinho com que ministrei algumas aulas aos seus filhos, ou a lembrança da mãe que me criou, o principal elemento a nos unir os corações.

Sei que aquela sua oferta nada trazia de novo. Esquecera o nobre amigo, e excelente médico, que jamais me cobrara receitas. Explorei-o quanto pude, e a sua solicitude nunca deixou de ser a mesma.

Ao recebê-lo em casa, não era o médico que entrava. Era o irmão, o amigo, o pai.

Dr. João Evangelista Grossi nasceu, parece-me, em Mercês do Pomba, mas havia mais de vinte anos que

vivia em Astolfo Dutra disseminando o bem e espalhando benefícios.

Impulsivo e um tanto temperamental, seu coração é uma bolha de sabão. Suave como o de uma criança; agradável como um perfume. No peito, nem o Cristo o arrasta; com jeito, uma ave o conduz.

A pobreza em Astolfo Dutra tem o seu Francisco de Assis. A juventude estudantil tem o seu Rui Barbosa. Bom, como o primeiro, e eloquente como o segundo, sua vida tem sido um divertir-se entre as dores de uns e os encantos de outros.

Tardes memoráveis vivemos ao seu lado, ali no Grêmio "Onze de Agosto", embevecidos pela sua retórica.

Nas suas mãos nasceram Denise e Ronaldo. De suas mãos vieram tranquilidade e sossego para muitas noites de insônia.

Chamei-o um dia "meu benfeitor", ao que prontamente protestou. Mas não engoli o vocábulo. Porque só ele pode definir o que representou, em minha vida, a presença desse excelente esculápio.

Espírito jovial, é o amigo número um dos esportes. Nada que se faz, nesse setor, em minha terra, o apanha ausente. E a disposição e o espírito de serviço são sempre os mesmos. Nos bailes, é o folião mais constante. Na igreja é o crente mais contrito. Para, com essa contrição, continuar nas graças de sua esposa terrivelmente católica.

Tão católica que, apesar de me estimar muito e conhecer-me melhor, temia que nas minhas funções de professor eu pudesse, esquecendo minha origem e destruindo os meus mais salutares princípios, desrespeitar a

juventude, inculcando-lhe as minhas crenças e as minhas convicções.

Aqui devo dizer uma coisa que para mim é um evangelho.

Nada me aborrece mais do que ver o mestre fugir do seu caminho. Sempre considerei um crime sair o professor de sua cadeira, para em desrespeito flagrante às consciências e à liberdade imiscuir-se no terreno da política partidária e do sectarismo religioso.

Tenho certeza que nunca respeitaram a minha infância. Jamais poderia esquecer as humilhações por que passei, quando, indo ao grupo para aprender a estudar, por lá ouvia um desfilar incessante de críticas e deboches ao Espiritismo, que endireitou o meu pai, felicitou minha mãe e de mim fez um homem.

E continuam as infatigáveis professorinhas primárias, certas de que estão agradando a Deus, a cometer esses crimes, na mais pusilânime de todas as tarefas.

Um filho que lá pomos, lá o pomos para aprender a ler e escrever. E o pomos porque o Estado que não tem política nem religião abriu as escolas. E elas que recebem o seu ordenado saído de todos os bolsos, inclusive dos nossos, espíritas e protestantes, esquecendo a sua missão, divina missão, tornam-se criminosas sem defesa, ao manchar o coração inocente com a mais pura de todas as revoltas.

Pensando assim, não podia agir de outra maneira. Foi o que fiz sempre. É verdade que, na presença dos pais, e chamado a intervir, nas reuniões do Grêmio "Onze de Agosto", nunca escondi minhas ideias. Tanto políticas, quanto filosóficas, quanto religiosas. Mas na frente deles, para que me acusassem ou que mostrassem o

erro das minhas convicções. Nunca longe deles, para não cometer o crime que eu reputo mais bárbaro.

Foi através desse modo de agir que consegui amizade e confiança de meus alunos. Sabiam todos que junto deles eu estava para cumprir um trabalho; nunca para sujar-lhes o ideal e corromper-lhes a pureza da crença. De cada aluno, tenho certeza, eu fiz surgir um amigo.

Apesar disso, não faltam em Astolfo Dutra vezes em que me apontem como "o subversivo" ou como "o condenado".

O pior é que sabem que para o inferno, se inferno existisse, iriam todas antes de mim.

Se a esposa tinha dúvidas, o esposo era um crente.

E na religião das nossas amizades, creio que ele nunca perdeu a fé.

XXXV – O “coitado” da Lila

Quando o médico parou, estava chorando. Elizabeth chorava. A mesa chorava. As cadeiras choravam. Chorávamos todos. Mas não podia ficar.

Desde 1954 estava eu colaborando assiduamente na Escolinha do “seu” Jarbas. Esse Jarbas era o “De Freitas”, contador público e particular que tinha a mania do ensino.

Um dia, ao entrar no jardim, abrigou uma ideia: Fundar uma Escola. E lutou bravamente até conseguir uma escola. Onze anos de lutas continuadas, insistentes, persistentes, demoradas. Mas conseguiu afinal.

E lá, junto do velho mestre, estávamos nós com a nossa mãozinha de cal. Depois veio o Ginásio. E a minha situação ficou apenas nisso: das 7 às 11 no Ginásio. Das 12 às 16 na Coletoria. Das 18 às 21 na Escola. Isso é vida?! E não foi nem um nem dois anos. Foram dez anos!

Eu me estava acabando. Sumindo. Cada vez que um amigo distante voltava a me ver, a surpresa de sempre:

– Puxa! Como você está magro!

Foi numa visita que eu fiz ao meu pai que eu fiquei mais preocupado. Papai quase nunca adoecia. Mas dessa vez estava na cama. Fui vê-lo.

No quarto, além do doente, D. Sinhaninha, segunda esposa do “velho”, Nair do Niquito e a Lila. Entrei e sorri.

– Que negócio é esse, pai? O senhor não sabe que a doença é a inimiga número um da saúde? – tentei gra-

cejar. – É preciso acabar com isso. A vida está boa lá fora!

Minha irmã não sorriu. Eu estava com uma barbichinha de três dias. Aproximou-se de mim, passou a mão no meu rosto e disse:

– Coitado do meu irmão.

Duas grassas lágrimas molharam-lhe o rosto. Papai, creio que fechou os olhos. Eu engoli a covinha. Lembrei-me da Denise, quando a mãe lhe contava uma história bem triste.

Aliás, não era só com as histórias. No cinema também. A Denise tem a sensibilidade das flores. Por qualquer coisa, aqueles olhinhos vão se amiudando ainda mais, a testa se franze, engole a covinha e pronto. Os olhos estão chorando.

O que quase levava o Ricardo a protestar, choramingando também:

– Pronto, está a boba chorando.

Ela, para não desengraçar a mãe, tentava sorrir, mas era um riso molhado.

Eu engoli a covinha e calei-me. Mas, calado, comecei a pensar: Por que coitado?

Até hoje não estou muito certo das razões daquele coitado. Acho que minha família, no fundo, não me considerava feliz. É possível que não conheçam bem a minha esposa e a suponham um tormento. Aliás, nunca fomos de muitos agrados. Na nossa família existe um ditado: "Só nos unimos na dor!" Nas alegrias, não! Cada qual para o seu lado.

Você sabe, família grande tem muitos problemas. E disse-me-disse, e não-sei-quem-falou, e no fim tá todo mundo de mal. Só os homens se salvam. Homem não

dá muita bola pra essas coisas. De modo que o governo caiu, a luz apagou, o riso sumiu, a guerra acabou, o sol não se abriu, a chuva cessou, mas os homens são os mesmos. Imperturbáveis na sua união!

Talvez por isso, nunca sentiram bem a pulsação da minha felicidade. E há ainda esse sorriso triste que eu não sei expulsar. De modo que todos pensam que eu sou infeliz. Outros que sou "camisola".

"Camisola" é o termo com que se procura definir por lá esses maridos que não saem de casa, porque a esposa não deixa. Não vão a festas, não vão a bares, não vão a nada. Sozinhos, é lógico.

Eu seria pra eles "o camisola".

Nunca me defendi dessa acusação. Não vale a pena. Desde cedo, sempre fui "o caseiro". Para encurtar a conversa, a primeira vez que entrei num baile foi em 1948, quando tinha 17 anos e somente porque se tratava do baile de minha formatura.

Inúmeras namoradas que consegui apanhar, na véspera dos carnavais, na quarta-feira de cinzas, já a outros pertenciam. Porque sempre fui, além do mais, um tímido.

De modo que o casamento não mudou o homem. O homem era o mesmo. Se antes ficava em casa, porque lá fora a vida não me despertava, agora nele permanecia porque a vida estava cá dentro.

Minha esposa foi sempre a minha melhor amiga e a grande companheira. Junto dela eu me sentia realizado. Completo. Satisfeito. Feliz. Por que sair para as ruas, quando a minha vida ficara no lar?

De modo que o lar me prendia. Futebol para mim era uma chatice. Sobretudo quando o jogo era fora. Pois ia trocar por pernadas o doce convívio da amiga.

Amiga e companheira, muitas foram as orientações seguras que dela recebi com agrado.

Mas, como disse, minha família parece que não o entendia assim. E deixava escapar com isso uma curiosa observação sobre a inteligência vivaz da Elizabeth.

Sendo eu jogador de futebol, ela transformou-se na mais ardorosa torcedora. Botafoguense eu, passou o Botafogo a ser o time dela.

Se eu gostava de um jogo, ela o aprendia, de pronto, pra se tornar minha parceira. E com essa maneira de sentir a vida foi-se acostumando com tudo de que eu gostava, para cada vez mais se aproximar de mim. Nada mais natural, portanto, que eu me sentisse deslocado longe dela.

A família não entendia isso e fazia lá as suas suposições.

É possível que aquele "coitado" da Lila também fosse por minha magreza. Eu estava acabado. Alguns fios começando a pratear-me o cabelo.

Precisava mudar. Foi com tristeza que eu recebi aquela decisão. Confesso. Em Astolfo Dutra eu deixava quase toda a parte boa de minha vida. O Cabibó onde passei a minha infância. O Rio Pomba cujas águas tão mansas tantas vezes beijara. O Portuense⁽¹⁾ com suas verdes camisas. A minha Rua de Cima, com a sua gente

⁽¹⁾ Portuense era o nome do time de futebol da cidade, em que Arthur e seu irmão Ayres atuaram por muitos anos. O clube participava dos campeonatos regionais que envolviam várias cidades da região. Os jogadores eram, no entanto, amadores.

nas calçadas; a Rua do Sapé com seus homens descalços; os parentes mais caros; os amigos mais certos; as saudades mais puras.

Quando, naquela noite de despedida, Mário, Francisquinho e Xene tocavam gostosamente os acordes do adeus, lembro-me de que alguém me perguntara curioso:

– Então, Arthur, quando volta?

E eu, certo:

– Nunca mais.

O Luizinho cochichou para um outro:

– É duro, hein?

Na sua garganta se formara um bolo. O intragável bolo da emoção, que nada consegue fazer descer.

Eu era por inteiro um trágico bolo daqueles. Porque sabia, finalmente, que era aquela noite a minha última noite no berço.

De lá partiria para a frente. E o velho Porto, o Porto de Santo Antônio, seria uma saudade apenas. Aquele lenço molhado que, ao baloiçar-se no vento, vai dizendo adeus.

XXXVI – O soneto e o poeta

Lembra-se do soneto que na primeira noite de nossa lua de mel lemos cinco vezes?

Venha cá, vou mostrar-lhe o soneto. Já vi que, enquanto você não o ler, não parará de perguntar. Aqui está. Leia-o.

PATERNALMENTE

(Aos jovens irmãos e amigos Arthur e Elizabeth no dia das suas núpcias)

Bebete e Arthur: viveis aquele dia
Com que, há dois anos, tendes vós sonhado.
Em vossos corações, vibra a alegria
Do supremo ideal realizado.

Começa agora a marcha lado a lado
E as vossas almas choram de alegria...
E se acaso me fosse facultado
Um conselho de pai eu vos daria:

– No vosso lar a paz e o entendimento
Não vos faltem, jamais, um só momento,
Mesmo que vos visite a própria dor!

Fazei da compreensão chama votiva
E ela brilhará, radiosa e viva,
Como bênção de Deus ao vosso Amor!

Tenho dito diversas vezes, nas minhas palestras literárias, que dificilmente um poeta é sempre poeta.

Com essa frase, quero dizer que nem tudo que o poeta consegue produzir, em geral, é belo, ou é poético.

Acho que a poesia é um estado de alma e ao poeta cabe explorá-lo quando o estado lhe chega. Poesia não é artigo de fabricação sucessiva. De fabricação em série, como se diz na indústria. Absolutamente. Muitas vezes, durante um ano, duas ou três vezes o poeta está em estado de graça. Depois a inspiração se eclipsa.

É por isso que a gente vê os mais lindos poemas ao lado das mais medíocres porcarias brotadas da mesma pena. Posso provar isso. Dê-me qualquer livro massudo de poemas. E você há de ver que é preciso o poeta ser muito bom, para alcançar em todo o livro um índice de 10% de belas produções. Quando o poeta é excepcional, pode elevar a percentagem para 20% e até 40%. E por que isso ocorre? Falta de gosto? Pouco sentido de autocrítica? Não. Claro que o poeta, pela alta sensibilidade que possui, sabe o que presta e o que não presta. Mas precisa publicar o livro. Precisa apresentar produção. E sacrifica o estro, em função da vaidade.

Creio que a maior justiça que se pode fazer ao talento de Sebastião Lasneau é dizer que ele é um poeta em estado de graça permanente.

Com ele convivi de perto, durante muito tempo. E conheço quase toda a sua obra. E, ao emitir essa minha opinião, você pode estar certo de que a amizade não deturpou o conceito. Sou bastante justo e capaz, nisso posso afirmar que o sou, para distinguir bem onde está o amigo e onde fica o poeta.

O amigo é muito grande, mas o poeta é maior.

Abrindo o seu livro "EVA-MUSA" lá estão estes versos admiráveis:

Eva-Musa, mulher, e a eterna inspiradora
 Que Da Vinci pintou e Dumas descreveu;
 Que deu a Edgar Poe a cândida Leonora
 E que foi entre nós Marília de Dirceu.

Lamento não sabê-la de cor, para você ver bem a verdade que eu digo. De sua pena têm saído coisas de admirável beleza. Por exemplo, leia esta quadra com que ele abre o belo poema "Filosofia Hindu":

Quando você nasceu, era setembro,
 A natureza de flores se enfeitava.
 Faz muito tempo, mas ainda me lembro:
 Todos sorriam, só você chorava.

Nesse poema, depois de nos transmitir ensinamentos notáveis para o curso da vida, conclui com este admirável conselho:

Lembre-se, pois, do filho de Maria!
 E ao chegar o termo da jornada,
 Que todos chorem, mas você sorria!

Esse é o poeta que protegeu nosso encontro. Foi depois o padrinho de nosso casamento.

E a crer na linguagem das coisas, deve aceitar o que este quadro me diz:

– Quem tem a ventura, que vocês tiveram, de se acobertarem sob o coração de um poeta, não pode viver

maus dias. Se foi um poeta que abriu o caminho de suas vidas e que os aproximou para sempre, vocês lhe devem, por gratidão pelo menos, o prazer de ver que as horas de seus destinos nada mais têm sido do que encantadores versos e encantadores rimas!

Nós conseguimos isso! Para felicidade nossa e daqueles que nos amam, nossa vida tem sido o mais perfeito poema!

XXXVII – A carta que não seguiu

E aqui está a carta que não seguiu. Meu pai, a quem se destinava ela, talvez nunca chegue a lê-la.

Não a mandei não porque não confiasse no velho. Pelo contrário, sempre foi um homem de fibra, e nunca temeu a adversidade. Nascido dentro dela, e tendo de vencê-la para conquistar seu destino, nunca foi homem de tremer em face da luta. Nem em face da luta, nem em face da verdade. Inimigo número um da mentira, tem verdadeira veneração pela verdade, ainda que ela o venha ferir ou magoar.

Você se recorda da maneira com que ele me mandou anunciar, pelo Niquito, a morte de mamãe:

– Chega lá e não mintas. Fala a verdade, Conosco não há tapeações.

A carta não seguiu apenas porque me lembrei de um princípio que eu estava esquecendo: “Não faça ninguém sofrer com as dores que você está sentindo”. O Cristo ensinara: “A cada dia, basta o seu mal”. Ao que eu acrescentei: “E a cada um bastam as próprias dores”.

Tome-a.

Pode ler:

S. Rita de Caldas, 19-4-64

Meu caro pai:

Não sei como recebeu o senhor o movimento revolucionário que em três dias pôs a correr o senhor João Goulart com todos os seus amigos e, de encambulhada, para não

perder a oportunidade, todos os adversários políticos do Ademar e do Lacerda – os grandes campeões da “democracia” brasileira.

Acompanhei as constantes pregações do expurgo do Sr. Ademar de Barros. Cinco ou seis vezes, por dia, comparecia às estações de rádio e de televisão paulista – em cadeia, a “Cadeia da Liberdade” – o fugitivo de Cochabamba – aquele a quem o Lacerda chamou de corrupto e ladrão impenitente (e que hoje é o seu grande aliado) – para pregar em nome da liberdade o extermínio total de comunistas, criptocomunistas e, principalmente, daqueles que não aprovam a cínica filosofia do “rouba, mas faz”, que tem nele o seu criador e corifeu mais fiel.

Importante é que dizendo ter aspectos saneadores e moralizadores, as medidas que atingiram o larápio Lupion não tenham atingido o colega de São Paulo, nem impedido que se tenha feito vice-presidente, inclusive com o apoio da UDN, o ministro do whisky a meio-dólar, Sr. José Maria Alkmin.

Não sei como estará conciliando o senhor o seu figadal ódio ao PTB com o seu espírito de Justiça, em face de tão contraditórias perseguições.

Concordo que o senhor João Goulart estivesse, com as contradições geradas pela sua própria burrice e por suas facilidades econômicas pessoais, desencaminhando o país.

Mas tirá-lo com um golpe militar, para pôr o país sob o jugo do bilioso Lacerda e do peculatório Ademar, não resolve o problema.

De todo esse enojado processo, sobrou-me um sentimento positivo: a minha admiração pelo “Correio da Manhã”, pela atitude corajosa e desassombrada em face das arbitrariedades cometidas.

Excetuado, é claro, esse fétido All Right que ainda acha “obsoleto o asilo político”, como diz em sua crônica de 17: “A revolução e Jânio”.

Fala-se em anulação das últimas nomeações. O deputado pela UDN de São Paulo – Sr. Laerte Vieira – anda pregando a necessidade de o sistema revolucionário vigente proceder à anulação das nomeações ultimamente realizadas – a fim de salvar as finanças do país.

Já a brilhante burrice do funcionário público Ranieri Mazzilli, em sua fala à nação, afirmara ser o funcionalismo, com seus polpudos vencimentos, a desgraça número um do país.

Atendida essa fulgurante solução apresentada pela estupidéz de um e o cinismo do outro – está salva a pátria, debelada a inflação e consolidada a democracia.

Mas eu e Ayres teremos que recomeçar de novo, o que, de resto, não nos intimida.

Nem se alegue o sermos concursados. Esta não é a hora de se discutirem direitos, nem de se ouvir a justiça. – Salve-se o país, ainda que se sepulte o direito!

De modo que já começamos a arrumar nossas malas para um retorno imprevisto. Certos de que recomeçar só é difícil para os que só sabem viver à sombra do pistolão e do paternalismo politiquero.

Quanto a mim, estou absolutamente tranquilo. Recomeçemos de novo.⁽¹⁾

Todos vão bem de saúde e de amizades. O clima tem-nos feito muito bem.

⁽¹⁾ Felizmente não ocorreu o que se temia: a anulação das nomeações dos concursados, que conseguiram seus cargos públicos mediante concurso elaborado pelo DASP, como era o caso de Arthur e de seu irmão Ayres.

A vida é cara, e o comércio não é farto, mas, mesmo assim, temos passado bem de boca.

Esperando que por aí ande tudo direito, com a graça de Deus, despede-se, com um abraço, o filho agradecido.

XXXVIII – Ama teus inimigos

Alguém me fez uma reflexão que me pareceu muito oportuna.

Será Astolfo Dutra um paraíso na terra, onde só há pessoas formidáveis? E os amigos são todos assim?

Meu caro, Astolfo Dutra não é um pedaço do céu. Você poderá encontrar lá gente realmente admirável. Mas não se iluda: - não é a maioria!

E quanto aos amigos, só quero dizer-lhe uma coisa. Os que eu citei não são todos. Muitas figuras encantadoras, que passeiam constantemente em meu coração, não foram citadas. Inúmeras, como, por exemplo, o Prof. Marino Defilippo, de quem tomei emprestado em 1954 cinco mil cruzeiros para fazer uma roupa, e até hoje não paguei, de vergonha. Passou tanto tempo que, sinceramente, tenho vergonha de procurá-lo para entregar o dinheiro. Foi meu padrinho de casamento, e acho que vou morrer devendo o dinheiro, além das obrigações. Se ele me cobrar eu sou capaz de pagar. O dinheiro está aqui contadinho. Mas ele não vai cobrar e eu vou morrer devedor.

João Vespúcio, minha ternura da infância. Luquinhas, o "das flores", porque o Hélio um dia o apanhou cagando no jardim. Prof. Waldemar Almada, o venerando professor, e inúmeras outras figuras, entre as quais se podem colocar todos os alunos que eu tive.

Nada lhe disse sobre eles, para não fugir ao objetivo de nossa conversa. Queria falar-lhe sobre a minha vida, a partir de meu encontro com a Elizabeth. De modo que

só entraram na jogada aqueles que em determinado momento tiveram atuação em nossa vida comum.

Talvez em uma noite mais fria possamos conversar sobre eles. E você há de ver quanta gente admirável deixei para trás, na minha imperturbável marcha para a frente.

Dos inimigos nada espere de mim. Aliás, sinceramente, não os tenho. É possível que haja alguém que me tome por isso. E me odeie, sozinho. Porque sou de uma total incapacidade para o ódio. Não guardo rancor de ninguém. Diria, como Guerra Junqueiro, no admirável poema: "Eu costumo esquecer o mal que alguém me faz"!

E ajo, nesse setor, em absoluta consonância com o Cristo, quando nos alertou sobre o amor que devemos também aos nossos inimigos.

Tenho, em alta consideração, todas as pessoas que não gostam de mim. Porque, na realidade, são as únicas que me despertam para os meus erros.

Se os amigos não veem, os inimigos não perdoam. E proclamam, e comentam, e insistem, e publicam, e espalham, e sublinham.

São eles os nossos grandes benfeitores. Não só pelas pedras que põem no nosso caminho e que, ferindo nossos pés, nos aproximam de Deus, como pela proclamação aberta de nossos inúmeros defeitos e que nos leva então a corrigi-los.

E ainda em favor deles, dentro da minha ótica, quero dizer o seguinte: todos eles são frutos de nossa própria maldade. Procure bem e verá que, no fundo, não há o que se chama de "inimigo gratuito". Foi uma frase nossa, dita com pouca arte, ou um gesto nosso, feito com

pouco cuidado, ou qualquer outra falta de tato que os geraram no curso de nossa existência. Eles não têm culpa de não nos amar. Nós é que os fizemos assim. Fôssemos mais cautelosos, mais humildes, mais cordatos, mais silenciosos, mais gentis, mais corretos, mais amigos e não teriam surgido por certo.

De modo que, no próximo ano, vamos falar sobre eles. Está bem?

Agora quero agradecer-lhe uma coisa:

Este foi o primeiro ano em que aniversário absolutamente sozinho.

É o meu trigésimo terceiro aniversário. Idade de Cristo, portanto, a mais dura de todas. Parece até que eu o passei sozinho, para aprender uma preciosa lição. A que me manda compreender que na vida, embora muitos nos possam ajudar sempre, devemos sempre contar com o nosso esforço apenas. É como se alguém me dissesse:

– “Entras para essa nova idade, sozinho, para que, sozinho, possas ter mérito na luta”!

Sozinho não é bem o termo. Porque alguém teve a gentileza sem par de, me trazendo o vinho, trazer a amizade e, o que foi o principal, os seus pobres ouvidos, para escutarem a noite toda este infatigável “seca-bofe” das arábias.

XXXIX – Retrato três por quatro

O retrato final. Não sou muito burro, nem muito inteligente. Nem muito culto, nem muito ignorante. Nem muito enérgico, nem muito parado. Nem muito pálido, nem muito corado. Nem muito feio, nem muito bonito. Nem muito calmo, nem muito nervoso. Nem sadio, nem muito doente. Nem muito alto, nem muito baixo. Nem muito magro, nem muito gordo. Nem muito certo, nem muito errado. Nem muito bobo, nem muito vivo.

De minhas leituras, que recorro com gratidão e saudade, ficou-me a obsessão por Machado. Devo dizer, sem temor, que sou “um homem que leu Machado de Assis”. Assis e Eça foram meus grandes encantamentos. A audácia de um e a inflexibilidade do outro deixaram marcas definitivas no meu coração.

Conheço um pouco das obras de Kardec, mas tenho loucura pelo Imbassahy. Para mim, ao lado de Bozzano, as duas maiores penas espíritas que o mundo já conheceu em todos os tempos. Dele li, muitas vezes, quase tudo. E continuarei lendo, seguidamente, enquanto vida tiver.

De meus estudos, posso dizer que, claudicante no grupo, surpreendi no Colégio, para decepcionar na Faculdade. Mas alego a razão.

Detesto os títulos. Tremeo ao pensar que algum dia alguém me possa chamar de “Doutor”. Acho que será o dia mais triste da vida.

Estou tentando chegar até lá empurrado pelo sonho de meu pai, pelo entusiasmo de meu sogro, pela decisão de minha esposa. Mas eu lhe juro que eles não sa-

bem o mal que me fazem. Se o adivinhassem, de muito já me teriam amarrado à mesa, só para que eu não pudesse ir a Niterói.

De minhas lembranças, guardo a grande saudade no nome de uma mulher: a prostituta Carmem, de quem minha mulher gosta imensamente.

Não, não tem ciúmes: sua grande virtude. E sua grande defesa. Porque, do contrário, não viveria muito tempo. De resto, conhece-me bem e sabe até onde vou.

De meus alunos, enalteço a coragem de um gesto: - tornar-me paraninfo, quando tudo lhes mandava o contrário.

Assim cá sou eu, meu caro, enfrentando este frio tremendo, ainda mais sem o calor da mulher.

Em Santa Rita nos demos muito bem. Queríamos sossego. Sossego tivemos. Queríamos paz. A paz encontramos. Queríamos saúde, a saúde chegou.

Queríamos mais amor, mais amor nós tivemos.

E assim chegamos, sorrindo e cantando, ao grande ponto da estrada.

Já falei com o senhor Zé para escrever nesta parte.

"Nesta casa feliz, neste dia de hoje, - uma festa se faz"!

É a festa com que comemoramos, mas, sobretudo, agradecemos a Deus a imensa, a incalculável, a intraduzível felicidade com que povoou nossos dias.

Uma estrela no céu e uma flor no chão sintetizam bem o que foram nossos sete anos de amor.

XL – Peça paz para mim

Senhor!

Tu que me deste como mãe uma santa; como pai, um exemplo; como irmãos, dez amores; como esposa, uma flor; como filhos, três poemas;

Tu, Senhor, que não me negas nada que te peço;

Dá, Senhor, que eu seja bom e puro como as fontes que a natureza que criaste vive doando aos homens; que eu não corrompa nos dias futuros a beleza dos ideais que coloriram meus dias passados.

Permite, Senhor, que o novo ciclo de vida que hoje estou inaugurando possa ter a constante do bem. Que eu seja simples como as pombas; amigo como as chuvas; sereno como o orvalho; sincero como a luz; tranquilo como a noite; puro como os lírios; grato como as plantas; modesto como as árvores; humilde como a pobreza e limpo como o ideal.

Que em meu lar, Senhor, jamais haja lugar para o orgulho.

Livra-me, Senhor, das vaidades e das ostentações.

Que, como pai, não dê motivos para meus filhos de mim se envergonharem.

Que eu não perca o ideal e não me afaste da fé!

Que ame as águas de todas as fontes, as flores de todos os jardins, as pedras de todas as estradas; os pássaros de todos os ramos; as luzes de todos os sóis.

Que a minha boca só sirva para abençoar; meus olhos, para iluminar; meus braços, para servir; minhas mãos para acariciar; meu coração, para amar muito.

Que eu não esqueça nunca os favores recebidos, nem as origens de meu nascimento.

Que minha vida seja de tal forma, Senhor, que minha mãe me acompanhe; meu pai me abençoe; meus irmãos me compreendam; minha esposa me entenda e meus filhos me imitem.

Mas, sobretudo, Senhor, que não traia a fé que me deste e testemunhe, com atos dignos e perfeitos, que tu fizeste de mim um **HOMEM!**

Amém.

XLI – Boa noite, afinal!

A você que conseguiu chegar até o fim eu lhe peço perdão. Desculpe-me as horas que roubei de seu sono e descanso.

Fui falando, falando, e não vi que era tarde. E no fim deu-se nisso.

Agora vai-se deitar e durma feliz.

Entre as coisas que eu peço nas preces que faço, vou incluir um pedido:

– Que Deus lhe dê, infatigável leitor, pela atenção, que lhe devo; pelo carinho, que merece; pela imensurável paciência no aturar-me, uma noite feliz, uma noite de paz, uma noite de amor.

Boa noite!

Fim

Apêndice

Três textos compõem este apêndice.

Os dois primeiros foram escritos em meados de agosto de 2013, ou seja, 49 anos depois de escrito este livro.

Eles focalizam, respectivamente, Anita Borela de Oliveira e Astolfo Olegário de Oliveira, pais do autor.

O terceiro texto foi escrito quando as netas do autor eram ainda crianças, mas seu conteúdo é atemporal e constitui um belo registro de coisas importantes na vida de todos, sejam ou não membros da família de Arthur Bernardes de Oliveira.

1

Minha mãe

Minha mãe morreu com quarenta e um anos de idade. Hoje eu tenho oitenta e dois (o dobro dela) e fico na dúvida de, quando chegar lá em cima, se vou chamá-la minha mãe, minha filha ou minha neta. Ou se vou voltar a ser criança para pedir-lhe a bênção, beijar-lhe as mãos ou deitar-lhe no colo.

Recebeu no ventre para a majestosa viagem da reencarnação nada menos que doze espíritos, sendo que o último apenas por oito meses de gestação, interrompida com a sua morte e não permitindo que ele assistisse ao esplendor da vida.

Dr. Grossi, médico de família, já havia advertido:

– Anita, você não pode ter mais filhos. Sua idade e saúde não suportarão outra gravidez. (Minha mãe já passara por três derrames cerebrais, de onde voltara após luta memorável.)

– Ora, doutor – respondia ela – eu estou aqui a serviço do Pai e não posso recusar, em hipótese nenhuma, os filhos que Ele quiser me mandar.

Claro que ela não morreu por causa da gravidez. Terminara sua tarefa. (E que tarefa!) Tinha que voltar.

Uma das boas lembranças que ficaram na minha memória é o que se deu na sala de costura da velha casa da Rua Manoel Hipólito, em Astolfo Dutra. Eu estava lendo em voz alta, porque eu gostava (gostava não, gosto) do ritmo e das inversões do fantástico poema de Luís Vaz de Camões, *Os Lusíadas*, quando minha mãe,

que estava à máquina na sua função de costureira, parou e ficou a ouvir. Minha mãe não era mulher de letras, mas muito bem articulada e inteligente, era capaz de ouvir e de entender as coisas. Até as estrelas, como diria Bilac.

E ficávamos horas repetindo os versos que ainda estão na memória. “As armas e os barões assinalados, se a tanto me ajudar o engenho e a arte, cantando, espalharei por toda parte...”

Um parêntese.

Nesses versos há interessante curiosidade da língua portuguesa. É o verbo no singular para um sujeito aparentemente composto (Se a tanto me ajudar – *e não ajudarem* – o engenho e a arte). Quando o sujeito composto é constituído de palavras que indicam gradação ou sinonímia, ou parcela uma da outra, o predicado fica no singular.

Mas... continuando. O canto nono é um primor de poema de suave sensualidade e erotismo. Tal como o Cântico dos Cânticos, um dos livros da Bíblia, sua leitura era proibida pelos pais às filhas casadoiras.

De vez em quando ela pedia:

– Arthur, leia um pouco os versos de Camões. E a gente ficava bom tempo encantando-se com o talento do genial português.

Ah, que saudade da minha mãe, sobretudo agora, quando os anos já pesam tanto e as forças que ainda me restam são tão poucas!

Meu pai

Meu pai era extremamente severo conosco. Não elogiava; não aplaudia; achava que a gente estava sempre dando menos do que podia dar. Pelo menos, perto da gente. Longe, não. Longe ele sempre falava bem dos filhos; elogiava alguma virtude que a gente pudesse ter; algum desempenho nas manifestações das artes que a gente sempre cultivava para apresentar nas reuniões de nossa juventude.

Era como um rei ou uma rainha. Ai da gente se tentasse dirigir-lhe a palavra. Só quando ele puxasse conversa ou perguntasse alguma coisa.

Não me lembro que foi que eu e meu irmão mais velho, Amaury, fizemos para tomar dele uma surra com um pau de barbante nas costas. Antigamente (eu não sei se ainda há essa forma de apresentação desse tipo de barbante a que eu quero me referir), mas antigamente esse barbante mais grosso, utilizado no comércio de fumo em corda, era acondicionado em forma de – como direi? – de trançado, do comprimento de mais ou menos 60 centímetros e formava uma espécie de corda grossa, pesada, que batendo no lombo da gente deixava marcas profundas, até cortes mesmo. Ele era assim.

Meus dois irmãos mais velhos, a Marília e o Amaury, brilhavam na escola. Estavam no 1º e 2º anos do antigo curso primário (hoje esse curso é chamado de ensino fundamental). Só tiravam, nas provas de desempenho, dez com distinção e louvor. Era mais que dez. Mas como

na avaliação eles só utilizavam valores até dez, para dizer que aquela prova valia mais que dez, eles inventaram essa forma de dizer isso, acrescentando ao número dez essa expressão "distinção e louvor!" com uma exclamação enorme para chamar mais atenção ainda. Meu pai espumava de tanta alegria. Todos, na pequena cidade de Astolfo Dutra... (antigamente minha cidade, como distrito de Cataguases, chamava-se Porto de Santo Antônio. Vejam que coisa mais bonita: Porto de Santo Antônio. Porto, lugar de emoções. De quem parte, emoções de tristeza, de saudade, de dor. De quem chega, emoções de alegria, de reencontro, de renovação... E ainda mais: de Santo Antônio, o santo das casadoiras.) Quando virou cidade, resolveram mudar e colocaram um nome que nada tem a ver com a cidade: Astolfo Dutra. Astolfo Dutra foi um homem muito importante. Maior até que a nossa cidade e seus habitantes. Mas nada tinha a ver com o nosso Porto de Santo Antônio.

Pois bem, aí cheguei eu. Foi um fracasso. Tomei pau no terceiro ano. Uma tragédia. Fiquei marcado como a exceção inevitável. Não há um provérbio que diz que "toda regra tem exceção"? Pois bem! Eu fui a exceção dos filhos do Astolfo. Ganhei logo novo status e nova alcunha: o burro da família. Nisso que aconteceu, meu pai não quis investir comigo nos estudos. Amaury foi ser interno no Colégio de Cataguases, onde continuou brilhando como sempre; eu fui ficando por cá fazendo os mandados da casa. Minha obrigação mais importante era ir ao correio buscar a correspondência de meu pai que chegasse no trem das sete. Eu podia estar no centro assistindo a uma reunião importante. O trem fazia barulho na linha por detrás da nossa rua, meu pai olha-

va para mim, indiscretamente, todo mundo via, e eu tinha que levantar rápido e correr para o correio aguardar que Dona Guiomar distribuísse a correspondência chegada para os escaninhos de cada portuense que comumente recebia maior volume de correspondência para, depois, abrir a porta e começar a entregar às pessoas presentes aquilo que houvesse chegado. De posse daquele maço de cartas, cartões, revistas, jornais, voltava eu orgulhoso para entregar tudo aquilo a meu pai.

Tempos depois, acho que, com a consciência pensando, meu pai chegou em casa, em cima quase do exame exigido para a matrícula no primeiro ano do ginásio (hoje é uma parte do tal curso fundamental) e me disse de supetão:

– Olha, vou dar a você uma chance. Vai fazer a prova do exame de admissão e se passar eu o mando pro ginásio. Se não passar, a manivela está te esperando para o empacotamento do fumo. (Meu pai era fumeiro: vendia fumo para os estados de São Paulo, Mato Grosso, Paraná etc. Naquela altura já tinha um punhado de viajantes trabalhando pra ele.)

Parei com tudo. Minha mãe me liberou de todas as obrigações e eu me debrucei sobre um livro com toda a matéria exigida na prova e com muita sorte consegui ser aprovado. Que sufoco! Mas valeu a pena. Pude então começar, já velho para a primeira série, minha trajetória estudantil. Eu estava entrando no ginásio com quatorze anos, quando todos os meninos da minha idade estavam já saindo com o diploma na mão.

Meu pai era um homem extraordinário. Um dos maiores oradores da Zona da Mata mineira. Autodidata, foi

pioneiro, juntamente com Amadeu Santos e Mário Vitoriano, na divulgação da doutrina espírita em nossa terra.

Hoje, Astolfo Dutra é a mais espírita cidade de nosso País. Fruto, sem dúvida, da trajetória desses três pioneiros de que ninguém se esquece na cidade.

Uma história para minhas netas

Meu pai ficou viúvo aos quarenta e dois anos de idade. Isso, no dia 8 de maio de 1950. Minha mãe, ao partir, levava no ventre aquela que seria sua sétima filha, e deixava onze filhos para meu pai, sozinho, acabar de criar.

Não foi difícil, no entanto. A primogênita, Lila, vinte e dois anos, já estava casada. O primeiro filho homem, Amauri, vinte e um anos, profissional, cruzava, de caminho, as estradas deste imenso país. Eu, dezenove, tentava concluir o curso clássico, internado no Colégio de Cataguases. Edna, 17, e Marli, 15, assumiam as tarefas da casa, ajudadas pelas irmãs menores (Anita, Eunice e Icléa) que começavam a aprender como arrumar uma casa. Ayres, 12 anos, estava começando seus estudos em Cataguases. Astolfo Filho, 5 anos, e Ali, 3 anos, só queriam saber de brincar.

Em Astolfo Dutra, onde nascemos e nos criamos, não havia ginásio nem escola normal. Quem quisesse ou pudesse ir à frente tinha que buscar Ubá, Cataguases ou Leopoldina. Em 1939 ou 1940 apareceu por lá um tal tenente Enoch que montou uma escolinha para dar noções de contabilidade a jovens que quisessem crescer. Essa escolinha teve papel importante na vida da cidade. Embora não reconhecida pela legislação que regulamentava o ensino público e privado no País, preparou muito bem alguns jovens filhos da terra que vieram a se tornar

personalidades importantes na administração pública brasileira.

Minhas irmãs, por isso mesmo, não conseguiram fazer nenhum curso. Somente mais tarde, mas muito mais tarde mesmo, é que algumas conseguiram diploma universitário. Os homens também. Muito tempo depois é que alguns deles conseguiram, como as irmãs, passar por alguma universidade e concluir algum curso.

Minhas irmãs não aprenderam na escola. Mas aprenderam na vida. Desde cedo assimilaram a arte da tesoura, da agulha e do fogão. A mãe, em sua curta passagem por aqui, ensinou às mais velhas e essas repassaram o que aprenderam às mais novas. E como tem valido a todas a experiência que colheram!

Apenas um exemplo: Anita, a irmã do meio, casou-se muito bem com um rapaz muito sério e muito trabalhador. Ele, comerciante respeitado e dinâmico, acumulava sucessos na carreira que escolhera. Tiveram filhos. Cinco: três homens e duas mulheres. Mas o comércio costuma preparar surpresas. E o marido da Anita foi colhido por uma dessas surpresas. Quebrou. Perdeu tudo: a casa, o nome, a iniciativa, a vontade de viver. Eis que Anita assume o seu papel. E vai ao fogão. E faz salgados pra fora. E assume compromissos nessa área. Responde por bufês em festas de casamento, batizados, formaturas. A freguesia se multiplica. E Anita recupera a casa, o crédito, a disposição do marido. E patrocina o estudo dos filhos. E todos se formam. E todos a ajudam nas tarefas da cozinha. E o marido se incorpora à tarefa. E a vida se renova!

Claro! Eu espero que nenhuma de vocês tenha que passar pelos problemas que a minha irmã enfrentou.

Peço todos os dias a Deus que lhes dê um futuro sempre risonho. Saúde, bem-estar, boa situação financeira e muita disposição para o amor. Mas peço também que, mesmo que vocês dele nunca venham a precisar, Deus lhes conceda o dom do conhecimento, sobretudo o conhecimento das coisas simples da vida, para que vocês, em qualquer tempo, sejam quais forem as condições que a vida lhes apresentar, estejam preparadas para vencer. São os votos de quem ama, com paixão, todas vocês.